

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto

Desenvolvimento de um Serviço Educativo no
Palácio das Artes – Fábrica de Talentos:

Explorando a esfera da empregabilidade juvenil

Daniela Filipa Ribeiro da Silva

Relatório apresentado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação no domínio de Juventudes, Educação e Cidadania, sob a orientação da Professora Doutora Sofia Marques da Silva.

Resumo

O presente documento corresponde ao relatório referente ao percurso de estágio, que decorreu entre outubro de 2012 e abril de 2013, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, no domínio de Juventudes, Educação e Cidadanias.

O estágio teve lugar na Fundação da Juventude, mais especificamente no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos, que constitui o seu equipamento cultural. Dada a necessidade de se construir um serviço educativo neste local, o estágio incidiu sobre essa função. Tanto a Fundação como o Palácio são espaços cuja missão principal passa por desenvolver iniciativas de apoio à entrada do público jovem no mercado de trabalho. Tendo em conta que são instituições que trabalham com e para as juventudes, é essencial que o foco do processo recaia sobre este público. Trabalhar questões inerentes às juventudes tornou-se, assim, fundamental no estágio. Neste sentido, e sendo a empregabilidade uma temática muito atual e inerente aos/às jovens, devido ao seu papel fulcral no processo de transição para a vida adulta, foi essencial focar uma valência do serviço educativo neste campo. Atualmente, este processo de transição tem vindo a iniciar-se cada vez mais tarde. Isto acontece devido a um alargamento do tempo que os/as jovens passam vinculados/as a instituições de ensino (o que leva à obtenção tardia do primeiro emprego) e também à vulnerabilidade da inserção deste público no mercado de trabalho, caracterizado por desemprego e precariedade. Assim, a construção do serviço educativo leva em conta esta questão, acompanhando os objetivos principais da instituição em questão e estruturando ações e atividades dentro desta temática, que vão de encontro às necessidades das juventudes nesta domínio das suas vidas.

O relatório intitulado “Desenvolvimento de um Serviço Educativo no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos: Explorando a Esfera da Empregabilidade Juvenil” dá conta do processo de intervenção na exploração desta temática na tentativa de construção do serviço educativo durante os 7 meses do estágio, incluindo a reflexão crítica da ação desenvolvida em torno de questões importantes para se pensar um serviço educativo no âmbito da esfera da empregabilidade juvenil.

Abstract

This document relates to the report of the internship process that took place between October 2012 and April 2013. It was developed within the scope of the Master's degree of Educational Sciences, in the specialization of Youth, Education and Citizenship.

The internship took place in the Youth Foundation, more specifically in the Arts' Palace - Talent Factory, which is its cultural equipment. Since there was a need to create an educational service in this place, the internship focused on that task by developing concepts and actions.

Both the Foundation and the Palace are institutions whose primary goal is to develop initiatives to support the access of young people into the labour market. Given that, they are institutions that work with and for youth. It's essential that this process is focused on this audience. Hence, working on issues related to youth became crucial in this internship. In this regard, and employability being such a current theme and inherent to young people, because of its key role in the transitions to adulthood, it became essential to focus the educational service in this area. Nowadays, this process of transition to adulthood has been initiating later in life. This happens not only because of the extension of time spent in education (Which leads to a later ingress in the labour market), but also because of the vulnerability in labour market insertion, mainly characterised by unemployment and the precariousness. Therefore, the creation of the educational service takes this issue into account, following the main goals of the institution above mentioned and structuring actions and activities within this theme. Above all, we aim to meet the needs of young people in this area of their lives.

The report named “Desenvolvimento de um Serviço Educativo no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos: Explorando a Esfera da Empregabilidade Juvenil” gives information about the intervention process in the exploration of this area as an attempt to contribute to the creation of the educational service during the 7 months of the internship. It also includes a critical reflection about the action developed around the issues that become important to take in consideration while creating an educational service within the sphere of youth employability.

Résumé

Ce document correspond au rapport pour la période de stage réalisé entre Octobre 2012 et Avril 2013, développé dans le cadre de la maîtrise of Sciences de l'Éducation dans le domaine de la jeunesse, de l'éducation et de la citoyenneté.

La stage a eu lieu à la Fondation de la Jeunesse, plus particulièrement dans le Palais des Arts – Fabrique de Talents, qui est de ses équipements culturels. Compte tenu de la nécessité de construire un service éducatif dans cet endroit, le stage concentré sur cette fonction. La Fondation et le Palais sont des espaces dont la mission principale est de développer des initiatives visant à soutenir l'entrée des jeunes sur le marché du travail. Étant donné que les institutions travaillent avec et pour les jeunes, il est essentiel que la mise au point de ce procédé réside avec le public. Questions de travail liées à des jeunes devenus ainsi stade crucial. En ce sens, l'employabilité et d'être un thème très actuel et inhérente aux jeunes, en raison de leur rôle clé dans la transition vers l'âge adulte, il est indispensable de se concentrer sur une valence de service éducatif dans ce domaine. Actuellement, le processus de transition vers l'âge adulte est devenu de plus en plus commencer plus tard. Cela se produit soit en raison d'une prorogation de délai jeunes passent lier à des établissements d'enseignement (ce qui conduit à rejoindre le marché du travail plus tard) et également la vulnérabilité de l'insertion de la main-d'œuvre de cette audience, de même que des exemples le chômage et la précarité. En ce sens, la construction du service éducatif prend en compte cette question, allant à l'encontre des principaux objectifs de l'institution concernée et structurer les actions et activités au sein de ce thème et qui répondent aux besoins des jeunes dans ce domaine de leur vie.

Le rapport “Desenvolvimento de um Serviço Educativo no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos: Explorando a Esfera da Empregabilidade Juvenil” rend compte du processus d'intervention dans l'exploration de cette question dans une tentative de construire le service éducatif pendant les 7 mois de la scène, y compris une réflexion critique sur l'action développée autour des questions important de penser à un service éducatif dans la sphère de l'employabilité des jeunes.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Sofia Marques da Silva, pelo acompanhamento prestado durante todo o meu percurso académico desde o início da licenciatura, culminando agora nesta etapa final do mestrado. Agradeço também a atenção e dedicação disponibilizada ao meu trabalho, o rigor e o profissionalismo com que sempre me acompanhou, assim como as palavras de apoio e incentivo nos momentos menos bons desta caminhada.

À equipa do PAFT e da FJ, que me acolheu desde o primeiro dia de estágio, onde tive a oportunidade de desenvolver competências variadas a nível pessoal, profissional e académico.

À minha colega de estágio, que me acompanha desde a licenciatura e partilhou também este percurso académico final comigo. Mais que colega de estágio, uma amiga, a quem agradeço todas as situações que passámos juntas, desde os momentos de trabalho até aos desabafos e confidências. Agradeço as palavras de motivação quando esta faltava, assim como a partilha de momentos positivos que sempre irei recordar.

Aos meus amigos e amigas, da Faculdade e de fora dela, por fazerem parte da minha vida e fazerem questão de acompanhar esta etapa, com o apoio e o incentivo que foram fundamentais para a concretização de mais uma fase importante da minha vida.

Ao Gualter, pelo amor e dedicação com que me brinda a cada dia que passa, pela compreensão e apoio nos meus momentos de desespero e pela força e motivação que deram cor aos meus dias de trabalho intensivo para que a concretização desta etapa fosse possível.

À minha família, sem a qual tudo isto não seria possível, pelo esforço, pelo acompanhamento, pelo apoio e pela disponibilidade absoluta para me ouvirem e aconselharem sempre.

Por último, e não menos importante, a todas as outras pessoas que, de modo direto ou indireto, contribuíram para este meu trabalho e fizeram com que a sua concretização fosse possível. Muito Obrigada!

Abreviaturas utilizadas

CE – Ciências da Educação

FJ – Fundação da Juventude

PAFT – Palácio das Artes – Fábrica de Talentos

PEJENE - Programa de Estágios para Jovens Estudantes do Ensino Superior nas Empresas

SE – Serviço Educativo

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Índice

Introdução	10
 Parte I - Apresentação e Caracterização da Instituição Acolhedora do Estágio	 13
Capítulo 1. A Fundação da Juventude	13
Capítulo 2. O Palácio das Artes – Fábrica de Talentos	15
 Parte II - Enquadramento Teórico-Conceptual: desenvolvimento da problemática de intervenção	 20
Capítulo 1. Serviços Educativos: origens e linhas de orientação para a sua construção	 20
Capítulo 2. A Juventude: um conceito plural	22
Capítulo 3. Transições Juvenis para a Vida Adulta: a importância do emprego no ciclo de vida dos/as jovens	 26
3.1. Entrada no Mundo Laboral: um marcador essencial às transições para a adultez	 27
 Parte III - Fundamentação Teórico-Metodológica para o Processo de Intervenção ..	 31
Capítulo 1. Chegada ao Contexto e Apresentação Geral do Estágio.....	31
Capítulo 2. A Intervenção e a Investigação: dois mundos que se atravessam	33
2.1. O Percorso de Intervenção: posturas adotadas ao longo do estágio	33
2.2. A Investigação: uma componente essencial para orientar a ação.....	37
Capítulo 3. Técnicas de Intervenção e Investigação Adotadas ao Longo do Percorso ...	39
Capítulo 4. Nota final	44
 Parte IV - Apresentação e Análise da Ação Desenvolvida no Âmbito da Construção do Serviço Educativo	 46
Capítulo 1. Descrição da Ação: o caminho percorrido no âmbito do desenvolvimento do serviço educativo	 46

1.1. Desempenho de tarefas de aproximação ao contexto de estágio, num sentido de melhor conhecer o funcionamento do mesmo.....	50
1.2. Planificação e desenvolvimento de atividades de cariz formativo	52
1.3. Participação em eventos de apoio à empregabilidade juvenil já organizados pelo Palácio das Artes – Fábrica de Talentos	63
1.4. Divulgação de Eventos	66
1.5. Desempenho de funções de mediação de conhecimentos, públicos e instituições no âmbito de um serviço educativo	70
Capítulo 2. Análise da Ação:	
questões essenciais para se pensar um serviço educativo.....	74
2.1. Empregabilidade Juvenil: uma valência a ser valorizada.....	74
2.2. Empreendedorismo: um possível caminho a explorar.....	77
2.3. Contextos Educativos Não-Formais: uma vertente constituinte do serviço educativo	80
2.4. Património e História: a importância do valor cultural do Palácio das Artes – Fábrica de Talentos	82
Parte V - Avaliação e Monitorização do Processo de Intervenção.....	84
Capítulo 1. Breve exploração do conceito de avaliação	84
Capítulo 2. O processo de avaliação desenvolvido ao longo do estágio	86
2.1. Caracterização do processo de avaliação desenvolvido	87
Considerações Finais	91
Referências Bibliográficas	96

Índice de Apêndices

APÊNDICE I - Exemplo de uma Nota de Terreno	102
APÊNDICE II - Questionários de Diagnóstico.....	106
APÊNDICE III - Cartaz e Ficha de Inscrição para o Workshop “Empregabilidade e Técnicas de Procura de Emprego”	115
APÊNDICE IV - Cartaz e Ficha de Inscrição para o Workshop “Gestão da Carreira Criativa”	118
APÊNDICE V - Ficha de Avaliação de Workshops	121
APÊNDICE VI - Cartaz e Ficha de Inscrição para o Workshop “Viagem ao Passado.....	124
APÊNDICE VII - Cartaz e Ficha de Inscrição para o Workshop “Comande o seu Cérebro.....	127
APÊNDICE VIII - Cartaz e Ficha de Inscrição para a Oficina de Escultura “Reciclarte & Style.....	130
APÊNDICE IX - Cartaz e Ficha de Inscrição para a Oficina “Safari Fotográfico pela Cidade do Porto	133
APÊNDICE X - Plano inicial, cartaz e ficha de inscrição para o <i>workshop</i> “Vamo-nos Entender.....	136
APÊNDICE XI - Ficha de Avaliação do Workshop “Vamo-nos Entender	140
APÊNDICE XII - Cartaz Informativo das Exposições Gratuitas a Decorrer no PAFT	143
APÊNDICE XIII - Brochuras Relativas ao Circuito de Visitas ao PAFT	145
APÊNDICE XIV - Plano do Circuito de Visitas ao PAFT	150

Índice de Quadros e Figuras

Quadro 1 – Esquema temporal do processo de estágio no PAFT.....	32
Quadro 2 – Ações levadas a cabo durante o estágio.....	47
Quadro 3 – Conceção de plano de <i>workshops</i> para o PAFT	55

Introdução

O presente relatório, intitulado de “Desenvolvimento de um Serviço Educativo no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos: Explorando a Esfera da Empregabilidade Juvenil” é referente ao estágio desenvolvido durante o segundo ano que compõe o Mestrado em Ciências da Educação, no domínio de Juventudes, Educação e Cidadania.

Este processo de intervenção decorreu entre os meses de outubro de 2012 e abril de 2013, e consistiu no desenvolvimento de um Serviço Educativo (SE) num equipamento cultural da Fundação da Juventude (FJ): o Palácio das Artes - Fábrica de Talentos (PAFT). Este é um espaço que comporta em si um forte valor histórico, artístico e cultural, sendo que a sua principal missão é divulgar o trabalho de jovens artistas, apoiando-os/as na sua entrada para o mercado de trabalho. Verifica-se, atualmente, uma ênfase na questão da empregabilidade entre os/as jovens, que são um público bastante afetado pela crise económica e laboral vivida em Portugal.

A entrada no mercado laboral é um marcador de extrema importância para a transição de um indivíduo para a vida adulta. Importa salientar que esta constitui uma etapa de vida dos/as jovens que tem vindo a ser desritualizada e a ocorrer de modo mais espaçado no tempo, sendo que o desemprego juvenil e a precariedade têm contribuído para tal situação (Ferreira e Nunes, 2010). Neste sentido, torna-se fundamental delinear estratégias para tentar combater as tendências para o atraso crescente na concretização das transições para a adultez.

A pertinência deste estágio reside, em primeiro lugar, no facto de este se enquadrar no âmbito do domínio de Juventudes, Educação e Cidadanias, no sentido em que se trata de uma instituição que trabalha as questões inerentes às juventudes, como é o caso da empregabilidade. Em segundo lugar, é um local onde é possível explorar potencialidades e construir algo de raiz, característica que desperta o interesse profissional, também pela existência da possibilidade de ter margem de manobra para explorar o contexto e delinear estratégias de ação para corresponder ao objetivo primário do estágio. Já a nível pessoal, realça-se a importância do facto de este se tratar de um trabalho desafiante que permitiria desenvolver competências a vários níveis e contactar com um possível futuro contexto profissional numa área de interesse.

Importa enfatizar que este estágio foi desenvolvido em conjunto com uma colega de Mestrado, pois seria um trabalho demasiado complexo e ambicioso para ser desenvolvido apenas por uma pessoa. Isto permitiu que se partisse para uma lógica de trabalho em

equipa, pois um SE é constituído por mais que uma valência e, deste modo, cada estagiária dedicaria uma maior atenção a diferentes vertentes. Assim, e devido ao valor cultural e histórico que o edifício encerra em si mesmo e na zona envolvente, a colega de estágio incide a sua intervenção numa valência que visa dar a conhecer todo esse valor à comunidade envolvente. No meu caso, e porque a FJ e o PAFT têm como principal missão o desenvolvimento de medidas para incentivar à formação e ao apoio na inserção juvenil no mercado de trabalho, o foco está numa valência que pensa estratégias e atividades para fomentar e consolidar esse mesmo apoio. Estamos, então, perante dois estágios, satélites um do outro, que se vão cruzando no sentido de construir um SE neste espaço tão rico em cultura, em arte, em formação, em apoio ao público jovem. É de realçar que não se tratam de valências independentes, pelo que o cruzamento entre as duas é frequente e desejado, na medida em que ambas contribuem para a existência do mesmo SE da mesma instituição.

Perante este esclarecimento, interessa passar à apresentação sumária do presente relatório, que se encontra estruturado em 5 partes, divididas em diferentes pontos, que passo a explicitar seguidamente. Em primeiro lugar, na Parte I: Apresentação e Caracterização da Instituição Acolhedora do Estágio, é feita uma explicitação do local onde decorreu o estágio, assim como a sua missão e uma breve reflexão sobre a mesma para começar a construir a pertinência da criação de um SE no contexto em questão. Passando à Parte II - Enquadramento Teórico-conceitual: desenvolvimento da problemática de intervenção, este é o momento onde se parte para uma problematização teórica de temáticas importantes para iniciar a estruturação de um possível SE no PAFT. Abordam-se questões como a dos Serviços Educativos e de como estes devem ser pensados, as Juventudes, visto que se trata de um estágio focado no público jovem, e as Transições Juvenis para a Vida Adulta, que levam a uma reflexão sobre a importância da entrada no mercado de trabalho para esta etapa da vida dos/as jovens. Seguidamente parte-se para a Parte III: Fundamentação Teórico-Metodológica para o Processo de Intervenção, onde é clarificado todo o processo de estágio a nível metodológico, desde a chegada ao contexto até ao momento de saída. Abordam-se questões como a postura adotada em termos de intervenção e explicitam-se as técnicas utilizadas no decorrer do estágio. Na Parte IV: Apresentação e Análise da Ação Desenvolvida no Âmbito da Construção do SE, existem dois capítulos que melhor organizam o pensamento sobre a ação desenvolvida no estágio, sendo que o primeiro conta com uma descrição das ações e atividades levadas a cabo e o segundo apresenta um conjunto de temáticas importantes para se pensar o SE que surgiram da reflexão sobre a ação desenvolvida, sendo estas a Empregabilidade Juvenil, o

Empreendedorismo, os Contextos Educativos Não-Formais e as questões culturais ligadas ao Patrimônio e à História. Passando à Parte V - Avaliação e Monitorização do Processo de Intervenção, esta remete para a importância de existir um processo de avaliação a acompanhar o estágio e dá-se conta de como esse decorreu em termos práticos concretos, apresentando a forma como o estágio foi avaliado. Por fim, nas Considerações Finais reflete-se sobre questões como a mediação e o seu papel ao longo de todo o percurso, assim como o modo como o estágio contribuiu para a construção da profissionalidade em CE.

Parte I - Apresentação e Caracterização da Instituição Acolhedora do Estágio

Capítulo 1. A Fundação da Juventude

No sentido de contextualizar o presente relatório a nível institucional, levanta-se a pertinência, neste primeiro capítulo, de proceder a uma apresentação da instituição onde o estágio teve lugar, assim como os seus objetivos e missões, para iniciar o enquadramento espacial do percurso de estágio.

A instituição que acolheu o estágio profissionalizante tem o nome de Fundação da Juventude, e trata-se de uma instituição privada, criada a “25 de Setembro de 1989, (...) e declarada instituição de utilidade pública, em Março de 1990.”¹. É uma Fundação de âmbito nacional, com sede na cidade do Porto e delegações no Algarve e na região de Lisboa e Vale do Tejo. Já contou com uma delegação na Madeira que, entretanto, cessou as suas funções.

Surge com o apoio de 21 instituições de foro público e privado, embora hoje em dia esse número de fundadores já tenha dobrado. Esta situação deve-se ao facto de a FJ ser um projeto com um forte impacto na qualificação do público jovem e na sua preparação para o mercado de trabalho nacional e internacional, através dos vários programas, projetos e equipamentos que desenvolve. Neste sentido, os principais objetivos desta instituição são, entre outros,

- “ (...) - Formar, (Re)Integrar e promover ações para um melhor emprego dos jovens;
- Promover e apoiar o espírito empreendedor e de iniciativa na juventude;
- Incentivar e premiar o gosto pela ciência e tecnologia, para além da investigação e da inovação;
- Apoiar e promover o desenvolvimento e a integração social dos jovens, visando inibir ou contrariar situações de exclusão ou marginalização, criando acções específicas de promoção de uma cidadania mais activa;
- Criar mecanismos de informação, pesquisa e divulgação das necessidades dos jovens;
- Promover a cultura, a animação e a aprendizagem intercultural na área da juventude;

¹ Em <http://www.fjuventude.pt/fundacao-da-juventude>, visitado em 02-05-2013, pelas 14h31

- Dinamizar redes de intercâmbio e de troca de experiências/boas práticas, através de parcerias nacionais e internacionais.”²

É possível ter a perceção, através destes objetivos listados no *site* oficial da FJ, que esta é uma instituição que procura construir e desenvolver iniciativas que sejam capazes de cativar o interesse do público jovem para diversas áreas, promover o desenvolvimento de um espírito empreendedor, bem como incentivar à sua integração na comunidade através da promoção de uma cidadania ativa. Foca-se ainda no apoio à entrada deste público no mercado de trabalho, etapa que hoje em dia é marcada por grandes dificuldades que se devem ao estado de crise económica e laboral em que Portugal se encontra nos tempos que correm atualmente.

Relativamente ao modo como intervém no público jovem, a FJ tem várias frentes de atuação³:

- A Empregabilidade, onde se pode enquadrar a disponibilização por parte da FJ de formação profissional para jovens, assim como o PEJENE (Programa de Estágios para Jovens Estudantes do Ensino Superior nas Empresas), que atualmente está na sua 20ª edição e traz consigo uma taxa de empregabilidade na casa dos 40%. Desenvolvem-se ainda programas de estágios internacionais para toda a Europa;

- O Empreendedorismo, que visa incentivar à inovação e à criação do próprio emprego por parte do público jovem, está focado na FJ através da existência de um equipamento nas suas instalações, chamado Ninho de Empresas, que apoia os/as jovens no início do processo da criação das suas próprias empresas;

- A Ciência e Tecnologia, onde se situam os concursos e encontros tanto a nível nacional como internacional, promovendo a participação ativa dos/as jovens em questões ligadas às temáticas referidas;

- A Informação e Investigação, uma vez que na FJ são realizados estudos e projetos de investigação, contando com a participação de investigadores/as e instituições de ensino nacionais e internacionais;

- A Intervenção Social e Formação Cívica, que engloba também encontros, conferências, debates e projetos de voluntariado e de Prevenção Rodoviária, por exemplo;

² Em <http://www.fjuventude.pt/fundacao-da-juventude-9-missao-e-objetivos>, visitado em 02-05-2013, pelas 15h04

³ Em <http://www.fjuventude.pt/fundacao-da-juventude-8-constituicao-da-fundacao>, visitado em 28-05-2013, pelas 22h57

- A Cultura, que é trabalhada através de concursos ligados a determinadas áreas artísticas, bem como de exposições e eventos que promovam a arte entre o público jovem.

Já no que toca ao espaço físico da FJ, a sua sede localiza-se, desde a sua génese, num edifício conhecido como Casa da Companhia. É um espaço

“(…) diferente. Pelo menos era diferente do que eu estava à espera, na medida em que visualizei mentalmente um espaço com um aspeto mais “moderno”. Em baixo, as paredes eram claras e com pedra, o espaço tinha um ar aberto e muito “branco”, um ar calmo e sóbrio, talvez por causa da luz natural, que era intensa. (...) No segundo andar, onde estão os escritórios dos funcionários e das funcionárias da Fundação da Juventude, tudo era diferente. As paredes eram coloridas, com muitos quadros, e havia sofás de várias cores, assim como plantas a decorar o espaço. Tinha um aspeto jovem, se assim se pode dizer, completamente distinto do resto do edifício, talvez por causa das cores e do tipo de decoração utilizado.”

(Nota de Terreno de dia 14/2/2012)

Por fim, importa ainda referir que é um edifício que, precisamente por este aspeto “tradicional”, combina na perfeição com o local geográfico onde se encontra. A FJ é, então, situada na Rua das Flores, que comporta um elevado valor patrimonial e constitui, em conjunto com a Rua Mouzinho da Silveira o “feixe principal dos eixos de ligação entre a Baixa e a Ribeira” (Porto Vivo, SRU, 2010: 164). Fala-se, assim, de um espaço no centro histórico da cidade do Porto, que é visitado por diversos públicos, desde a comunidade que ali vive e trabalha até aos grupos de turistas que visitam a cidade e encontram naquele local um espaço histórico e rico em tradição.

Capítulo 2. O Palácio das Artes – Fábrica de Talentos

A FJ, tal como foi possível compreender, trata-se de uma instituição com vários equipamentos de carácter cultural e educativo, dos quais num deles foi sentida a necessidade de criar um SE. Deste modo, o estágio passou a ser desenvolvido no equipamento cultural da FJ, o Palácio das Artes – Fábrica de Talentos, que está situado no Largo de S. Domingos, em pleno centro histórico da cidade do Porto. Existe um forte valor cultural e patrimonial associado a este edifício, pelo que se encontra atualmente classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Esta classificação advém do

facto de este se tratar de um espaço que tem vindo a ser transformado ao longo do tempo, desde a sua construção até à atualidade.

Começou por ser um convento Dominicano, cuja construção foi iniciada em 1239 e finalizada em 1245, sendo que, durante muitos anos,

“(…) era naquele convento e nos seus famosos alpendres, que se reuniam os vereadores, juízes e outras entidades para trazerem de assuntos que disseram respeito ao burgo (…). Servia também para mercadores (…) exporem ali, diante dos olhos ávidos do povo e da burguesia endinheirada as suas cobiçadas e variadas fazendas (…). Tratava-se, naquele tempo, (…), do recinto mais central da cidade”

(Silva, 2007: 18-19).

Deste modo, em 1451 iniciou-se a primeira feira franca nos claustros do Convento do São Domingos. Mais tarde, em 1832, o edifício foi alvo de um incêndio e foi o Banco de Lisboa que o reconstruiu e passou a ocupá-lo. Manteve-se a fachada, mas o seu interior teve de ser adaptado às exigências de uma dependência bancária. No entanto, o Banco de Lisboa, que entretanto viu o seu nome alterado para Banco de Portugal, alterou o local das suas instalações, deixando o edifício sem utilidade. Uns anos depois, já em 1934, este volta a ser ocupado, desta vez pela companhia de Seguros Douro, que dá o nome ao edifício pelo qual ele ainda hoje é conhecido: Edifício Douro. No entanto, uns anos mais tarde, este espaço volta a ficar vazio.

A FJ inicia o processo de ocupação do Edifício Douro em 2001, data em que procede à sua compra, e em 2005 iniciam-se as remodelações que deram resposta “(…) a um programa que contemplou a existência de vários *ateliers*, salas de formação, áreas de exposições, permanentes e temporárias, um restaurante e algumas lojas comerciais.” (Ascensão, 2012: 54). Nasce assim o PAFT, “(…) um projecto ambicioso que transformou o edifício num local vocacionado para a promoção de jovens artistas em diferentes áreas de actividade” (Ascensão, 2012: 54). Este equipamento tem, então, “(…) como objectivo máximo apoiar a inserção dos Jovens Criadores na vida activa, (…) participar na construção de um cluster natural das artes e das indústrias culturais, potenciando a sua capacidade de atracção de públicos, profissionais criativos e de turismo”⁴.

A sua missão é a criação de pontes entre a escola e o mercado de trabalho para os/as criadores/as, sempre envolvendo a comunidade artística, o mundo empresarial e o

⁴ Em <http://www.fjuventude.pt/equipamentos-15-palacio-das-artes-fabrica-de-talentos>, visitado em 07-04-2012, pelas 13h30;

turismo, “proporcionando meios e estratégias ao desenvolvimento dos projectos dos Jovens Criadores”⁵. Na verdade, uma das grandes preocupações do PAFT esta ligada com o acesso dos/as jovens artistas ao mercado de trabalho, pois fornece-lhes um apoio bastante visível para o seu crescimento profissional através da divulgação dos seus trabalhos em iniciativas como as Feiras Francas, que são um

“(...) evento mensal onde se promove a empregabilidade juvenil e se apoiam e divulgam jovens artistas para que comecem a consolidar a sua carreira.”

(Nota de Terreno de dia 29/3/2012)

Este visa ainda constituir-se como um centro de criatividade e de inovação, promover os/as jovens criadores/as a nível profissional e ser o polo dinamizador do centro histórico, no sentido de atrair mais visitantes ao local. Assume-se, então,

“(...) como um ponto de referência das indústrias culturais e criativas da Região do Norte, trabalhando com parceiros públicos e privados, no sentido de oferecer serviços que suportem os seus beneficiários (empreendedores dos sectores criativos no acesso ao mercado em todos os subsectores das indústrias criativas) e contribuindo para o crescimento económico da região, através da inovação, iniciativa empreendedora e criação de emprego”⁵.

Sentiu-se a necessidade da existência de um SE neste local. Um SE que trabalhasse no sentido de articular a história do Palácio com o presente, fazendo um diálogo entre as várias épocas previamente referidas e os dias de hoje. Era também importante que o SE fosse de encontro à missão central do mesmo: o apoio à integração juvenil no mercado de trabalho.

Este equipamento da FJ tem um papel essencial a este nível, visto que dinamiza atividades e eventos que promovem o trabalho de jovens artistas, ajudando-os/as a abrir portas para o mercado de trabalho, a desenvolver e divulgar os seus projetos, bem como a consolidar as suas carreiras artísticas. Hoje em dia, isto revela-se como uma questão essencial dada a situação atual do país neste campo. Tal como é apontado por David Cairns (2011), “(...) Portugal has recently been in a state of economic crisis. One consequence of this condition has been a sharp rise in the national unemployment rate, particularly among the youth population (...)” (p. 9). Na verdade, a questão do desemprego entre as camadas mais jovens é algo sobre o qual este equipamento tem trabalhado, ainda que com maior incidência na área artística.

⁵ Em <http://www.fjuventude.pt/equipamentos-15-palacio-das-artes-fabrica-de-talentos>, visitado em 07-04-2012, pelas 13h30;

“Assim, era importante ter alguém com ideias criativas para chamar a atenção da população para o Palácio, para contar a sua história, para dinamizar mais atividades que chamem o público jovem, mais atividades que apoiem a entrada dos/as jovens artistas (e não só) no mercado de trabalho[, havendo] margem de manobra e espaço para a criatividade e inovação (...)”.

(Nota de terreno de dia 14/2/2012)

A nível do aspeto físico do PAFT,

“(...) percebi que o edifício é algo que completa a paisagem, ao mesmo tempo que dela se destaca. É muito grandioso, muito imponente. É um edifício que respira história e que cativa a atenção dos/as turistas, que param para fotografá-lo de vários ângulos”

(Nota de Terreno de dia 29/3/2012)

No seu interior, apesar das sucessivas remodelações, verifica-se a preservação de vários elementos que nos remetem para cada época da sua história, bem como para as funções que desempenhou em cada uma delas. Relativamente ao convento, existe a fachada do edifício, que ficou de pé apesar dos incêndios. No que respeita ao banco, existem 3 cofres (dois no piso nobre e um no rés do chão, perto do elevador) e a caixa-forte, que hoje é uma das salas do piso nobre. Relativamente à companhia de seguros, não foi possível apurar se há algum elemento que nos remeta para o momento histórico em que o edifício funcionou como tal. No piso nobre pode-se contar com a existência de 8 salas que podem ser ocupadas para os mais diversos eventos. Noutros pisos existem ainda os escritórios dos/as profissionais que lá trabalham e as residências artísticas, ocupadas por criadores/as que trabalham nas mais diversas áreas ligadas à arte, que usam aquele espaço para desenvolver os seus projetos, indo de encontro, uma vez mais, à missão do PAFT.

Já no exterior, percebe-se que o largo de S. Domingos é um espaço moderadamente movimentado. No entanto, esse movimento deve-se a pessoas que estão apenas de passagem, que pouco reparam no edifício,

“[t]alvez por não lhes chamar à atenção, talvez por já estar misturado com a “paisagem”, que tantos dias cruzam para ir e voltar do trabalho e/ou das aulas”

(Nota de Terreno de dia 29/3/2012)

É possível entender que este local se trata de um local de passagem, mais do que de um local de visita. Fica-se, deste modo, com a ideia de que o PAFT, ainda que seja um edifício com uma presença forte e imponente, não exerce um grande impacto na população residente. Deste modo, a construção do SE passaria também por chamar a atenção da

comunidade para o que se passa no interior, despertar a sua curiosidade e a vontade de visitar o local. Seria, então, importante, “chamar” as juventudes, dinamizar iniciativas para o público jovem e dar uma nova vida ao PAFT. Este é, então, um edifício com muita história para contar e diversos espaços repletos de potencial para se desenvolverem atividades criativas, interativas e inovadoras, o que se apresentou, certamente, como uma mais-valia para este estágio profissionalizante.

Parte II - Enquadramento Teórico-Conceptual: desenvolvimento da problemática de intervenção

No sentido de problematizar teoricamente a intervenção levada a cabo no estágio, existe a necessidade de explorar um conjunto de temáticas que servem de suporte à mesma.

Importa, para o presente relatório, e já que o objetivo principal do estágio passa pela conceção de um SE, começar por explorar este mesmo conceito; faz-se também uma problematização da juventude enquanto grupo social, visto que o PAFT se trata de um equipamento da FJ e ambos promovem iniciativas direccionadas a este público, que se revela, assim, como uma temática-chave para o trabalho desenvolvido. Seguidamente parte-se das juventudes para as transições juvenis para a vida adulta. Isto porque importa perceber a importância da entrada no mercado de trabalho para a população jovem e entender de que modo esta marca esse processo. Torna-se, então, fundamental a exploração destes conceitos, no sentido de compreender por onde é possível intervir no sentido de continuar a melhorar o apoio dado pelo PAFT a esse marco importante do ciclo de vida dos sujeitos.

Capítulo 1. Serviços Educativos: origens e linhas de orientação para a sua construção

Em primeiro lugar, importa desconstruir a noção de SE, dada a importância que esta assume em todo o processo de estágio. É fundamental explorar este conceito no sentido de se poder ter a percepção de como deve ser orientado o desenvolvimento de um SE no contexto onde a intervenção teve lugar.

Os SE começam a ser construídos, numa primeira instância, nos museus. Embora a função associada aos edifícios do género do PAFT e dos museus seja a de guardar o património e preservá-lo, é inegável que estes são espaços com um enorme potencial educativo. De facto, o PAFT vai mais além da componente histórica ao promover eventos de divulgação do trabalho de jovens artistas, *workshops*, tertúlias, entre outros. Trata-se, então, de espaços que, através da existência de um SE, podem ver valorizado e concretizado esse seu potencial, “chamando” pessoas de todas as idades e grupos sociais ao local. Na realidade, “é crescente a percepção, por parte do público, do papel de local de lazer, deleite, contemplação e diversão que os museus possuem” (Marandino, 2005: 165). Ainda que haja uma vasta referência a museus quando se fala de SE, é sempre possível

reportar esta questão a outro tipo de edifícios com o mesmo carácter cultural, histórico e educativo, como é o caso do PAFT.

Mas como é que acontece, então, essa ação educativa nestes espaços? Segundo Fernando Magalhães (2005), pode pensar-se numa educação indireta, que consiste na interpretação da história, dos objetos preservados e do próprio espaço em si por parte dos/as visitantes através de exposições permanentes e/ou temporárias, de publicações e de mostras; ou numa educação direta que cabe aos SE. Este segundo tipo de educação apresenta maior número de vantagens que a primeira, que residem na possibilidade de se estabelecer processos de comunicação e mediação entre o SE, os indivíduos e o conhecimento, o que constitui um ponto positivo em qualquer processo de ensino-aprendizagem.

Michel Allard, Marie-Claude Larouche, Bernard Lefebvre, Anik Meunier e Guy. Vadeboncoeur, citados por Martha Marandino (2005), identificam as visitas a estes espaços como momentos onde se transformam saberes a partir de uma mediação existente entre o conhecimento que o edifício encerra em si e o público que o frequenta. Assim, sente-se a necessidade da existência de SE nestes locais para que se desenvolvam formas de potenciar esta mediação que aproxima o “saber sábio” dos saberes dos diferentes públicos que visitam esses espaços. É importante que esse diálogo aconteça para o/a “visitante se sensibilizar, se apropriar e favorecer a sua compreensão (...) para uma análise pessoal e para discutir com os outros visitantes, com os animadores, com os professores, etc.” (Marandino, 2005: 167). Deste modo, entre a articulação dos/as visitantes com o espaço, geram-se aprendizagens mediadas pelo SE, que tem aqui a função de pensar em estratégias para potenciar as mesmas.

São espaços que poderão usar inúmeras e variadas estratégias que permitam a comunicação, a participação e a interatividade nas atividades que promovem, levando em conta o tipo de público e os objetivos traçados pelo SE. Este terá, deste modo, a função de transformar o espaço num local de aprendizagem, respondendo à população que o frequenta. Naturalmente, não se está a falar de um público restrito e homogéneo, pelo que será claramente necessário adotar estratégias que se adaptem aos vários tipos de pessoas que se possam encontrar num espaço desta natureza.

Deve, então, haver a preocupação de levar em conta as diferentes idades e géneros, bem como diferentes capacidades e interesses aquando da criação do SE. É essencial a construção de pontes entre o espaço e outras instituições, uma vez que este tipo de parcerias geralmente traz vantagens no que se refere à abordagem de diferentes públicos e

ao aumento dos recursos para potenciar ainda mais o carácter educativo deste espaço. Assim, no caso das juventudes, as articulações com escolas, por exemplo, são sempre favoráveis, pois

“(...) a adaptação dos temas tratados aos planos curriculares do público estudantil, desde o nível mais primário até ao superior, confere uma mais-valia à sua função educativa, pois é assim captada uma melhor atenção a estes visitantes e aos seus educadores”

(Blanco cit in Magalhães, 2005: 63).

Como os currículos escolares também estão sempre em mudança, é importante que o SE se mantenha atualizado neste aspeto de modo a poder adaptar-se, não só às mudanças de currículo, mas também às mudanças culturais que possam vir a ocorrer. Isto leva a crer que, para um museu ou outro espaço semelhante ser bem-sucedido na sua função educativa, não pode ser estático, mas sim dinâmico, ativo e aberto a sugestões e à participação por parte da comunidade envolvente. Deve ainda pensar nas questões do diálogo entre o edifício e os/as visitantes, para que estes/as últimos/as construam conhecimento a partir daquilo que visitam, das atividades que realizam, sempre promovendo um ambiente de reflexão e aprendizagem.

Assim, importa ainda referir que, em caso de espaços como o PAFT, que vai muito para além de um local que guarda e preserva património, é importante pensar estratégias que possam divulgar o espaço e ir de encontro às suas outras missões, sempre tendo em conta o contexto, a comunidade envolvente, e as relações que se estabelecem entre si.

Capítulo 2. A Juventude: um conceito plural

A partir do momento em que o estágio se insere no âmbito do domínio de Juventudes, Educação e Cidadania do mestrado em Ciências da Educação (CE) e que as missões do PAFT passam por apoiar o público jovem em questões de empregabilidade, o foco ao pensar o SE, no que toca ao público, foi a juventude. Assim, surge aqui a pertinência de fazer uma abordagem a este conceito, já que é necessário pensar em que medida a conceção deste SE poderá ser importante para o público jovem e que papel terá nesse sentido. Tendo em conta que o PAFT está estreitamente ligado à FJ, torna-se ainda mais evidente a necessidade de pensar estas questões tendo como principal público a população jovem, ainda que se esteja a tratar de um local frequentado pelo mais variado tipo de pessoas.

A juventude é, então, "(...) apresentada como uma fase *natural* da vida dos indivíduos. *Naturalmente*, com as suas propriedades específicas (...) e os seus problemas singulares (...)" (Nunes, 1998: 1). No entanto, trata-se de um conceito socialmente construído que tem vindo a ser trabalhado e transformado ao longo do tempo, sendo que, na atualidade, "[p]ode afirmar-se com um razoável grau de segurança que a juventude, tal como se concebe actualmente (na sua dupla vertente de fase da vida e categoria social e cultural), é um produto da modernidade" (Pappámikail, 2010: 396). Deste modo, à medida que esta noção vai sendo pensada e discutida ao longo do tempo, desenvolvem-se novas teorias que apresentam diferentes modos de a entender. Assim, mostra-se pertinente abordar, ainda que de uma forma bastante sucinta, algumas dessas perspetivas que trabalham a noção de juventude, nomeadamente as teorias geracionais, as classistas, as subculturais integracionistas, as da prática social e as feministas.

Nas teorias geracionais, segundo Machado Pais (1993), a juventude é entendida no sentido de fase de vida e há uma ênfase no seu aspeto unitário. Para esta teoria, "em qualquer sociedade há várias culturas (dominantes e dominadas) que se desenvolvem no quadro de um sistema dominante de valores" (Pais, 1993: 38). Aqui está presente uma corrente que defende a existência de uma transmissão de valores e de processos de socialização contínua, que se refere à socialização dos/as jovens segundo as normas e os valores das gerações anteriores. Nas teorias geracionais,

"(...) admite-se a existência de uma *cultura juvenil* que, de certa maneira, se oporia à cultura de outras gerações (...). Essa oposição poderá assumir diferentes tipos de *descontinuidades intergeracionais*, falando-se ora de *socialização contínua* ora de *rupturas, conflitos ou crises intergeracionais*"

(Pais, 1993: 39).

Nesta corrente existe, então, uma separação da "cultura juvenil" das outras "culturas geracionais" e uma grande generalização da ideia de juventude, assumindo-a como uma categoria etária, em que a idade tem mais influência do que outras características inerentes a cada indivíduo, tais como, por exemplo, o género e/ou a classe social.

Nas teorias classistas, a reprodução social é vista apenas em função da reprodução das classes sociais. Há uma forte crítica por parte desta corrente ao conceito de juventude baseado na associação deste grupo a uma fase de vida, uma vez que o indivíduo e o seu ciclo de vida são influenciados por vários fatores para além da idade. Assim, para a corrente classista, a importância dada à classe social é bastante visível:

“(...) as culturas juvenis são sempre culturas de classe (...). Daí que as culturas juvenis sejam por esta corrente apresentadas como «culturas de resistência», isto é, culturas associadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe”

(Pais, 1993: 48).

A partir desta ideia, já não se verifica uma generalização ao nível do grupo juventude, uma vez que esta é vista

“(...) como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc.”

(Pais cit in Costa, 2002: 44).

Já não se encontra uma juventude apenas caracterizada pela idade, mas tem-se em conta outros aspetos, nomeadamente, a classe social. No entanto, e ainda segundo Machado Pais (1993), os processos sociais que influenciam a juventude também não podem cair no erro de serem apenas entendidos como resultantes unicamente de determinações sociais e posicionamentos de classe.

Nas teorias subculturais interacionistas, a sociedade é assumida como um conjunto de subculturas, que estão ligadas essencialmente ao meio urbano e constituem uma forma de construção de identidade que ultrapassa em muito as questões da classe social. Nestas teorias, são considerados, de uma forma geral, três pontos de análise: análise histórica, semiótica e fenomenológica (Fonseca, 2001). Assim, “as subculturas são soluções colectivas reactivas às contradições e problemas sociais estrutura das classes trabalhadoras, em ordem a subverter os valores da classe média” (Fonseca, 2001: 15). No entanto, não conseguem explicar o desvio.

As teorias da prática social seguem um plano da visão estruturalista mas menos deterministas. “(...) A cultura não é apenas vista como reprodução de classe (ahistórica), mas também como produção cultural, dentro dos contextos e quotidianos de vida.” (Fonseca, 2001:17). A resistência torna-se uma categoria central de análise, mas não foca apenas o ritual dessa resistência, focando, também, a forma como os/as jovens se vão apropriar e transformar os artefactos *standard* da cultura (Fonseca, 2001). Uma crítica a

estas teorias passa pela ausência de questões relacionadas com o género, etnia, identidade sexual e/ou religiosa, entre outros.

Por fim, as teorias feministas têm procurado pensar segundo uma perspectiva cultural a experiência das mulheres, que até então tinham passado despercebidas nos estudos relativos à juventude. Analisam

“(...) o modo como as definições culturais de masculinidade e feminilidade afectam a prática científica, baseada na celebração das características culturais de autonomia e separatismo, e como isso tem contribuído para a construção do carácter masculino da ciência”

(Fonseca, 2001:19).

Criticam ainda o fato de as raparigas terem estado sempre à margem nos estudos relacionados com subculturas juvenis.

Perante esta multiplicidade de teorias, chega-se à conclusão que esta não é uma noção já fechada e dificilmente o será algum dia. Segundo Lia Pappámikail (2010), a construção deste conceito de juventude como um grupo social abrangente nas sociedades ocidentais contemporâneas “É um processo lento, como são por definição os processos de mudança social” (p. 397)

Na verdade, e porque “(...) nem as qualidades juvenis citadas são *universalmente* partilhadas por todos os jovens, nem os problemas que os reportam são por todos ou mesmo pela *generalidade* vividos” (Nunes, 1998: 1), podemos recorrer a uma expressão de Bourdieu (1984) e confirmar que “a juventude não é mais que uma palavra”. Ou seja, não se deve cair no erro de encarar a juventude como um grupo homogêneo, onde todos os indivíduos possuem as mesmas características, os mesmos interesses, apresentam as mesmas práticas culturais, crenças e valores. Trata-se, sim, de um grupo composto por indivíduos com inúmeras particularidades que tornam cada jovem diferente dos/as outros/as. Assim, nesta ótica, “a juventude é, deste modo, entendida como um conjunto social diversificado, organizado em função de diferentes pertenças, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais (...)” (Pais, 1996 *cit in* Silva, 2008). Surge, então, a necessidade de usar o termo “juventudes”.

Desta feita, a diversidade nas juventudes tem de ser levada em consideração aquando da criação do SE, sendo que se torna pertinente perceber de que forma este poderá atrair a atenção dos/as jovens para o local em questão. De certa forma, o SE terá, entre

muitos outros, o papel de continuar a promover iniciativas que apoiem a entrada dos/as jovens no mercado de trabalho. Isto remete para a reflexão sobre outra questão: a das transições juvenis para a vida adulta.

Capítulo 3. Transições Juvenis para a Vida Adulta: a importância do emprego no ciclo de vida dos/as jovens

A partir do momento em que se trabalha a noção de juventudes, torna-se importante compreender como se desenvolvem os processos de transição para a vida adulta, perceber quais os fatores que identificam essa transição e qual a sua importância para os indivíduos enquanto jovens enquadrados numa sociedade.

Seguindo esta lógica, importa começar por esclarecer que

“Nas sociedades ocidentais industrializadas, o curso de vida começou a organizar-se em torno de sistemas de idades convencionalmente designados como «infância», «juventude», «idade adulta» e «velhice». As respectivas transições seriam usualmente identificadas através de um conjunto de *marcadores de passagem*, ou seja, um conjunto de eventos-charneira de natureza colectiva ocorridos em domínios institucionais fundamentais na regulação social das sociedades ocidentais, como a escola, o trabalho e a família”

(Ferreira e Nunes, 2010: 39-40)

Como já foi possível verificar, a juventude não é um grupo homogéneo e, por isso mesmo, diferentes pessoas com diferentes experiências de vida, terão, certamente, diferentes formas de fazer essa passagem para a idade adulta. Percebe-se, assim, que não há apenas uma forma de transitar para essa etapa, mas sim várias, uma vez que cada jovem tem a sua experiência de vida marcada por diferentes vivências. O meio envolvente, a classe social, a vida familiar, tudo isso acaba por ter influência no tipo de transição para a vida adulta que esse/a jovem terá. No entanto, embora exista, indubitavelmente, uma singularidade inerente às trajetórias de vida e não seja desejável construir uma generalização que corresponda verdadeiramente à realidade, é possível constatar a existência de algumas regularidades nas mesmas:

“As fases da vida – e as representações que delas se têm – são uma clara expressão dessas regularidades. Dito de outro modo, se existem fases da vida é porque se

encontram sujeitas a padronizações sociais, embora cada indivíduo possa viver singularmente o seu percurso de vida”

(Pais, 2010: 22)

A transição para a idade adulta trata-se de um conjunto de marcadores de passagem e, tal como nos diz Machado Pais (2010), os processos de transição estão associados à individualização e à autonomização dos/as jovens. Trata-se de momentos que acontecem na vida de um ser humano que vão permitindo que este se despenda da vida que teve até então com a família de origem e inicie uma fase da sua vida onde esta decorre de forma mais autónoma, ainda que os limites que demarcam cada etapa da vida de um indivíduo não estejam rigorosamente definidos. Assim, exemplos desses marcadores podem ser a saída do sistema de ensino, o ingresso no mercado de trabalho, a primeira experiência conjugal, o casamento e o nascimentos do/a primeiro/a filho/a.

Apesar de a transição para a vida adulta ser marcada por vários fatores, para o presente processo de intervenção importa salientar a questão da entrada no mercado de trabalho. Isto porque uma das preocupações fundamentais da Fundação da Juventude e do PAFT é, precisamente, o apoio à inserção dos/as jovens no mercado de trabalho. Por este motivo, é importante problematizar estas questões e perceber o papel do emprego na vida de um/a jovem no sentido de orientar a intervenção.

3.1. Entrada no Mundo Laboral: um marcador essencial às transições para a adultez

Parte-se do conhecimento “geral” de que, frequentemente, a juventude está associada aos anos de escola. Assim sendo, “A condição estudantil surge, assim, fortemente associada à idade e ao processo de transição para a vida adulta” (Alves, 1998: 56). O estatuto de aluno é muitas vezes confundido e associado ao estatuto de jovem. Ora, desta forma, havendo esta associação, podemos daí depreender que existe o início de uma transformação na condição de jovem quando o indivíduo começa a deixar o sistema de ensino formal: “A saída do sistema de ensino marca o fim de uma etapa decisiva num processo de socialização que se inicia com a entrada na escola e culmina, depois de um período mais ou menos longo, com a transição para a vida activa” (Alves, 1998:55).

Segundo Sidalina Almeida e Cristina Rocha (2010), a transição para a vida adulta é “(...) um período de «procura identitária», sendo a formação e o trabalho considerados espaços de desenvolvimento de experiência social (...)e de interacção social onde os

jovens permanentemente (re)constroem as suas formas identitárias” (p. 86). Assim, a escola e o trabalho são, então, duas instâncias que correspondem a dois dos principais contextos de aprendizagem social. Estes, apesar de serem importantes instâncias de socialização e territórios incontornáveis de todas as trajetórias de vida sociais nas sociedades do ocidente, diferem na função social que desempenham, nos estatutos que conferem e nas experiências que oferecem (Alves, 1998). Percebe-se, deste modo, que o término dos estudos constitui um marco importante na transição para a vida adulta, pois é a partir desse momento que o/a jovem que deixa de ser estudante começa a percorrer um caminho em busca do seu primeiro emprego no sentido de iniciar um processo de autonomização e a tentar construir a sua independência financeira.

De acordo com Natália Alves (1998), durante muito tempo existiu uma relação direta e positiva entre o nível de escolaridade de um/a jovem e a qualidade e tipo de emprego a que essa pessoa estaria habilitada após a conclusão do seu ciclo de estudos. De certo modo, poder-se-ia dizer que “(...) a escola, incorpora em si determinadas práticas sociais passíveis de se traduzirem, em casos específicos, em título escolar, e este, ao ser capitalizado, tende a consolidar ascensões sociais (...), e tanto mais concretas quanto mais elevado for o patamar escolar de chegada.” (Magalhães, 1994: 191). Assim, entende-se que estava presente uma crença geral de que a posse de um diploma do ensino superior, por exemplo, funcionaria como um escudo protetor face ao desemprego e à precariedade no trabalho. Da mesma forma, quanto mais alto fosse o nível de ensino ao qual o diploma se reportava, melhores condições laborais se avizinhavam num futuro próximo para o/a jovem em questão.

No entanto, “[l]onge vai o tempo em que à saída da escola havia um emprego seguro e definitivo (...)” (Ferreira e Nunes, 2010: 40). Neste sentido, não se verifica atualmente uma garantia da melhoria das condições enfrentadas no mercado do trabalho através da aquisição de um diploma e, por conseguinte, este já não garante uma melhoria das condições financeiras e da classe social dos/as jovens que tentam ingressar na busca do seu primeiro emprego. Assim, “(...) a escola, por si só, não garante automaticamente mobilidades ascensionais efectivas, nem nivela, pelo topo, anteriores diferenças sociais” (Magalhães, 1994:215). Percebe-se também a existência de cursos no ensino superior que preveem mais saídas para o mundo profissional que outros. Ainda segundo Dulce Magalhães (1994), esta hierarquização acaba por se traduzir em situações pouco lineares de chegada ao mercado de trabalho por parte dos/as jovens com diploma universitário, embora o trajeto percorrido até chegar a esse mesmo diploma seja semelhante.

Verifica-se que, atualmente, as transições têm-se tornado mais conturbadas, menos lineares e mais espaçadas no tempo. Ou seja, os marcadores de passagem, se dantes ocorriam de uma forma quase sequencial e com curtos intervalos de tempo entre eles, agora acontecem de uma forma mais afastada na linha temporal (Ferreira e Nunes, 2010). Por exemplo, um/a jovem que consiga hoje o seu primeiro emprego, irá demorar mais até sair definitivamente de casa dos pais, pois possivelmente necessitará de mais tempo até conseguir a estabilidade financeira para tal. Da mesma forma que um jovem casal que queria iniciar uma vida a dois, à partida não terá o/a seu/sua primeiro/a filho/a logo após essa etapa, pelo que irá esperar algum tempo até reunir as condições necessárias para dar esse próximo passo.

Esta alteração nas transições para a vida adulta aparece intimamente ligada à situação atual do mercado de trabalho com que os jovens se deparam quando terminam os seus estudos e procuram iniciar a sua vida de uma forma mais autónoma. Deste modo, “O crescimento do desemprego de curta e longa duração, do emprego temporário ou do subemprego (...) são factores estruturais (...) perturbadores das normatividades e vivências tradicionalmente associadas a essas «etapas» da vida (...)” (Ferreira e Nunes, 2010: 40-41).

Vê-se, então, um mercado de trabalho que já não está tão recetivo à população jovem, que, por sua vez, já não encontra no diploma um bilhete de passagem para um bom emprego que permita atingir a estabilidade financeira e consequente independência da família de origem de uma forma tão rápida como noutros tempos. Isto porque já nem quando se encontra, finalmente, um emprego, há garantias de que a estabilidade financeira virá brevemente. O desemprego surge, assim, como uma nuvem que faz sombra na vida das camadas jovens que tentam atingir a sua independência financeira:

“A diminuição do volume de emprego, em particular em sectores de actividade tradicionalmente receptivos à mão-de-obra juvenil e a precarização da relação salarial têm contribuído para que a inserção na vida activa de muitos jovens se caracterize por uma alternância entre períodos de desemprego, mais ou menos longos, empregos precários e frequência de cursos de formação.”

(Alves, 1998:110).

Esta situação assume-se, de acordo com Natália Alves (1998), como uma ameaça presente na vida da grande maioria dos/as jovens independentemente das suas condições sociais e/ou situações face ao emprego. Como já foi previamente referido,

“[T]radicionalmente, os processos de transição para a «idade adulta» eram vividos como um tempo linear, sujeito a uma sucessão progressiva e organizada de etapas previsíveis, reguladas por ritualidades que tendiam a configurar normativamente as cadências associadas às trajetórias juvenis e que identificavam o cumprimento sucessivo de determinados marcadores de passagem à adultícia (...).”

(Ferreira e Nunes, 2010:42)

Atualmente, não existem certezas que à saída da escola estará um emprego que permita o “salto” para a vida adulta, pois “(...) um dos traços que mais caracterizam a actual condição juvenil é a situação de impasse vivida por muitos jovens em relação ao futuro” (Pais, 2010: 21). Isto leva a que as transições acabem por sofrer perturbações, pois

“A transitividade do curso de vida ter-se-á tornado, assim, mais inesperada e desestandardizada, *individualizada*, exigindo que os indivíduos se adaptem, de forma flexível e sucessiva, a novas condições sociais, materiais e simbólicas, passíveis de reconfigurar, reverter, desviar ou ramificar rotas biográficas anteriormente traçadas e/ou esperadas”

(Ferreira e Nunes, 2010: 41)

Muitos/as jovens, por perceberem que hoje em dia não é fácil arranjar um emprego na área em que estudaram, procuram caminhos alternativos explorando *hobbies* e outros gostos pessoais noutras áreas, procurando aprender mais sobre elas, para assim se tornarem mais versáteis e tentarem conseguir que se abram mais portas para o seu sucesso profissional. Percebe-se uma vontade crescente de aprender mesmo depois de terminados os tempos de escola. Verifica-se uma necessidade de construir uma maior adaptabilidade da parte da população jovem para que esta tenha melhores condições de acesso e sucesso no mercado de trabalho. Desta feita, perante um mercado de trabalho onde o emprego escasseia e a competição aumenta, há que pensar em estratégias para permitir aos/às jovens uma entrada nesta etapa com mais garantias e menos precariedade. É necessário empreender, marcar a diferença, arranjar formas alternativas para vencer neste mundo tão competitivo. Esta revela-se, então, como uma temática essencial na medida em que se pretende a construção de um SE que se preocupe com estas questões do emprego, devido à importância reconhecida que este tem na vida de um/a jovem, que pense estratégias atuais e atrativas para melhorar a situação de desemprego que a juventude tem vivido, e que vá fundamentalmente de encontro às necessidades e/ou potencialidades que a população jovem apresente.

Parte III - Fundamentação Teórico-Metodológica para o Processo de Intervenção

No sentido de contextualizar o percurso referente ao estágio, torna-se fundamental apresentá-lo e clarificá-lo a nível metodológico. Assim, começa-se por explicitar o processo de chegada ao contexto, passando pela postura adotada na intervenção desenvolvida ao longo de todo o estágio, e termina-se com uma abordagem às técnicas utilizadas no mesmo. Deste modo, está seguidamente apresentado todo o caminho percorrido no âmbito do estágio desde que este se iniciou.

Capítulo 1. Chegada ao Contexto e Apresentação Geral do Estágio

Numa fase inicial da escolha do contexto para desenvolver o estágio no âmbito do Mestrado em CE, foi necessário, juntamente com a orientadora, tentar perceber onde recaíam os meus interesses relativamente a esta questão. Tendo em conta que estes incidiam sobre as questões da juventude e o trabalho direto com o público jovem num contexto a ele dedicado, percebeu-se que contextos como escolas ou Casas de Juventude poderiam constituir boas instituições para acolher o estágio.

Posteriormente, e após alguns contactos estabelecidos entre a FPCEUP e a FJ, surgiu a ideia de esta instituição abrir espaço a estágios profissionalizantes das CE. Deste modo, considerou-se que este seria um caminho interessante para seguir. Isto porque proporcionaria a oportunidade de explorar um contexto onde os/as Licenciados/as em CE ainda pouco tinham intervindo no âmbito de estágios profissionalizantes, assim como a de trabalhar diretamente com jovens sobre temáticas atuais e que fossem de seu interesse.

Foi, então, agendada uma reunião no dia 14 de fevereiro de 2012 com a Gestora de Projetos e a Diretora-Geral da FJ nas instalações da mesma, na qual se explicitaram os vários caminhos que um estágio nas CE podia ocupar no contexto. Uma das propostas apresentadas foi a integração da equipa de formação dos cursos profissionais que funcionam neste espaço, sendo que a outra consistia em trabalhar num equipamento da FJ, o Palácio das Artes- Fabrica de Talentos (PAFT). Este é um edifício histórico, com um grande potencial artístico, cultural e educativo, mas que ainda não tem um Serviço Educativo (SE) que desenvolva este mesmo potencial. Assim, a proposta para o meu estágio neste sentido seria criar de raiz um SE naquele espaço.

Após ponderar sobre estas duas opções, optou-se pela proposta que representava um maior desafio e uma maior oportunidade de desenvolver competências pessoais, académicas e profissionais: a criação do SE. Isto porque a oportunidade de levar a cabo um estágio num contexto novo para as CE e de criar algo de raiz naquele espaço despertou o meu interesse, ainda que o projeto fosse um pouco ambicioso e complexo para ser desenvolvido apenas por uma pessoa. Assim, houve a possibilidade de uma colega de mestrado integrar também este projeto pelo que ficámos ambas responsáveis pela criação do SE no PAFT.

Sistematizando o processo de estágio numa escala temporal, este teve o seu ponto de partida em fevereiro de 2012 (com atividades de conhecimento e aproximação ao contexto) e estendeu-se até abril de 2013, excluindo a interrupção correspondente às férias letivas (agosto e setembro):

2012						2013			
Fev. - Mai.	Jun. - Jul.	Ago. - Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.
Primeiros contactos com o contexto de estágio	Conceção de um projeto a implementar no estágio	Férias letivas	Estágio no PAFT						

Quadro 1 – Esquema temporal do processo de estágio no PAFT.

É possível, através do Quadro 1, verificar que o estágio decorreu em, sensivelmente, três fases. Uma primeira fase refere-se ao tempo que decorreu entre o momento em que teve lugar a primeira reunião até ao momento do início da conceção de um projeto para tentar implementar no contexto quando o estágio propriamente dito se iniciasse. Assim, nesta primeira etapa, decorreram algumas visitas ao local para tomar conhecimento das dinâmicas exteriores e interiores do mesmo. Assume-se aqui uma fase de diagnóstico, onde o objetivo seria conhecer um pouco o contexto para facilitar a entrada na rotina de trabalho do PAFT quando chegasse o mês de início do estágio. É de ressaltar a importância desta etapa de conhecimento do contexto e aproximação ao problema num processo de intervenção. Isto porque, para intervir, é necessário conhecer a realidade no sentido de perceber quais os recursos existentes no contexto e identificar os problemas que os membros da comunidade experienciam, se existirem. Este processo deverá determinar as necessidades existentes e as potencialidades do espaço, de modo a poder ser determinada a abordagem indicada.

Na segunda fase, após esta breve aproximação ao contexto, iniciou-se a conceção de um projeto de acordo com a informação resultante de alguns instrumentos de investigação a que recorri na etapa anterior. A ideia central do estágio nasce, então, desse projeto, construído após ter-se percebido a existência de potencialidades históricas e de apoio à empregabilidade juvenil naquele espaço. Constrói-se, assim, uma planificação de um projeto, onde a principal atividade seria um circuito de visitas ao PAFT.

Por fim, a terceira fase consiste no estágio em concreto, que teve a duração de 7 meses – entre outubro de 2012 e abril de 2013. Ao entrar de um modo mais ativo no contexto, foi possível perceber que teria de haver uma readaptação ao que estava projetado, pois o contexto sofreu alterações que impediram a concretização do projeto e guiaram o foco da intervenção para outro caminho. O estágio decorreu com a conceção e participação em diversas atividades de naturezas diferentes, ainda que as temáticas se tenham focado em alguns pontos centrais, como o apoio à empregabilidade juvenil e as questões históricas ligadas ao edifício. Esta etapa culmina, assim, com o afastamento gradual do contexto para que a rotura com o mesmo não fosse repentina e definitiva, sendo que o dia 22 de abril de 2013 foi a data da última visita ao local no âmbito do estágio.

Capítulo 2. A Intervenção e a Investigação: dois mundos que se atravessam

Ao longo do percurso foram adotadas posturas e estratégias que merecem ser explicitadas no sentido de o enquadrar metodologicamente. Ainda que este estágio esteja inserido numa vertente de intervenção, importa salientar que a investigação acompanhou o processo desde o seu primeiro momento até ao final, tomando um papel importante que completou e orientou a intervenção levada a cabo no contexto.

2.1. O Percurso de Intervenção: posturas adotadas ao longo do estágio

Em termos práticos, a intervenção levada a cabo no contexto de estágio passou pela concretização de atividades de aproximação mais ativa ao contexto, pela participação em eventos já desenvolvidos pelo PAFT e planificação de novos, incluindo ainda o desempenho de outras tarefas pontuais necessárias ao bom funcionamento do espaço. Implicou a existência de um contacto bastante próximo com as pessoas, tanto no que se refere à equipa do PAFT, como a visitantes, estagiários/as e profissionais das mais diversas áreas. Implicou ainda que, para o decorrer do estágio e o desenvolvimento de atividades, se considerassem as potencialidades do espaço assim como as opiniões sobre o mesmo, que

vieram de vários indivíduos que o frequentam, independentemente do vínculo que têm para com ele.

Foi importante adotar uma postura centrada nos indivíduos e nas relações que estes estabelecem com os vários contextos do meio envolvente e vice-versa. Esta posição remete para Bronfenbrenner com a sua perspetiva ecológica, apresentada pela primeira vez em 1979. Esta defende que os indivíduos não devem ser pensados independentemente do contexto em que se inserem e das relações que aí se estabelecem. Neste sentido, o contexto no qual os sujeitos se desenvolvem é constituído por uma série de sistemas funcionais que interagem entre si e contribuem para a sua formação a vários níveis. Assim, podem distinguir-se as seguintes estruturas: o microsistema, que consiste no conjunto atividades e interações que se experienciam diretamente num dado contexto; o mesossistema, que compreende as relações entre dois ou mais meios nos quais o indivíduo participa de modo ativo; o exossistema, que diz respeito à ligação entre dois ou mais contextos que não incluem diretamente o sujeito como participante ativo, mas nos quais se produzem acontecimentos que afetam o que acontece à sua volta; o macrosistema, que se refere aos hábitos culturais e às crenças da sociedade; e o cronossistema, que inclui a dimensão temporal no contexto de vida, sendo entendido como o desenvolvimento no sentido histórico.

Na intervenção, valorizaram-se as relações que se estabelecem entre os sujeitos e os vários contextos que fazem parte das suas vidas, como é o caso do PAFT. Esta valorização fundamental para perceber as interações e assim poder adequar a intervenção à realidade do contexto, para melhor ir de encontro às sugestões e necessidades apontadas pelos indivíduos relativamente ao local. Isto porque

“[a] intervenção Comunitária depende da capacidade de estabelecer relações de confiança com outros, profissionais e cidadãos – a intervenção não decorre contra os outros ou apesar dos outros ou em vez dos outros, mas só faz sentido se com os outros. Esta é uma marca distintiva da intervenção que lhe garante, simultaneamente, legitimidade e eficácia”

(Menezes, 2010: 105-106).

Revela-se, assim, importante a atenção disponibilizada à comunidade e ao modo de interação com a mesma, orientando a ação de acordo com as interações que ocorrem no contexto entre os vários elementos que dele fazem parte. Esta questão remete ainda para a postura defendida pelo processo de mediação socioeducativa, que tem inerente um conceito de intervenção. Aqui, valoriza-se a comunicação e, mais uma vez, a participação

dos sujeitos, permitindo que todos intervenham junto do contexto em que se inserem. Exemplificando em termos práticos, foi importante abordar a comunidade

“dada a necessidade sentida de saber a percepção de vários grupos acerca do edifício e do conhecimento da história do mesmo. Importava ainda tomar conhecimento de algumas opiniões sobre atividades interessantes a desenvolver num serviço educativo e áreas que pudessem ser trabalhadas, no sentido de nos aproximarmos da população e a incluirmos no processo. Assim, fomos para a rua conversar, observar e questionar as pessoas sobre as suas necessidades, desejos e sugestões para o PAFT, assumindo o papel preponderante que a comunidade tem neste tipo de processos”

(Nota de Terreno dia 4/10/2012).

Existe, deste modo, uma articulação, uma promoção de diálogo, que permite uma inovação a nível educativo que contraria a perspectiva que confere o poder a quem intervém perante os sujeitos objetificados sobre quem recai a intervenção. Destaca-se, então, a componente humana deste estágio. O contacto com as pessoas levou a que a estratégia de intervenção passasse pela existência de uma forte vertente de comunicação e por um contacto bastante próximo com as pessoas, que foi realizado sempre no sentido da epistemologia da escuta. O que acontece nesta lógica é que a pessoa que investiga ou intervém e os sujeitos

“(…) se envolvem numa relação de conhecimento e de investigação que não é uma relação de um sujeito conhecedor perante um objecto conhecido, mas o encontro de dois sujeitos onde aquele que tem o domínio sobre o aparecimento e o desenvolvimento dos fenómenos é precisamente aquele que é o objecto do conhecimento”

(Berger, 2009: 189-190).

Isto acontece em oposição a uma epistemologia do olhar, onde “(…) é evidente que o sujeito é aquele que olha, sendo o objecto aquele que é visto” (Berger, 2009: 189). Deste modo, houve uma participação de toda a comunidade interior e exterior ao PAFT, uma vez que esta não foi assumida como um mero objeto de investigação sobre o qual se intervém. A lógica presente foi a de intervir com as pessoas e com o contexto, e não sobre os mesmos.

No que toca à expressão da intervenção comunitária, Manuel Matos (2009) apresenta três formas olhar a realidade: a intervenção científico-técnico-funcionalista; a intervenção assistencial-prestacionista e a intervenção cidadã. Perante estes três modos de

expressão, é possível enquadrar a intervenção levada a cabo no estágio na terceira: a intervenção cidadã. Nesta forma de expressão da intervenção, a comunidade não é considerada como sendo apenas o somatório de indivíduos, assim como o indivíduo é visto como mais que uma realidade elementar. Os sujeitos da intervenção não se assumem como objetos, mas sim como cidadãos, "(...) isto é, na sua condição de portadores de direitos e de culturas intrínsecas ao seu desenvolvimento e não já na de utente/usuário do sistema ou de cliente, em condição passiva e submissa(...)" (Matos, 2009: 188). São vistos como parte da intervenção, como participantes e não como "alvos" e leva-se em conta as suas opiniões, os seus desejos e interesses, tudo no sentido de desenvolver atividades que façam sentido naquele contexto e para aquele grupo de indivíduos. No que toca à comunidade, esta foi vista, então, como "um sujeito plural, inter-subjectivo e multi-referenciado, mais do que uma realidade natural e espacial homogénea (...) sendo por isso que ela não pode ser pensada como um sujeito/objecto colectivamente amorfo, que se deixa apreender e tratar nos termos de um projecto pensado a partir do exterior" (Matos, 2009: 185). Deste modo, conhecer a realidade do contexto torna-se fundamental. Fazer aproximações ao local, perceber como a comunidade influencia e se articula com o espaço físico e vice-versa, perceber a importância que as pessoas dão ao mesmo e as potencialidades que lhe reconhecem foi essencial para entrar nas dinâmicas do contexto e melhorar a qualidade da intervenção. Esta postura permitiu que se desenvolvessem atividades focadas nos públicos a quem se dirigiam, ao invés de implementar algo pré construído.

No que se refere a esta questão, apesar de haver um projeto previamente estruturado (ainda que construído com base nos resultados do conhecimento inicial do contexto), este foi bastante afetado devido a uma característica dos contextos: a sua mutabilidade. Os espaços e as suas dinâmicas, bem como as suas pessoas, transformam-se com o passar do tempo. Devido a essa metamorfose, sentiu-se a necessidade de redescobrir o espaço quando o estágio iniciou. Só assim foi possível perceber que este havia sofrido alterações a vários níveis que, de algum modo, dificultaram a concretização do projeto, ainda que este fosse alterado ao longo do tempo de estágio para melhor se adequar às novas realidades do PAFT. Deste modo, a redescoberta do espaço permitiu orientar a ação noutro caminho e explorar um novo percurso de intervenção no âmbito da conceção do SE.

2.2. A Investigação: uma componente essencial para orientar a ação

Ainda que o presente relatório retrate um percurso essencialmente de natureza interventiva, não se pode negar que a investigação é uma parte central de qualquer projeto. Etimologicamente, investigar é procurar, compreender, produzir conhecimento. Assim, sentiu-se a necessidade, logo na fase dos primeiros contactos com o contexto, de fazer uma espécie de diagnóstico no sentido de perceber qual a relação existente entre a comunidade e o PAFT. Isto foi concretizado nas primeiras visitas que foram feitas, através de técnicas e métodos como notas de terreno e observação direta e participante, bem como da aplicação de questionários, que serão apresentados em detalhe mais à frente.

A investigação realizada não ficou por aqui. Estendeu-se a todo o percurso, dada a sua importância para a intervenção. Ao longo dos 7 meses de estágio foram levadas a cabo estratégias de investigação com as mais diversas finalidades. Foi importante entrar no contexto pela via da investigação no sentido de o conhecer. No entanto, houve a atenção para não assumir que o contexto era pautado por carências e que o papel da investigação seria descobri-las para posteriormente intervir nelas. Aqui, a investigação assumiu-se como uma forma de procurar conhecer as potencialidades do espaço, tanto interior como exterior. Mais do que descobrir o que está em falta, interessou descobrir os pontos fortes, com os quais se pudesse trabalhar e melhorar a intervenção nesse sentido. É certo que à medida que se descobrem potencialidades, também se encontram alguns aspetos menos desenvolvidos ou em falta. No entanto, o foco do trabalho de investigação e de intervenção incidu no potenciamento dos aspetos positivos, o que também vai acabar por responder eventuais carências que possam existir.

Importa referir que a investigação desenvolvida esteve enquadrada naquele a que Boaventura Sousa Santos (1998) chama de paradigma pós-moderno (ou emergente). Paradigma, segundo Bourdieu (2004), refere-se ao

“(...) equivalente de uma linguagem ou de uma cultura: determina questões que podem ser formuladas e as que são excluídas, o pensável e o impensável; sendo simultaneamente um conhecimento adquirido e um ponto de partida, é um guia para a acção futura, um programa de investigações a empreender, mais do que um sistema de regras e normas”

(Bourdieu, 2004: 29).

Trabalhando um pouco mais a questão do paradigma pós-moderno, segundo Boaventura de Sousa Santos (1998), é importante referir que este é, não só científico, mas

também social e pode ser apresentado a partir de quatro pressupostos que, resumidamente, defendem que já não faz sentido separar as ciências naturais das sociais, acabando-se com os dualismos do paradigma positivista; o conhecimento constitui-se em torno de temáticas que determinados grupos adotam em determinados momentos, a ciência assume um carácter autobiográfico e auto referenciável e existe uma articulação íntima entre ciência e senso comum, valorizando-o. Adotou-se, assim, esta postura durante o processo na medida em que, nos momentos de investigação, os sujeitos foram valorizados, ouvidos e incentivados a participar em todas as etapas, sendo que as informações reunidas nos vários momentos orientaram a linha de ação. Partiu-se do senso comum, pelo que se refletiu sobre temáticas que a comunidade mostrou serem relevantes para aquele espaço num determinado momento, o que permitiu conduzir a ação indo de encontro à informação recolhida. Isto em oposição a um paradigma moderno (ou dominante) que defende um conhecimento objetivo, baseado em factos, cujo rigor científico é sobrevalorizado e onde os factos sociais são explicados através de leis naturais universais.

É ainda relevante referir que, ainda que muitas vezes seja defendida a necessidade de uma posição imparcial por parte de quem investiga ou intervém, não é possível adotar-se uma posição de completa neutralidade, pois tal como nos diz Sandra Harding, na sua teoria do *Standpoint*, “(...) all scientific knowledge is always, in every respect, socially situated. Neither knowers nor the knowledge they produce are or could be impartial, disinterested, value-neutral, Archimedean” (Harding, 1991: 11). Isto remete-nos então para a impossibilidade de um/a investigador/a realizar um trabalho totalmente imparcial, pois é inevitável este/a situar-se perante o conhecimento que produz. Em termos práticos, desde a chegada ao contexto que já havia um posicionamento relativamente ao local, já havia um pré conhecimento do espaço e já havia algumas considerações tecidas em torno do mesmo. Nos momentos de investigação durante o decorrer do estágio, existia também algum conhecimento sobre as temáticas a serem exploradas, o que, inevitavelmente, acaba por condicionar a investigação e, consequentemente, a intervenção.

Para finalizar, o estágio baseou-se na ideia de que, o conhecimento deve ter como base a compreensão dos fenómenos, mais que apenas a sua medição e quantificação, assim como os sujeitos não devem ser objetificados, mas levados em consideração no processo de produção de conhecimento e intervenção. Deste modo, o senso comum e os imprevistos devem ser considerados e valorizados pois podem constituir-se como uma força para qualquer processo de investigação ou intervenção.

Capítulo 3. Técnicas de Intervenção e Investigação Adotadas ao Longo do Percorso

Durante todo o processo foram utilizados diversos métodos e técnicas que aqui serão apresentados de um modo mais detalhado. Importa realçar que se optou tanto por utilizar métodos qualitativos, onde se procura os diferentes significados que os sujeitos atribuem a uma situação ou fenómeno, como quantitativos. Assim, gera-se uma situação de complementaridade entre os métodos, o que leva a um melhor cumprimento dos objetivos e necessidades sentidas em termos de intervenção e investigação.

No que se refere à intervenção, inicialmente optou-se pela estruturação de um projeto. O objetivo era iniciar uma aproximação ao contexto para começar a delinear um projeto de intervenção, uma vez que esta construção implica

“(...) em conjunto com a comunidade, analisar o contexto e os problemas aí sentidos, aprofundar a forma como esses problemas são definidos e quais os recursos existentes para os resolver, identificar prioridades e grupos-alvo (...)”

(Menezes, 2010: 51).

Assim, a partir da etapa de diagnóstico, o projeto foi-se construindo, de acordo a corresponder às sugestões que foi possível registar. No entanto, teve de ser posteriormente reformulado, sendo que, aquando do início do estágio propriamente dito, a ideia de levar a cabo esse mesmo projeto caiu por terra e a ação foi sendo readaptada à medida que o estágio decorria. Assim, valorizou-se o processo em vez dos resultados, tendo em conta a informação recolhida junto da comunidade e a nova reaproximação ao contexto. Optou-se, como já foi referido, por estratégias de valorização dos sujeitos e pela lógica da mediação socioeducativa. Esta assume o desenvolvimento de um trabalho que é realizado numa lógica de escuta e promoção do diálogo, incentivando a comunidade a participar, aproximando-a do contexto e vice-versa. Existe um potencial transformativo inerente à mediação, que permite que as pessoas e os contextos tenham a possibilidade de se articular e sofrer uma mudança positiva por meio do instrumento da comunicação (LittleJohn & Domenici, 1999). Este potencial é baseado nas relações, no diálogo, na escuta dos sujeitos. Deste modo, a comunidade assumiu um papel central no processo, visto que a intervenção em educação pressupõe uma disponibilidade por parte do/a investigador/a para trabalhar com as pessoas em vez de trabalhar sobre elas ou para elas, sendo que as sugestões e opiniões da comunidade orientaram o caminho para a prática.

Importa, então, apresentar de seguida as técnicas de investigação utilizadas e o modo como elas foram importantes para orientar a intervenção. Isto porque não se pode deixar cair no esquecimento o pressuposto de que ambas se atravessam, sendo que as técnicas de investigação acabam por ter também um carácter interventivo. Deste modo, a escolha dos métodos de investigação recaiu sobre a análise documental, a observação participante e direta, as notas de terreno, a entrevista semidiretiva e o inquérito por questionário:

Análise documental

Ainda numa fase de diagnóstico, foi necessário adotar uma estratégia que permitisse iniciar uma aproximação ao contexto de estágio. A análise documental surge como uma boa opção na medida em que, numa primeira instância, “ (...) a review of the existing literature tells the researcher what is already known or is thought to be known about his/her área” (Pole & Lampard, 2002: 14). Neste sentido, dada a necessidade de conhecer melhor o PAFT e a sua história, esta técnica revelou-se como a mais indicada. À conversa com os/as profissionais que lá trabalham, levantou-se a pertinência de descobrir mais sobre a história existente por trás do edifício. Houve acesso a um conjunto de documentos sobre o mesmo, sendo que alguns remontam até ao ano de 1930, que retratam o edifício nas suas transformações ao longo do tempo e um pouco da vida na cidade nesse dado tempo histórico. Foi uma etapa essencial pois a leitura destes documentos possibilitou dar uma resposta à necessidade sentida de perceber a riqueza histórica deste local, com o objetivo de começar a conhecer o contexto de estágio mais aprofundadamente.

Outra forma de análise documental a que se recorreu, já quando o estágio propriamente dito se iniciou, consistiu na consulta das páginas *online* da FJ para perceber que tipo de atividades já ocorrera no PAFT. O desempenho desta função foi pertinente na medida em que, para uma melhor intervenção ao nível do planeamento e concretização de atividades, é importante ver qual o modo como o espaço se tem organizado nesse sentido. Essa pesquisa possibilitou uma melhor entrada no modo de trabalho do PAFT e permitiu perceber como se organizam e estruturam as atividades, bem como os temas que são trabalhados e a que públicos-alvo se destinam. Isto foi fundamental porque levou à construção de propostas de novos eventos que poderiam ter sucesso no PAFT. Deste modo, é possível verificar a questão da articulação entre investigação e intervenção, sempre presente ao longo do estágio.

Observação Participante

Constitui a técnica principal do método etnográfico e foi adotada em vários momentos do estágio nas suas variantes direta e participante. Relativamente às observações sociológicas, estas

“(...) incidem sobre o comportamento dos actores, na medida em que manifestam sistemas de relações sociais, bem como sobre os fundamentos culturais e ideológicos que lhes subjazem. (...) o campo de investigação do investigador é, a priori, infinitamente amplo e só depende, em definitivo, dos objectivos do seu trabalho e das suas hipóteses de partida”

(Quivy e Campenhoudt, 2008: 196).

A primeira vez que este método foi utilizado no âmbito do estágio diz respeito às visitas ao PAFT realizadas nos primeiros contactos com a FJ. Estas tinham como objetivo perceber as dinâmicas interiores e exteriores do edifício, sendo que o modo mais adequado de o fazer foi através da observação. No espaço do largo de S. Domingos, esta foi de tipo direto, pois realizou-se uma observação do movimento e das interações entre a comunidade de um modo um pouco mais distanciado da realidade que se pretendia conhecer, sem perturbar nem participar no movimento natural daquele espaço. Observou-se, por assim dizer, do “exterior”.

A observação de tipo participante foi utilizada em vários momentos do estágio. Este método consiste em observar, mas assumindo um papel ativo na vida coletiva do contexto, evitando perturbá-lo. A observação participante pode ser feita de um modo estruturado (acompanhada de tabelas para registo das situações observadas) ou não estruturado. A postura adotada neste sentido foi a não estruturada, na medida em que permitiu a disponibilização de uma maior atenção aos acontecimentos que observados. Dentro do palácio, houve a oportunidade de observar o seu funcionamento estando dentro do mesmo e interagindo com as pessoas que o frequentam, tanto em trabalho como em visita.

Outra situação que possibilitou a oportunidade de observar de modo participante foi um seminário desenvolvido pela FJ em conjunto com a Rede Nacional RSOPT (Responsabilidade Social das Organizações), intitulado de “Ser Empreendedor(a) – Atitude e Competência”. Este seminário contou com a participação das estagiárias numa postura de observadoras, no sentido de perceber o tipo de adesão do público jovem a iniciativas de apoio à entrada juvenil no mercado de trabalho desenvolvidas pela FJ.

Por fim, esta postura também foi adotada em várias edições do evento Feiras Francas onde se desempenhou uma função de contagem de visitantes que permitiu ter a

perceção da adesão da população a este evento, bem como do tipo de público que visita o PAFT nesses dias.

Em suma, observação em ambas as suas variantes revelou-se uma técnica pertinente pois, nestas situações, pretendia-se analisar o não-verbal, o que acontece em tempo real e todas as dinâmicas para além das palavras. A observação é, assim, “for all those researchers who have the capacity and the opportunity to be there, and to experience events, institutions, people and places at first hand as they happen” (Pole & Lampard, 2002:70). Esta técnica tem, então, a vantagem de permitir a apreensão dos acontecimentos no preciso momento em que ocorrem, algo que dificilmente será percebido de outra forma.

Notas de Terreno

Ao longo de todo o percurso foram sendo construídas notas de terreno (APÊNDICE I), que também se constituíram como um bom método de investigação e de intervenção. Estas consistem num registo escrito, que no presente caso foi diário, dos acontecimentos no contexto de estágio. Segundo Pole e Lampard (2002), “the notes taken in the field are the first stage in data recording, which usually require further works in order to render them intelligible and useful to the study” (p. 82). Assim, durante o período de trabalho, foram registados alguns apontamentos que, ao final de cada dia, foram trabalhados para construir um texto articulado, de descrição e reflexão sobre os acontecimentos que tiveram lugar no respetivo dia.

Existem inúmeras vantagens inerentes a este método, dado que, através do registo dos acontecimentos diários do estágio, é possível revisitar esses momentos e refletir sobre os mesmos de um modo mais eficaz do que se estes não fossem registados. As notas de terreno revelaram-se como uma mais-valia para este percurso pois permitiram uma reflexão sobre os acontecimentos e uma análise críptica dos mesmos à luz de diversos temas pertinentes para a construção do SE neste espaço.

Funcionam, assim, como uma preciosa ajuda, não só na intervenção, como também na investigação, uma vez que através das reflexões realizadas é possível melhorar a linha de intervenção para adapta-la à realidade, pelo que levanta ainda a possibilidade de surgirem mais questões que se revelem pertinentes para o trabalho desenvolvido.

Entrevista semidiretiva

Outro instrumento a que se recorreu foi o da entrevista semidiretiva, ao final do estágio. A sua utilização surgiu da necessidade de saber qual a conceção de SE da supervisora local. De certo modo, funcionou para perceber se esta ideia se alterou ao longo do tempo, se o trabalho das estagiárias se adequou à sua visão, entre outras questões nesse sentido.

A entrevista revelou-se como o instrumento mais adequado, pois há uma valorização da comunicação: “(...) interviewing is not just about talking and asking questions, it is also very much about listening” (Pole & Lampard, 2002: 143). Isto vai permitir dar um papel central ao/à entrevistado/a e valorizar o que este/a tem a dizer acerca de determinado assunto. Outra das vantagens reside no facto de ser possível, através da entrevista, aprofundar determinado tema e explorar as perceções do/a interlocutor/a, o que pode ser incrivelmente útil para melhorar a intervenção que está a ser desenvolvida.

No caso da entrevista aplicada no estágio, esta foi de carácter semidiretivo, isto é, uma entrevista que não assume um carácter completamente aberto nem tem um número excessivo de perguntas demasiado específicas. Existia um guia constituído por três perguntas abertas que não foram apresentadas por ordem, mas sim à medida que se mostraram pertinentes. Acontece que nem todas as questões se revelaram importantes para conduzir a conversa, pelo que também não foi necessário seguir o guia de um modo rigoroso. Assim, a pessoa entrevistada tem total liberdade para falar dos assuntos a abordar da forma que lhe for mais confortável e, quem sabe, levantar outras questões que possam ser importantes de aprofundar. Esta característica é fundamental para valorizar a opinião do indivíduo, tal como tem vindo a ser referido.

Inquérito por questionário

Em vários momentos do estágio surgiu a necessidade de aplicar inquéritos por questionário. Este método consiste em colocar a um conjunto de inquiridos

“(...) uma série de perguntas relativamente à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse aos investigadores”

(Quivy e Campenhoudt, 2008: 188).

Trata-se de um método que tem a vantagem de abordar um número elevado de pessoas, e, conseqüentemente, abranger várias camadas da população. Revelou-se como um instrumento que respondia a várias necessidades surgidas em determinados pontos do percurso.

Numa fase de diagnóstico, verificou-se a importância de auscultar vários grupos de indivíduos (Equipas da FJ e do PAFT, Escolas e Comunidade envolvente) acerca do edifício e o seu conhecimento sobre a história do mesmo, bem como recolher algumas opiniões que pudessem dar uma luz acerca do que seria interessante e importante trabalhar no local. Outra situação em que se usaram questionários foi durante a 31ª edição das Feiras Francas, em dezembro, na medida em que era importante perceber qual o tipo de público que participa nas mesmas, assim como a sua situação profissional e o porquê de ter surgido o projeto que apresentam. Isto porque as Feiras Francas são eventos que apoiam a empregabilidade juvenil e era interessante perceber o impacto concreto que têm no público jovem. Este instrumento também foi utilizado no final de cada *workshop* realizado numa lógica de avaliar vários aspetos do mesmo. Importa realçar o facto de em nenhum dos momentos se ter obtido um número significativo de respostas que justifique tratamento estatístico de dados.

Em conclusão, precisamente pelo facto de a intenção ser a abordagem de um número elevado de pessoas em diversos contextos, esta revelou-se como a opção mas indicada, tanto por uma questão de tempo, como por motivos de abrangência. No entanto, este instrumento traz consigo a desvantagem de as respostas obtidas serem um pouco superficiais e não permitirem o conhecimento aprofundado dos pontos a focar.

Capítulo 4. Nota final

Contemplando todo o processo de estágio, é importante perceber que, apesar de se tratar de um processo de intervenção, a investigação é necessária e deve ocupar uma grande parte do mesmo. Não há investigação sem intervenção, assim como o contrário também é aplicável.

Quando se está à frente de um processo de intervenção, é necessário recorrer a metodologias de investigação para apurar algo que seja necessário saber para intervir. Assim, este processo de estágio foi acompanhado de vários momentos de investigação que contribuíram para aumentar a riqueza da intervenção e para encontrar a melhor forma de agir. Constituem, como já houve oportunidade de referir, duas vertentes que se atravessam,

entrecruzam e complementam. Assim, e em jeito de conclusão, percebe-se que a distinção que normalmente é feita entre ambas acaba por não fazer tanto sentido em determinados contextos, sendo que uma articulação entre estes dois mundos poderá trazer um maior leque de vantagens, tanto para a pessoa que investiga ou intervém, como para a realidade com a qual esta trabalha.

Parte IV - Apresentação e Análise da Ação Desenvolvida no Âmbito da Construção do Serviço Educativo

Chega-se, então, ao momento de clarificar todo o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio no sentido de se tentar construir um SE no PAFT. Esta parte, num primeiro capítulo, dá conta de todas as ações e atividades realizadas, fazendo a sua apresentação de um modo mais descritivo. Posteriormente, no segundo capítulo, faz-se uma discussão em torno de temáticas que surgem da reflexão sobre a ação desenvolvida e que se revelam importantes para se pensar o SE no espaço em questão.

Capítulo 1. Descrição da Ação: o caminho percorrido no âmbito do desenvolvimento do serviço educativo

O processo de intervenção desenvolvido ao longo dos 7 meses de estágio pode ser organizado em várias ações, dentro das quais foram desenvolvidas atividades que levaram ao desenvolvimento de competências a nível pessoal, profissional e académico.

Nas páginas seguintes está, então, apresentado um quadro que organiza essas mesmas ações desenvolvidas ao longo do percurso, bem como as atividades que lhe são inerentes e as competências adquiridas com as mesmas.

Ação	Atividade	Competências desenvolvidas
1. Desempenho de tarefas de aproximação ao contexto de estágio, num sentido de melhor conhecer o funcionamento do mesmo.	a) Aplicação de inquéritos por questionário à comunidade, às equipas do PAFT e da FJ e às escolas.	- Construção de inquéritos por questionário; - Adequação de questionários ao público-alvo a que se destinam; - Melhoria das competências de comunicação.
	b) Levantamento de atividades previamente realizadas no PAFT.	- Competências de pesquisa, síntese, reflexão e análise.
2. Planificação e desenvolvimento de atividades de cariz formativo.	a) Sugestão de um plano de <i>workshops</i> a desenvolver no PAFT.	- Competências de organização; - Planificação de <i>workshops</i> ; - Adequação de diversas temáticas a diferentes públicos-alvo; - Criatividade; - Conhecimento sobre novas áreas artísticas.
	b) <i>Workshops</i> : - “Empregabilidade e Técnicas de Procura de Emprego”; - “Gestão da Carreira Criativa”; - “Viagem ao Passado!”; - “Comande o seu Cérebro” (3 Edições + parte II); - “Reciclarte & Style”; - “Safari Fotográfico pela Cidade do Porto”.	- Planificação de <i>workshops</i> ; - Competências de Organização, Criatividade - Gestão de inscrições; - Competências de comunicação (em reuniões com potenciais formadores/as); - Construção de cartazes e de fichas de inscrição; - Construção de questionários de avaliação de <i>workshops</i> adequadas à temática dos mesmos, bem como ao grupo de participantes; - Mediação entre o PAFT e os/as formadores/as no acordo de condições para o funcionamento de <i>workshops</i> ; - Divulgação de eventos; - Construção de bases de dados com contactos para divulgação; - Contacto com novas realidades artísticas e formativas.
	c) Seminário “Ser Empreendedor (a) – Atitude e Competência”.	- Competências de observação; - Competências de reflexão;

		<ul style="list-style-type: none"> - Competências de comunicação; - Divulgação de eventos; - Construção de bases de dados com contactos para divulgação.
	d) Conferência “Vamo-nos Entender!”.	<ul style="list-style-type: none"> - Competências de organização e planificação de eventos de formação; - Adequação de temáticas ao público-alvo a que se destinam; - Gestão de situações imprevistas; - Adequação de sessões de formação a novas realidades de concretização das mesmas; - Competências de comunicação em público para diferentes públicos-alvo; - Competências de dinamização de eventos formativos; - Competências de mediação, criatividade, improviso e gestão de tempo.
3. Participação em eventos de apoio à empregabilidade juvenil já organizados pelo Palácio das Artes – Fábrica de Talentos	a) Organização das Feiras Francas.	<ul style="list-style-type: none"> - Gestão de participantes para as Feiras Francas; - Competências de organização; - Competências de comunicação; - Gestão de material a emprestar aos/às participantes; - Preparação de espaços físicos para a apresentação dos projetos.
	b) Participação nas Feiras Francas.	<ul style="list-style-type: none"> - Competências de observação e comunicação; - Preparação de espaços físicos para o decorrer do evento.
	c) Aplicação de questionários aos/às participantes das Feiras Francas.	<ul style="list-style-type: none"> - Construção de questionários adequados ao público-alvo a que se destinam; - Competências de comunicação e observação; - Competências de síntese, análise e reflexão.
4. Divulgação de Eventos	a) Construção de cartaz para as exposições a decorrer no PAFT	<ul style="list-style-type: none"> - Criatividade; - Adequação de informação a diferentes públicos-alvo; - Competências de organização.
	b) Colaboração na Exposição “Projeto Casa”	<ul style="list-style-type: none"> - Competências de comunicação;

	na Exponor	- Gestão de espaços.
	c) Tarefas administrativas: Divulgação de eventos, organização de bases de dados, reuniões com formadores/as e gestão de inscrições em <i>workshops</i> .	- Construção de bases de dados com contactos úteis para divulgação; - Competências de comunicação e organização; - Gestão de inscrições em eventos.
	d) Tradução de artigos para a revista “Fábrica de Talentos”.	- Organização de artigos de publicações; - Utilização de tradutores automáticos <i>online</i> .
	e) Entrevista ao Porto Canal.	- Competências de comunicação em televisão; - Conhecimento de um estúdio televisivo em direto; - Competências em lidar com novas situações e experiências.
5. Desempenho de funções de mediação de conhecimentos, públicos e instituições, no âmbito de um serviço educativo	a) Visita guiada a uma turma do ensino secundário.	- Adequação de conteúdos históricos a públicos-alvo específicos; - Competências de comunicação;
	b) Receção doa/as visitantes das exposições no PAFT.	- Competências de observação, - Competências de comunicação com públicos de diferentes nacionalidades; - Atendimento ao público.
	c) Construção de um circuito de visitas adequado a diferentes grupos etários.	- Competências de observação e aproveitamento das potencialidades do espaço; - Aprendizagem de factos históricos relativamente ao edifício das instalações do PAFT; - Criatividade, organização e planificação de atividades; - Adequação de atividades a diferentes grupos etários; - Construção de cartazes e folhetos informativos.

Quadro 2- Ações desenvolvidas

Dado este conjunto de atividades dentro de cada ação previamente descrita, importa partir para uma exposição mais aprofundada de cada uma. Deste modo apresentar-se-á seguidamente uma descrição mais detalhada de cada tarefa correspondente a cada temática agrupadora: as atividades de aproximação ao contexto; as atividades de formação; o evento de apoio à empregabilidade juvenil que o PAFT tem vindo a desenvolver periodicamente - Feiras Francas; as tarefas ligadas à divulgação de eventos; e as atividades com uma componente de mediação de conhecimentos, públicos e instituições que se desenvolveram no estágio.

1.1. Desempenho de tarefas de aproximação ao contexto de estágio, num sentido de melhor conhecer o funcionamento do mesmo.

A apresentação desta ação em primeiro lugar deve-se à sua importância para todas as outras ações desenvolvidas. Foi através das atividades abaixo enumeradas que surgiu a oportunidade de começar a aproximação ao contexto de estágio, as dinâmicas interiores e exteriores do mesmo, o modo como se trabalha neste espaço e o tipo de atividades que lá se desenvolvem. Tudo para se conhecer melhor o local e, assim, poder pensar na melhor forma de organizar a ação.

A importância destas tarefas para a construção do SE reside também no facto de permitirem a entrada na rotina de trabalho do contexto e, assim, adaptar possíveis ideias às condições reais do mesmo.

a) Aplicação de inquéritos por questionário à comunidade, às equipas do Palácio das Artes – Fábrica de Talentos e da Fundação da Juventude, bem como às escolas.

Ainda numa fase inicial do processo de estágio, uns meses antes de o mesmo se iniciar oficialmente, começou-se por fazer uma aproximação ao contexto no sentido de ir conhecendo um pouco as dinâmicas do PAFT. Importa referir que, por esta altura, numa reunião na Fundação da Juventude com a Diretora-Geral, já se tinha elegido a construção do SE no PAFT como ponto central do estágio a que o presente relatório se refere. Assim, é importante realçar que o trabalho de estágio desenvolvido nesse ano letivo foi ainda com o objetivo de preparar o caminho a traçar para a construção do SE, sendo que as atividades realizadas serviram para ajudar a conceptualizar e a orientar a ação a desenvolver.

Optou-se por aplicar questionários (APÊNDICE II) a quatro públicos no sentido de apurar o grau de conhecimento que os mesmos têm do trabalho do PAFT e da sua história, o modo como entendem a pertinência da concepção de um SE no mesmo e perceber se tinham ideias para dinamizar o espaço. Esses quatro públicos foram a equipa da FJ, a equipa do PAFT, os elementos da comunidade de instituições de ensino com quem a Fundação estabelecesse parceria e a comunidade envolvente no Largo de S. Domingos.

O primeiro questionário a aplicar foi o que estava direcionado à comunidade envolvente, no sentido de perceber qual a perceção que as pessoas têm do espaço, que tipo de atividades gostariam de ver desenvolvidas, como se poderia “chamar” mais pessoas ao local, se há ou não um conhecimento da história do Palácio, entre outras. Tendo em conta o pouco movimento verificado no exterior, recorreu-se às lojas que compõem o largo de S. Domingos. Aí foi possível obter algumas respostas que deram uma ideia do que seria importante desenvolver no PAFT para atrair mais público, nomeadamente o público jovem, já que existe algum desconhecimento acerca do edifício e do que lá é desenvolvido em termos de iniciativas. Relativamente aos outros três públicos, a aplicação dos questionários ficou a cargo da supervisora local, que afirmou ser mais fácil a obtenção de respostas se se enviasse o questionário por *e-mail* à equipa da FJ e do PAFT. Como a FJ não faz nenhuma parceria com escolas, a supervisora sugeriu que o questionário destinado a este público fosse aplicado aos formadores e formadoras da Unidade de Aprendizagem da FJ. Deste modo, procedeu também ao envio do mesmo por *e-mail* para que cada profissional preenchesse e enviasse de volta para se poder proceder a uma breve análise dos resultados.

Os resultados obtidos indicaram, resumidamente, um conhecimento básico do trabalho do PAFT e uma grande vontade por parte de todos os públicos de ver o edifício e as suas atividades mais divulgados. Os/as inquiridos/as manifestaram ainda um grande interesse em verem um SE que promova atividades que explorem temáticas dentro de várias áreas artísticas, de questões históricas e de empregabilidade, proporcionando uma maior abertura para a comunidade e o público jovem. Foi interessante perceber a perspetiva destes vários públicos relativamente a estes assuntos, pois a partir deste momento foi possível começar a traçar um potencial caminho a percorrer em termos de ação, no âmbito do SE, durante o estágio.

b) Levantamento de atividades previamente realizadas no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos.

No sentido de começar a entrar ativamente na rotina de trabalho do PAFT, foi essencial realizar uma pesquisa no *site* oficial da FJ para perceber que tipo de atividades se desenvolvem no PAFT e como se organizam. Deste modo, ficou acordado que

“(...) seria pertinente colocarmo-nos a par dos eventos a acontecer futuramente a curto prazo, podendo também aproveitar para ver os que já ocorreram no PAFT ao longo do seu tempo de existência enquanto tal”

(Nota de Terreno dia 3/10/2012).

A tarefa passou, então, por explorar o *site* da FJ e ver quais os eventos que estavam listados, tanto passados como futuros, enquanto se faziam apontamentos sobre os mesmos, fossem eles Feiras Francas, Tertúlias, exposições, *workshops*, entre outros. Isto foi fundamental para começar a perceber quais as características associadas a esses eventos, de que forma se organizam e que áreas são predominantemente focadas no trabalho do PAFT.

Ao proceder a esta pesquisa, percebeu-se que tipo de atividades o PAFT costumava desenvolver, atrás enumerados, e que características apresentavam, tais como a duração, o número de participantes e as áreas de incidência. Isto foi fundamental para orientar a ação na medida em que ajudou a entrar na lógica de trabalho do PAFT e a tomar conhecimento de características a ter em conta quando se tentasse desenvolver novas atividades neste espaço.

1.2. Planificação e desenvolvimento de atividades de cariz formativo

Como tem vindo a ser referido, a equipa do PAFT considerou que este estágio devia ter um foco de ação mais incidente em atividades formativas de cariz não-formal. Assim, esta ação contempla as atividades que constituem o ponto central do estágio, que girou bastante em torno da planificação e organização de *workshops*. São das principais atividades que o PAFT e a FJ realizam e permitiram uma aquisição de aprendizagens e competências a vários níveis.

São atividades de extrema importância para se pensar o SE, pois este deve ter uma oferta formativa no sentido a corresponder às sugestões e necessidades da população que, aquando da primeira abordagem, manifestou interesse neste tipo de eventos. Assim, torna-

se possível abordar diversas temáticas de um modo menos formal, cativante e focado nas pessoas, correspondendo também a outra função do SE, que passa pela mediação, neste caso, de conhecimentos e entre a população e o PAFT.

a) *Conceção de um plano de workshops a desenvolver no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos.*

Antes de se partir para a organização e concretização de *workshops*, foi pedido que se construísse uma proposta de um plano que contivesse sugestões para áreas onde se pudesse desenvolver *workshops* no seguinte ano civil.

Tendo em conta que já se havia realizado previamente uma recolha de informação sobre eventos passados, existia já uma noção das áreas que normalmente são trabalhadas.

“Apesar de apenas nos terem pedido grandes áreas para mais tarde desenvolver *workshops*, considerámos que seria uma boa oportunidade para mostrar um pouco mais do que sabemos fazer e da nossa capacidade de organização. Deste modo, tivemos o cuidado de apresentar mais do que foi pedido, no sentido em que pensámos em *workshops* específicos e respetivos objetivos e públicos-alvo.”

(Nota de Terreno dia 8/10/2012)

Na verdade, enquanto se pensava em áreas artísticas, aproveitou-se a oportunidade para mostrar um pouco mais de trabalho para além do que foi solicitado. Assim, elaborou-se uma proposta de um plano de *workshops* mais específicos que fossem de encontro a várias vertentes a focar no SE:

Workshop	Área	Objetivo	Público-alvo
“Safari Fotográfico Pela Cidade Do Porto” (2 sessões)	Fotografia	1ª Sessão- fornecer as ferramentas de cariz teórico na área da fotografia, no sentido de despertar o interesse dos jovens para a prática da mesma. 2ª Sessão – pôr em prática os saberes adquiridos numa primeira sessão através de uma descoberta fotográfica da cidade do Porto de hoje, contrapondo à cidade do Porto de outros tempos, bem como perceber quais são os espaços onde a juventude se concentra.	Jovens a partir dos 14 anos

“Software De Edição De Imagem” (Photoshop)	Fotografia	Aprofundar competências na área da fotografia na vertente da edição de imagem.	Jovens a partir dos 16 anos
“Expressão Dramática E Corporal” (2 A 3 Sessões)	Teatro	Possibilitar a aprendizagem ao nível da representação com a finalidade de uma pequena apresentação de uma peça de teatro inspirada no século XIII, de modo a recriar a história do próprio edifício na época.	Jovens a partir dos 16 anos
“Dança Através Da História”	Dança	Desenvolver a expressão corporal de uma forma descontraída, embarcando numa viagem ao passado pelo século XIX, onde estas danças surgem em força.	Pares de jovens a partir dos 18 anos
“Vem Criar Connosco – Trabalhos Em Barro”	Artesanato	Proporcionar às crianças um momento de criatividade e liberdade de expressão através das peças decorativas que vão criando.	Crianças dos 6 aos 10 anos
“Artesanato Em Decoupage”	Artesanato	Aprender uma técnica específica e diferente de decoração aproveitando materiais e objetos, de forma a trazer as questões da reciclagem para a Arte.	Jovens e adultos a partir de 18 anos
“Dar Vida Ao Papel”	Artesanato	Proporcionar às crianças um momento de criatividade e liberdade de expressão através das peças decorativas que vão criando, em pasta de papel.	Crianças dos 6 aos 10 anos
“Uma Viagem Pela Arquitetura”	Arquitetura	Realizar uma breve abordagem ao nível arquitetónico a partir do século XIII até à atualidade, correspondendo às várias funções que o edifício PAFT apresentou ao longo dos tempos.	Jovens a partir dos 16 anos
“Curtas No Largo De S. Domingos”	Cinema	Realizar uma curta-metragem no largo onde se encontra o Palácio que nos transporte para a sua história, assim como para a evolução do conceito de juventude ao longo dos tempos com a participação da comunidade envolvente.	jovens a partir dos 18 anos, com alguma experiência nesta área
“Pintura Criativa”	Pintura	Desenvolver o gosto e interesse das crianças pela pintura, tendo a oportunidade de decorar algumas telas que se encontrarão ao longo do edifício.	Crianças dos 3 aos 5 anos
“Fábrica De Pop Art”	Pintura	Permitir o contato dos jovens com este movimento artístico que deriva da década de 1950, de uma	Jovens a partir dos 17

		forma dinâmica e (in)formativa.	anos
“Enfrentar O Público”	Música	Adquirir competências de comunicação e performance essenciais para qualquer apresentação musical.	Músicos ou jovens com interesse na área, a partir dos 16 anos
“Mistura-Te”	Música	Possibilitar o contato, especialmente dos jovens, com o mundo dos Djs, aprendendo as suas técnicas e divertindo-se	Jovens a partir dos 17 anos
“Design Numa Era Digital”	Design	Divulgar e aprender uma forma de <i>design</i> importante numa época liderada pelas Novas Tecnologias.	Jovens e adultos a partir dos 18 anos
“Vamo-Nos Entender” – Dinamização Ao Cargo Das Estagiárias	Mediação de Conflitos	Abordagem inicial de carácter mais (in) formativo acerca da área da mediação seguindo-se de uma série de exercícios práticos que permitam aos formandos lidar melhor com os conflitos inter e intra pessoais.	Jovens e adultos a partir dos 18 anos, que possuam interesse da área
Exposição Final → Esta Exposição Consiste Na Apresentação Ao Público De Todos Os Produtos Resultantes Dos Vários Workshops Dinamizados Até Ao Término Do Nosso Estágio Profissional.			

Quadro 3 – Conceção de plano de *workshops* para o PAFT (Nota de Terreno dia 8/10/2012)

Esta proposta foi pensada tendo em conta a pesquisa previamente realizada e as respostas obtidas por parte dos públicos auscultados na fase de diagnóstico. Tentou-se ir de encontro aos interesses das pessoas em termos de áreas artísticas, conjugando-se esses interesses com a tentativa de não se repetir áreas onde já se tivessem desenvolvido atividades de formação. Os *workshops* continuaram a ser destinados, na sua maioria, a jovens e adultos/as. No entanto, outros públicos, tais como as crianças, não podiam ser ignorados, até porque, ainda que o estágio fosse orientado para as juventudes, um SE deve ser inclusivo em termos dos públicos a quem se destinam as suas atividades.

b) Workshop “Empregabilidade e Técnicas de Procura de Emprego”

Tal como se tem vindo a referir, o apoio à empregabilidade juvenil é um dos pontos centrais a ser focado pelo SE, uma vez que se trata da principal missão do PAFT. Neste sentido, surgiu a oportunidade de tentar desenvolver um *workshop* nesta área.

Coube às estagiárias fazer a mediação entre uma empresa e o PAFT no sentido de acordar as condições de concretização de um novo *workshop* no local. Assim, em primeira instância, foi necessário escolher o público-alvo dentro das opções que a empresa apresentava, que eram: Pais, Profissionais de saúde, educação e respostas sociais, Condutores/as, Alunos/as e Avós. Assim, dentro de cada uma destas categorias, e para adequar este *workshop* ao domínio do mestrado em que o estágio se insere, optou-se por seleccionar uma formação dentro do público Alunos/as, com o objetivo de direccionar esta atividade às juventudes. Já no que toca ao *workshop* em concreto, tendo em conta que existe no PAFT um foco no desenvolvimento de atividades que apoiem a integração juvenil no mercado de trabalho, o mais indicado para tentar desenvolver naquele momento seria o de “Empregabilidade e Técnicas de Procura de Emprego”. Fez-se a proposta à supervisora local, que concordou e deu carta-branca para dar início o processo de organização do evento.

Continuou-se, então, o processo de mediação entre a equipa do PAFT e a empresa, via *e-mail*, no sentido de acordar as condições de concretização do *workshop*. Finda esta etapa, passou-se à fase seguinte: a da divulgação. Foi necessário pedir a construção do cartaz de divulgação, pelo que se contactou o Departamento de Comunicação nesse sentido, enviando toda a informação relativa ao *workshop* a constar no cartaz e na ficha de inscrição (APÊNDICE III). Deu-se, assim, início a próxima etapa – o envio de um *e-mail* com o material de divulgação para todos os contactos da base de dados. Esta etapa de divulgação teve a duração de alguns dias, sendo que também foi feita através do site oficial da FJ, e nas redes sociais, já que estas tecnologias estão próximas do público jovem e constituem, assim, um bom modo de divulgação.

Apesar da divulgação exaustiva, não foi possível, à data limite para as inscrições, obter participantes suficientes para arrancar com a formação. Nesse sentido, concordou-se em adiar a formação. Contudo, mesmo à segunda data limite apenas se contava com 3 inscrições, pelo que viu a necessidade de cancelar o *workshop*. Deste modo, o primeiro *workshop* que se tentou desenvolver não teve o sucesso esperado dada a falta de inscrições, o que possivelmente será fruto da época de crise económica em que se vive atualmente.

Embora que não tenha ocorrido, organizá-lo foi fundamental para a familiarização com este processo, pelo que balanço desta experiência é positivo, pois permitiu adquirir competências de organização deste tipo de eventos.

c) *Workshop “Gestão da Carreira Criativa”*

Seguindo a linha da tentativa da organização de atividades voltadas para o apoio à empregabilidade juvenil, tentou-se reorientar a ação, visto que a primeira forma de agir nesta esfera não teve sucesso. Neste sentido, ao invés de se organizar uma formação abrangente a todos os públicos no âmbito da procura de emprego, optou-se por focar uma formação no público que já participa na vida do PAFT: os/as jovens artistas. Considerou-se que focar uma formação neste público, uma formação com uma aplicação mais prática às carreiras criativas, fosse um melhor caminho a seguir, pelo menos uma primeira fase, sendo que, em caso de sucesso, se começaria a pensar noutro tipo de formações focadas em diferentes áreas e públicos, com uma aplicação prática a eventuais realidades profissionais.

Nesta lógica de ação, fez-se novamente o trabalho de mediar o acordo das condições para o *workshop* entre o PAFT e a formadora, bem como o de pedir o material de divulgação (APÊNDICE IV) ao departamento de comunicação. Procedeu-se à divulgação e foi possível perceber uma maior adesão a esta formação que às outras que se tentaram realizar previamente.

Dada a situação de se ter atingido o número mínimo de participantes, foi importante gerir as inscrições, organizar os dados dos/as participantes e confirmar a concretização do *workshop*. Foi igualmente fundamental construir uma ficha de avaliação (APÊNDICE V) para que os/as participantes do *workshop* preenchessem, no sentido de se obter feedback acerca do decorrer da sessão e apurar eventuais sugestões para futuros eventos a desenvolver no PAFT, permitindo assim um envolvimento da comunidade no trabalho do SE.

d) *Workshop “Viagem ao Passado”*

No sentido de experimentar uma outra linha de ação para o SE, optou-se por tentar desenvolver um dos *workshops* propostos no âmbito das questões históricas, também para perceber se a exploração da vertente histórica em formato de *workshop* teria um impacto positivo na população. Assim, optou-se pelo *workshop* de teatro, que consistia num

pequeno curso de iniciação a esta área, com a finalidade de construir um espetáculo final que recriasse a época em que o PAFT foi um convento de ordem Dominicana.

Após a seleção da formação a ser levada a cabo, foi importante contactar profissionais que estivessem dispostos/as a colaborar com o PAFT no sentido de conduzir o *workshop*. Assim, contactou-se escolas e companhias de teatro no sentido de tentar encontrar potenciais formadores/as para este evento. Perante as respostas obtidas, passou-se a contactar uma das formadoras sugeridas, manifestando a intenção de pedir a sua colaboração e explicitando a ideia central do *workshop*. Dado o interesse demonstrado pela formadora, procedeu-se, então, ao acordo das condições através de reuniões presenciais.

Por fim, seguiu-se a etapa da divulgação, pelo que se o cartaz e da ficha de inscrição (APÊNDICE VI) pelos meios que têm vindo a ser referidos. No entanto, dado o número escasso de inscrições, também não foi possível concretizar esta iniciativa.

e) *Workshop “Comande o seu Cérebro”*

No sentido de variar a oferta do PAFT em termos de temáticas trabalhadas nos *workshops*, foi sugerido pela supervisora local que se tentasse desenvolver uma formação mais afastada das questões artísticas e do emprego. Isto porque havia uma proposta de uma formadora que já havia colaborado com a FJ, que consistia num ciclo de *workshops* que trabalhavam com a PNL (Programação Neurolinguística) e que era composto por 6 sessões organizadas pela formadora, sendo elas:

- *Workshop 1 – Evoluir + para o sucesso*
- *Workshop 2 – “Comande o seu cérebro”*
- *Workshop 3 – Torne-se um vendedor de excelência*
- *Workshop 4- Estratégias para trabalhar pouco e bem*
- *Workshop 5 – Definir objetivos e traçar um plano de ação*
- *Workshop 6 - gestão por valores*

Embora a inclinação inicial estivesse em optar entre os *workshops* 1 e 3, por irem de encontro às questões da empregabilidade, seguiu-se a indicação da supervisora local e tentou-se o *workshop* 2, que abordava técnicas que ajudavam no controlo de medos, fobias e ansiedades, sendo que esta é uma temática que normalmente desperta interesse na população.

Assim, iniciou-se novamente o processo de acordar as condições do *workshop* e o pedido de construção do material de divulgação (APÊNDICE VII), partindo posteriormente para a etapa da divulgação.

Este *workshop* contrariou as tendências verificadas em eventos anteriores. Percebeu-se um grande interesse das pessoas nesta formação, que contactavam o PAFT no sentido de questionar se não estariam previstos mais horários para a sessão. Tentou-se responder à procura acrescentando uma nova data possível para a concretização do *workshop* e aumentando o número limite máximo de participantes. No sentido de gerir melhor as inscrições que chegavam, construiu-se um ficheiro com um sumário dos dados pessoais de cada inscrito/a. Perto das datas de realização do *workshop*, foi necessário construir uma mensagem de *e-mail* para confirmar aos/às participantes a sua inscrição.

No dia da sessão, houve a possibilidade de as estagiárias marcarem presença no evento. As funções nessa sessão passaram, inicialmente, por abrir as portas da FJ, organizar a sala da Administração, receber a formadora e os/as participantes e gerir o pagamento tardio de algumas inscrições. O *workshop* contou com um público interessado e participativo que, no final da sessão, teceu elogios à organização e esperou mais formações sobre futuros *workshops* nesta área. As fichas de avaliação e os certificados de participação foram distribuídos no final da sessão.

Percebeu-se, assim, um grande interesse da população por esta temática, tanto através da observação da sessão como das fichas de avaliação, que apresentavam várias sugestões para se organizar uma segunda parte do *workshop* “Comande o seu Cérebro”. Importa ainda referir que, dada a adesão e o interesse manifestado por parte do público, sentiu-se a necessidade de organizar também uma 3ª Edição deste evento, que também contou com o mesmo sucesso que as duas primeiras.

f) “Comande o seu Cérebro – Parte II”

No sentido de explicitar a pertinência deste *workshop*, importa começar por realçar a importância de avaliar a intervenção desenvolvida. Graças à avaliação levada a cabo no *workshop* “Comande o seu Cérebro”, foi possível auscultar opiniões relativamente à formação e sugestões para futuros eventos. Assim, percebeu-se que, na opinião dos/as participantes, a formação tinha tido uma duração demasiado curta e que havia um grande interesse, manifestado pela grande maioria dos/as participantes, em participar numa

segunda parte do mesmo. Assim, como é função de um SE ir de encontro às necessidades e interesses dos públicos, agendou-se uma segunda parte do *workshop* “Comande o seu Cérebro”, a ser divulgada apenas pelos participantes da primeira. O processo de organização foi o mesmo, sendo que continuou a verificar-se uma grande adesão a esta temática.

Nesta sessão, não foi possível as estagiárias marcarem presença. Todavia, tomou-se conhecimento de que não correu tão bem como as primeira, na medida em que três participantes ficaram impossibilitados/as de assistir devido a problemas de organização do espaço. Por fim, os questionários de avaliação foram enviados por e-mail no sentido de apurar o parecer dos/as participantes relativamente à formação.

g) *Oficina de Escultura “Reciclarte & Style”*

A pertinência deste *workshop* surge numa tentativa de desenvolver uma formação dentro de uma área artística para perceber a adesão da população a este caminho da ação. Este evento consistiu numa proposta de uma oficina de esculturas em cartão, apresentada ao PAFT por parte de um formador da área das artes plásticas.

Considerou-se que seria uma iniciativa interessante para desenvolver com crianças e jovens, pelo que se procedeu à etapa de acordar as condições. Assim, trocaram-se *e-mails* a agendar uma reunião e elaborou-se o esboço de um plano para orientar a mesma, na medida em se queria saber

“(…) em que consistia, de um modo mais detalhado, o *workshop*; qual seria o público-alvo em que ele estaria a pensar, tanto em termos de idade como os limites máximos e mínimos de participantes; qual o horário que ele propõe e qual a duração do *workshop*. Por fim, importava perguntar qual o preço das inscrições, uma vez que temos reparado que a pouca adesão das pessoas aos *workshops* que temos vindo a organizar se deva aos preços praticados, que, embora não sejam elevados, são significativos nos tempos que correm”

(NT de dia 24/1/2013)

Assim, acordaram-se as condições e procedeu-se à divulgação do *workshop* (APÊNDICE VIII), tal como é rotina habitual na organização deste tipo de eventos. No

entanto, apesar de toda esta divulgação, a oficina de escultura “Reciclarte & Style “ não reuniu qualquer inscrição, mesmo que se tentasse adiá-la.

Percebeu-se que, mesmo com uma divulgação intensiva, não houve manifestação de interesse por parte do público, sendo que possivelmente em tempo de crise económica e no emprego, a população mostra preferência por outro tipo de investimentos que tenham uma aplicação mais prática no mercado de trabalho.

h) Oficina de Fotografia “Safari Fotográfico pela Cidade do Porto”

Ainda numa lógica de desenvolver eventos formativos em áreas artísticas, a ideia para esta oficina de fotografia surgiu por parte da supervisora, que se mostrou interessada em levar a cabo um *workshop* nesta área, pelo que prontamente se sugeriu uma formação que constava na proposta previamente apresentada (Ver Quadro 2).

Procedeu-se ao contacto com uma possível formadora para o evento e, visto que esta considerou a proposta aliciante e manifestou interesse em colaborar com o PAFT, mediou-se o acordo das condições. Estando estas definidas, procedeu-se ao pedido do material de divulgação (APÊNDICE IX) e partiu-se para a divulgação nos mesmos moldes que os *workshops* anteriores.

Por fim, esta oficina teve de ficar sem efeito, uma vez que, chegada a data limite para entregar as inscrições, continuava-se sem participantes interessados/as. Assim, ficou a intenção de voltar a tentar concretizá-la num futuro próximo.

i) Conferência “Vamo-nos Entender!”

No plano de *workshops* previamente entregue à supervisora local, estava prevista uma formação cuja dinamização ficaria a cargo das estagiárias, no sentido de permitir a aquisição de competências ao nível da condução de atividades de formação.

Inicialmente, o objetivo era concretizar um *workshop* na área da mediação de conflitos, área com a qual já existe familiaridade, sendo que se organizou uma estrutura da formação, bem como um cartaz e uma ficha de inscrição para apresentar ao PAFT (APÊNDICE X). Esta consistiria numa breve abordagem teórico-prática ao processo de mediação, que culminaria com uma exemplificação prática do mesmo através de exercícios de *role-playing*, onde dois/duas jovens representariam duas partes em conflito e um/a

terceiro/a seria o/a mediador/a. Perante a proposta, foi pedido que esta fosse reestruturada de modo a que o *workshop* pudesse ser destinado a uma turma da Unidade de Aprendizagem da FJ, devido aos problemas conflituais que existem entre os/as formandos/as da mesma.

As condições da formação tiveram de ser alteradas dada a realidade das circunstâncias em que a sessão iria decorrer. Tendo em conta que seriam cerca de 70 participantes, houve a necessidade de reformular os conteúdos, o modo de trabalho e a duração. Assim, retirou-se a componente mais prática na impossibilidade de realizar exercícios em grupo de três pessoas e, por se ter tornado a sessão mais teórica, em molde de conferência, reduziu-se a duração da mesma para metade, no sentido de não maçar o público. Assim, construiu-se uma apresentação onde se focavam conceitos como o Conflito, a Negociação, a Mediação e a Mediação em Contexto Escolar. Era uma apresentação simples, bastante visual, no sentido de cativar o melhor possível a atenção deste grupo de jovens. Também se construiu um questionário de avaliação da sessão de formação para aplicar ao grupo no final da mesma (APÊNDICE XI).

No dia da conferência, o papel inicial foi o de preparar o auditório e montar o material informático necessário. Assim, sessão iniciou com as estagiárias a adotar o papel de formadoras enquanto se ia explorando os diferentes conceitos. Estavam presentes cerca de 50 pessoas, tanto jovens com idades entre os 16 e os 23 anos, como alguns/algumas formadores/as da Unidade de Aprendizagem da FJ que acompanham as turmas.

A sessão correu bem, a plateia mostrou interesse e participou dando a sua opinião ou colocando questões sobre o que estava a ser apresentado. No final da apresentação mais teórica, como ainda faltava algum tempo para a sessão terminar, aproveitou-se para passar os questionários de avaliação da mesma. Numa segunda parte, para aguçar o interesse do público sobre estas questões, fez-se uma readaptação dos exercícios de role-playing para que dois/duas voluntários/as tomassem o papel de partes em conflito, apresentassem o conflito ao grupo e todos/as os/as participantes adotassem o papel de mediadores/as. Então, houve jovens e formadoras a voluntariar-se para representar os exercícios, o que cativou ainda mais a atenção do público e incentivou à sua participação. Foi um momento bastante formativo, pois foram aplicados os conceitos previamente abordados de uma forma mais prática e dinâmica, o que ajuda sempre a interiorizá-los.

Por fim, deu-se por terminada a conferência, da qual se faz um balanço bastante positivo, tanto pela forma como decorreu como pelas competências adquiridas a vários níveis por parte das estagiárias.

j) Seminário “Ser Empreendedor(a) – Atitude e Competência”

A FJ, em cooperação com a Rede Nacional RSOPT (Responsabilidade Social das Organizações) desenvolveu um conjunto de 4 seminários a desenvolver em diferentes cidades: Lisboa, Braga, Porto e Coimbra. Assim, foi pedido que se procedesse à divulgação do seminário que iria decorrer no Porto, intitulado de "Ser Empreendedor(a) - Atitude e Competência". Este teria início no dia 23 de outubro de 2013, nas instalações da FJ, sendo que haveria sessões de manhã, entre 10h e as 13h, mais indicadas para pessoas desempregadas, e à tarde, entre as 14h e as 17h, sendo que o público-alvo seriam pessoas empregadas no ativo.

A primeira tarefa no âmbito deste seminário foi, assim, ajudar na divulgação do evento, para se conseguir obter inscrições para o mesmo. Deste modo, no sentido de aumentar a lista de endereços de *e-mail*, procedeu-se à procura de contactos de instituições que pudessem ajudar a divulgar o evento por outras pessoas, desde Centros de Emprego, até Escolas Secundárias, passando por instituições de Ensino Superior.

Assim, deste modo, a função nessas sessões passou por, em primeira instância, estar à entrada do auditório a receber os/as participantes e, posteriormente, assistir à sessão, com uma postura de observadora, no sentido de perceber o grau de adesão do público jovem a este tipo de iniciativas.

1.3. Participação em eventos de apoio à empregabilidade juvenil já organizados pelo Palácio das Artes – Fábrica de Talentos

O PAFT desenvolve, periodicamente, um evento que tem um papel fulcral em corresponder à sua missão de apoiar o público jovem na esfera da empregabilidade – As Feiras Francas. Estas decorriam mensalmente no PAFT, no último sábado de cada mês até dezembro de 2012, sendo que desde essa data têm ocorrido no primeiro. Trata-se de um evento que remonta à época em que o edifício foi um convento, pois as feiras francas nesta zona histórica do Porto “tiveram o seu início em 1451, todos os dias 1 de cada mês, nas arcadas do convento de S. Domingos” (Geraldes, 2012: 55). Deste modo, recriar o evento, adaptando-o à realidade atual, constitui uma forma de preservar a história do PAFT.

A função atual das Feiras Francas passa, então, por divulgar o trabalho de jovens artistas, sendo que

“[no] piso nobre são apresentados trabalhos (mostra) de jovens criadores de várias áreas artísticas e criativas, que vendem os seus produtos e apresentam as suas performances nas áreas da dança, teatro e música, colaborando ainda na produção e divulgação das Feiras Francas numa vertente pedagógicas de formação.”

(Geraldes, 2012: 55).

Têm, então, o objetivo de divulgar jovens talentos, apoiando o público jovem na sua entrada para o mercado de trabalho e, conseqüentemente, na consolidação das suas carreiras, sendo por isso um evento importantíssimo para a vertente do apoio à empregabilidade juvenil.

Importa ainda referir que se trata de um evento de participação gratuita e de entrada livre, o que permite uma maior divulgação dos projetos participantes.

a) Organização das Feiras Francas

Relativamente a este evento, surgiu a oportunidade de participar em várias etapas da sua organização. Deste modo, para uma das edições, foi solicitado que se organizasse um quadro com os dados de todos os projetos participantes da mesma. Assim, dentro dos 30 projetos participantes, foram selecionadas informações relativas ao nome do projeto, à pessoa responsável pelo mesmo, ao tipo de produto criado, aos contactos e ao blog/site do projeto, no sentido de proporcionar uma melhor organização dos/as participantes.

Por fim, outra tarefa desempenhada ao longo do período de estágio passou por, no dia anterior à Feira Franca de cada mês, ocupar o lugar na receção no piso nobre, com um mapa da disposição dos projetos por sala e encaminhar as pessoas que viessem montar o seu projeto para a sala correta, tudo no sentido de organizar o espaço da Feira conforme os/as participantes chegavam. Importa ainda referir que estava descrita nesse mesmo mapa a informação acerca do material requisitado pelos/as participantes, tal como estiradores, bancos, mesas, cadeiras, entre outros, que seria necessário providenciar caso fosse necessário.

b) Participação nas Feiras Francas

Durante o decorrer das Feiras Francas foi sempre solicitada a presença das estagiárias para ajudar no que fosse necessário. Antes de o evento abrir ao público, a função passava por colocar panfletos nas mesas, decorar o expositor à entrada com jornais da presente edição e nele colocar um adereço que indicava a entrada da Feira Franca, bem como abrir o portão do PAFT na hora de início do evento.

Já durante o decorrer da Feira, era essencial estar com atenção aos/às participantes, perceber se precisavam de algo e resolver algum problema que surgisse, nomeadamente de algum material que estivesse em falta. Foi ainda solicitado que se ajudasse a divulgar a Feira Franca no próprio dia da mesma, distribuindo panfletos no largo de S. Domingos e pela Rua das Flores.

Para finalizar, a tarefa realizada durante as Feiras Francas que mais se destaca é a contagem das pessoas que entram no PAFT através de um dispositivo com um mostrador que, ao clique de um botão, aumenta o número apresentado. Esta atividade tornou-se relevante para perceber a adesão a este evento e o tipo de público que frequenta as Feiras Francas, no sentido de fazer uma reflexão sobre o seu impacto na população jovem relativamente às questões da empregabilidade.

c) Aplicação de Questionários nas Feiras Francas

Uma das edições das Feiras Francas, a 31^a, de temática “As Cores do Natal”, ficou marcada pela aplicação de um pequeno questionário aos/às participantes da mesma.

Sentiu-se a necessidade de perceber, para apurar o impacto deste evento nos/as jovens criativos/as, qual o tipo de público que costuma participar com projetos neste evento, nomeadamente no que toca à situação profissional e ao modo como surgiu o projeto apresentado no evento, no sentido de perceber se está ou não relacionado com a área de formação ou com a presente ocupação. Assim, as questões reunidas foram as seguintes:

- Sexo;
- Idade;
- Situação e atividade profissional;
- Como surgiu a ideia do projeto?;

- Tem conhecimento das Feiras Francas?;
- E da história do PAFT?.

Para proceder à tarefa de passar o questionário aos/às participantes, compareceu-se de manhã na Feira Franca, visto haver menos movimento, pois a intenção era não perturbar as vendas. Como foi necessário ir pelas bancas distribuir pins da Porto Vivo, SRU, a abordagem às pessoas tornou-se mais fácil, pelo que se aproveitou para colocar as questões aos/às participantes. A tarefa foi bem recebida por todas as pessoas, que responderam às questões de um modo bastante claro e conciso. Acredito que esta foi uma tarefa bastante importante para perceber também o impacto das Feiras Francas na vida profissional destes/as jovens (e não só), bem como ver se existe alguma ligação ou não entre a situação e área profissional dos/as participantes e o projeto que apresentam, assim como o motivo pelo qual essa ligação (ou não) acontece.

Percebeu-se que a maior parte das pessoas inquiridas se encontra em situação de desemprego e que o projeto apresentado funcionou como uma fuga a essa mesma situação. Percebe-se que a maioria dos/as participantes são jovens adultos/as que não têm formação académica em artes, mas exploraram um *hobbie*, tentando transformá-lo numa carreira profissional para combater a situação atual do emprego no país. Isto remete para uma questão importante a ser explorada no SE: o empreendedorismo.

1.4. Divulgação de Eventos

Esta próxima ação diz respeito às atividades de divulgação de eventos, etapa importante para se chegar à população a quem a oferta se destina. O SE tem um papel essencial aqui, pois permite mediar a relação entre a comunidade e o PAFT, aproximando-os e divulgando as atividades que decorrem no local.

a) Construção de um cartaz de divulgação para exposições a decorrer no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos

Aquando da presença de duas exposições entrada livre a decorrer no PAFT, a responsável pelas Feiras Francas sugeriu que se construísse um cartaz, para afixar à entrada, que explicasse de forma direta e sucinta que exposições estavam no PAFT naquele momento e qual iria inaugurar em breve.

Foi uma ideia interessante, até porque é importante que um SE dê a conhecer a sua oferta à população. Neste caso concreto, um cartaz à entrada seria um bom passo a dar, na medida em que se cativava o interesse da comunidade e se informava a mesma acerca dos eventos a decorrer. Construiu-se, então, esse mesmo cartaz (APÊNDICE XII), indicando quais as exposições que estavam a decorrer de acesso gratuito e qual seria a próxima a ser inaugurada. Deste modo, talvez a atenção das pessoas fosse cativada ao ponto de se sentirem interessadas em entrar e visitar o PAFT.

No entanto, este cartaz nunca chegou a ser impresso, pelo que também não foi afixado. Assim, não foi possível tomar conhecimento do efeito que este poderia ter surtido na população.

b) Colaboração na exposição “Projeto Casa” na Exponor

Entre os dias 6 e 9 de dezembro de 2012 ocorreu uma feira na Exponor intitulada de “Projeto Casa”. Esta feira contava com a apresentação de projetos de arquitetura e *design* e a FJ ia ter um espaço na mesma. Iriam estar presentes, nesse espaço, um representante das Feiras Francas que seria artista convidado na edição seguinte (31^a – As Cores do Natal), uma representante das residências artísticas e um representante dos ninhos de empresas, sendo que era necessário estar alguém do PAFT/FJ lá presente. Desta forma, convidaram as estagiárias para representar a FJ nesta feira, sendo que concordei em comparecer no dia 8 de dezembro de 2013 de manhã.

No dia anterior, a responsável pelo departamento de comunicação explicou a localização do contentor da FJ e qual seria a função a desempenhar. Assim, esta consistia em explicar às pessoas o que é o PAFT e o que é que lá se costuma fazer em termos de eventos, caso essas se mostrassem interessadas. No fundo, divulgar o trabalho do PAFT e da FJ.

Já no dia da exposição, no que toca à função desempenhada, esta consistiu apenas em ajudar na decoração do espaço e em representar a FJ, marcando presença no local, visto que, tal como a supervisora local já me tinha previamente informado, esta feira não teria muito a ver com o trabalho desenvolvido no PAFT. No entanto, considero importante a participação do SE nestas atividades, no sentido em que são uma boa forma de divulgar o trabalho do PAFT por públicos diferentes, aos quais, possivelmente, ainda não se teria chegado de outra forma.

c) Tarefas administrativas: Divulgação de eventos, organização de bases de dados, reuniões com formadores/as e gestão de inscrições em workshops.

Como se tem vindo a referir, uma grande parte do trabalho no estágio passou por tentar desenvolver *workshops* no PAFT, o que engloba o desempenho de várias tarefas de organização de eventos que se foram realizando. Estas são tarefas, de certo modo, mais administrativas, mas que também fazem parte do trabalho de um SE. Assim, vários eventos para além dos *workshops*, tais como exposições, necessitaram que fosse feita uma divulgação, via *e-mail*, por listas de contactos que me eram fornecidas, no sentido de fazer chegar a informação ao maior número de pessoas possível.

Relativamente a essas listas de contactos, a construção e gestão de uma base de dados foi uma tarefa constante ao longo dos 7 meses de estágio. Começou-se com uma pequena base de dados com cerca de 200 contactos, que foi progressivamente aumentando até cerca de 5000 graças às atualizações e à pesquisa que foram levadas a cabo em busca de novos contactos potencialmente interessados em divulgar e/ou participar nas atividades e eventos do PAFT. Isto traz vantagens para a instituição e foi uma forma de deixar a marca no PAFT, pois construiu-se um documento que constitui uma base de contactos mais completa e que poderá ser utilizada futuramente sempre que se verifique a necessidade de divulgar eventos.

Para além disto, relativamente aos *workshops* que foram organizados, outra tarefa que foi importante e que, além de fazer parte dos mesmos, pode ser tomada em consideração separadamente, passa pela reunião com potenciais formadores/as para os workshops, que era levada a cabo para acordar as condições dos mesmos de um modo mais pessoal e direto.

Por fim, importa realçar a tarefa de gerir inscrições para *workshops*, organizá-las em dossiers e construir tabelas-síntese com a informação sobre cada participante. Também se desempenhou a função de confirmar inscrições, esclarecer dúvidas que eram colocadas por pessoas interessadas, entre outros, o que também foi importante para este percurso e para organização do SE, uma vez que este também está responsável por tarefas mais administrativas.

d) Tradução de artigos para a revista “Fábrica de Talentos”.

O PAFT é responsável pela construção e edição de uma revista, que se intitula de “Fábrica de Talentos: Revista da Fundação da Juventude” que, para a sua 9ª edição, precisava de ver os seus artigos traduzidos para espanhol, pois iria ser editada em vários idiomas para além de Português: Espanhol, Inglês e Francês.

Para concretizar esta tarefa, a responsável pelas Feiras Francas forneceu uma pasta com vários artigos que deveriam ser traduzidos na internet via tradutores automáticos.

Concluiu-se, assim, a função numa manhã durante a ocupação do posto de receção, sendo que a revista traduzida seria uma excelente ideia para se fazer uma maior divulgação do local, dada a grande afluência de turistas de vários países à zona do centro histórico da cidade do Porto.

e) Entrevista ao Porto Canal

Aquando da divulgação dos *workshops* e oficinas desenvolvidas no PAFT, o Porto Canal mostrou-se interessado em divulgar algumas dessas atividades. Essa divulgação consistia no convite a alguém da FJ e/ou ao/à formador/a do *workshop* ou oficina em questão para participar no programa Porto Alive e, em direto, dar uma breve entrevista sobre o evento em questão.

O primeiro a ser divulgado foi o *workshop* “Viagem ao Passado!”, pela supervisora local. O segundo coube à minha colega de estágio e à formadora, que foi com ela, para divulgar o *workshop* “Comande o seu Cérebro”. À terceira vez que o Porto Canal nos contactou, fui eu a escolhida para ir divulgar a Oficina de Escultura “Reciclarte & Style”.

Apesar da apreensão por nunca ter participado num programa de televisão, a tarefa foi aceite com agrado pois seria sem dúvida uma boa experiência a nível pessoal e profissional. A entrevista decorreu com muita naturalidade, a entrevistadora deixava as pessoas calmas e à vontade. As questões recaíram sobre o objetivo da oficina, quem seria o formador, em que dia e hora iria ocorrer e que preço é que estava previsto para cada inscrição. Assim, tudo correu pelo melhor e que esta foi, sem dúvida, uma experiência bastante enriquecedora a vários níveis que foi possível vivenciar graças a ao estágio. Importa ainda salientar que a televisão é um meio de comunicação bastante poderoso para difundir informação, pelo que a oportunidade de divulgar assim as atividades do PAFT

constitui-se como uma mais-valia, pois há a possibilidade de a informação chegar a um maior número de pessoas e a outros públicos que não se tinha alcançado ainda via *e-mail*.

1.5. Desempenho de funções de mediação de conhecimentos, públicos e instituições no âmbito de um serviço educativo

Um SE deve ter a função, entre outras já descritas, de aproximar a população do espaço em questão. Deve servir como um intermediário entre públicos, espaços, empresas e instituições, articulando-se com essas entidades e promovendo a comunicação no sentido de trabalharem em conjunto. É importante manter-se presentes os pressupostos da mediação, que levam a uma linha de intervenção focada nos indivíduos e construída em conjunto com eles. Assim, uma mediação entre os públicos e os espaços pode acontecer pela aproximação dos mesmos e no potenciamento de aprendizagens através de uma mediação de conhecimentos, que pode ser desenvolvida em visitas, atividades formativas ou eventos de lazer.

a) Visita guiada a uma turma do ensino secundário

No sentido de aproximar a população jovem do PAFT, foi feita a proposta de fazer o acompanhamento a uma visita guiada a uma turma do ensino secundário, que pretendia visitar o PAFT, nomeadamente as residências artísticas, juntamente com os/as seus/suas professores/as. O objetivo era que as estagiárias contassem a história do PAFT e acompanhassem o grupo durante a visita.

A preparação para esta atividade consistiu em sintetizar a história do edifício para não se tornar maçadora, dado que os/as jovens visitantes não viriam com o objetivo de conhecer aprofundadamente o edifício no seu todo.

No dia da visita, a supervisora local apresentou-se e apresentou-nos. Então, contou-se a história do edifício, desde que foi construído até os dias de hoje. Após esta breve introdução ao PAFT, os/as professores/as levaram os/as jovens a visitar a exposição "Filhos de um Deus Menor" e, seguidamente, visitaram-se as residências artísticas. Como a supervisora necessitou de se ausentar, a condução da visita ficou ao cargo das estagiárias.

Foi uma experiência interessante poder dar a conhecer este edifício aos/às visitantes e cativa-los/as para participarem em futuros eventos que aqui se realizem. A mediação está

aqui muito presente, nomeadamente na medida em que o SE deve servir de intermediário entre a população e o PAFT. Assim, ao assumir a condução da visita de estudo, faz-se essa aproximação, mediando também aprendizagens e conhecimentos, neste caso a nível histórico e artístico, sendo esta uma vertente importantíssima para um SE.

b) Recepção de visitantes

Outra tarefa predominante no estágio, nomeadamente no início do mesmo, foi a ocupação do posto da receção no piso nobre do PAFT quando havia exposições abertas. Assim, as horas de estágio eram passadas no piso nobre, a receber as pessoas que entravam e a dar as informações que precisassem, tanto relativamente às exposições, como ao PAFT em si ou de futuros eventos que pudessem ocorrer.

Aqui, ocupava-se os tempos menos ativos a trabalhar noutras atividades tais como a organização dos *workshops*, o Circuito de Visitas (que será seguidamente apresentado), a divulgação de eventos, o atendimento de telefonemas, entre outras. Assim, realça-se a importância desta atividade, pois permitiu ter a perceção do tipo de público que visita a exposições, que, maioritariamente, é composto por turistas de várias nacionalidades.

c) Circuito de visitas

No âmbito do SE, tornou-se pertinente pensar em modos de conduzir e organizar visitas ao PAFT que se constituíssem como momentos educativos para quem nelas participasse. Tendo em conta que o PAFT é um espaço com um forte valor cultural, era necessário trabalhar as questões do património que, segundo Fernando Magalhães (2005), assumiu um papel central nas sociedades modernas, assim como a sua preservação e divulgação. Verifica-se, assim, desde as sociedades mais antigas até às do tempo atual, um grande investimento por parte das mesmas na preservação e divulgação de objetos, coleções, tradições, entre outras coisas que remetam para um passado que não merece ser esquecido. Isto vai remeter, indubitavelmente, para a questão das memórias. Assim, espera-se que este tipo de espaços represente uma parte “importante da cultura e da memória colectiva local, regional e/ou nacional” (Magalhães, 2005:52). Deste modo, era importante que se trabalhasse esta questão no sentido de despertar o interesse da população jovem por estas questões de preservação de património, divulgação de história, reavivamento de memórias, numa lógica de mediação de conhecimentos e tempos

históricos, no sentido de potenciar aprendizagens nos grupos de visitantes que manifestassem interesse em participar das atividades.

Os circuitos de visita consistiam, assim, numa proposta das estagiárias, construída antes de o mesmo iniciar oficialmente. Assim, a ideia era desenhar dentro do próprio espaço do piso nobre do PAFT um conjunto de circuitos de visita ao edifício. Estes circuitos consistiriam num caminho desenhado por várias salas dentro do espaço, que permitiriam ao/à visitante fazer uma breve “viagem no tempo” e conhecer o edifício em todas as épocas da sua vida. Deste modo, as pessoas seriam encaminhadas para o percurso logo no início da grande escadaria da entrada. Aí, percorreriam um caminho que as levaria às diferentes salas, que representariam diferentes épocas da vida do local. Estas salas estariam decoradas de acordo com a época que retratavam e teriam atividades dinâmicas e interativas para realizar com os/as visitantes, esperando-se que fossem aprendendo à medida que interagem. Pretendia-se assim a criação de circuitos de aprendizagem e de um “reavivar de memórias” que é importante. Isto porque, à medida que os/as visitantes iam percorrendo o circuito, conheciam as várias etapas de vida do edifício e aprendiam um pouco mais sobre a vida neste ponto da cidade do Porto nessa altura. Esta atividade era pertinente na medida em que, por um lado, despertava o interesse das populações mais jovens pela vida no passado, pela história do edifício; e por outro, as questões das juventudes e das transições para o mundo laboral seriam também trabalhadas conforme a época retratada. Aproximar-se-ia, então, o público jovem da evolução de um mesmo espaço físico ao longo dos tempos, bem como dos modos de viver a transição da juventude para a vida adulta, que também se transformaram com o passar do tempo. Reavivar-se-iam as memórias e desenvolver-se-iam processos de aprendizagem que fariam com que o PAFT se constituísse como um espaço educativo, através da mediação entre o presente e o passado.

Desde o início que foi possível perceber que esta proposta não fora alvo de muita atenção por parte da equipa do PAFT. No entanto, à medida que se discutia o assunto com a supervisora e se melhorava a proposta, esta foi sendo adaptada a uma realidade mais explorada. Algumas das alterações que foram efetuadas passaram por incluir mais a questão das transições juvenis para a vida adulta, transformando-se numa atividade que consiga estar incluída em várias valências do SE, e pensar um circuito nos mesmos moldes, mas destinado a outro público-alvo: as crianças. Deste modo, a ideia seria ter um circuito simples permanente, que desse a conhecer a história do edifício com imagens e textos que contassem a vida do mesmo, desde que “nasceu” até à atualidade. Estas visitas seriam

livres e sem marcação. Pontualmente poderiam, então, ocorrer visitas temáticas onde, além do que constitui a visita simples, também estariam presentes atividades relacionadas com a questão a explorar.

Trabalharam-se dois circuitos: um mais direcionado para crianças, que trabalha a evolução do jogo e da ocupação dos tempos livres ao longo tempo; e um mais dirigido a jovens, que trata das questões da transição para a vida adulta, nomeadamente nas vertentes da intimidade e do emprego. Assim, construiu-se uma brochura informativa (APÊNDICE XIII) sobre o circuito de visita, onde se incluiu uma pequena introdução mais teórica aos conceitos de património, cultura e memória, um esquema do circuito, uma descrição do mesmo e algumas palavras-chave. Pensou-se em atividades para ter nas salas a dinamizar o circuito, bem como nos materiais que se poderia vir a necessitar, sendo que surgiu ainda a ideia de abrir um concurso para se criar um logotipo para o PAFT. Ao longo do tempo de estágio também foi feita uma procura de filmes sobre a juventude, que estivessem focados nos problemas sociais da mesma, bem como sobre a cidade do Porto, e que se reportassem aos séculos que nos interessavam de acordo com a história do Palácio (séc. XIII, séc. XIX, séc. XX e séc. XXI). Por fim, realizou-se um cartaz para colocar à entrada do PAFT.

Quando a proposta foi corrigida pela Diretora-Geral, iniciámos a nossa busca por empresas, tal como sugeriu a supervisora local,

“(...) que pudessem fornecer-nos materiais e com as quais pudéssemos estabelecer parceiras, ver os custos daquilo que não fosse possível obter por parceria e ver empresas a quem pudéssemos pedir materiais”

(NT de dia 4/2/2013)

Esta propôs ainda que se redigisse uma carta para uma empresa de blocos de construção para crianças, no sentido de estabelecer uma parceria e nos fornecerem 6 *kits* de blocos para podermos usar no circuito. No entanto, e mesmo que essa carta tenha sido elaborada, constrangimentos a nível de tempo impediu que se avançasse com esta atividade que, a meu ver, poderia trazer mais visitantes ao PAFT e seria bastante educativa pelos motivos já referidos anteriormente. Assim, ficou como proposta a versão mais completa do plano do Circuito de Visita (APÊNDICE XIV), no qual talvez um dia, num futuro próximo, alguém venha a trabalhar.

Capítulo 2. Análise da Ação: questões essenciais para se pensar um serviço educativo

Apresentada toda a ação desenvolvida ao longo do estágio, importa refletir sobre a mesma no que toca às questões centrais para se pensar o SE. Embora não se tenha chegado à etapa da sua construção concreta devido a constrangimentos de tempo e de cariz estrutural do local, foi possível, através destes, descobrir uma nova forma de pensar o SE. Neste sentido, todas as atividades desenvolvidas ao longo do percurso deram o seu contributo para pensar, por um lado, de que modo o SE pode ser concretizado num espaço como o PAFT e, por outro, que valências e temáticas que este deverá contemplar. Assim, está seguidamente apresentado o fruto de uma reflexão sobre as atividades realizadas durante todo o percurso e a sua importância para pensar o SE, para que, futuramente, este possa ser efetivamente concebido à luz das questões abordadas.

2.1. Empregabilidade Juvenil: uma valência a ser valorizada

Revisitando toda a experiência do estágio, é possível ter a percepção de que a empregabilidade foi uma questão central focada ao longo de todo o processo. Como já tive a oportunidade de referir, a transição dos/as jovens para a vida adulta é uma das etapas mais importantes no ciclo de vida de um indivíduo. Assim, como esta transição é afetada por vários marcadores de passagem, entre eles, o ingresso no mercado de trabalho, e dada a missão do PAFT de apoiar o público jovem na entrada para o mercado de trabalho, trabalhar as questões da empregabilidade no SE torna-se uma questão central. Isto

“(...) porque se trata de uma passagem extremamente regulada institucionalmente, sujeita a normas etárias que consideram legalmente direitos e deveres, mas também porque dela depende, em grande medida, a independência dos jovens perante as respectivas famílias de origem e restantes instâncias sociais”

(Ferreira e Nunes, 2010: 48).

No entanto, hoje em dia, as transições juvenis já não decorrem ao mesmo ritmo como acontecia há uns anos, na medida em que “(...)as trajetórias profissionais são cada vez mais flutuantes, com a proliferação de formas instáveis de inserção no mercado de trabalho, com a promoção da mobilidade e da reconversão laboral e com o aumento do risco de desemprego de curta e longa duração; (...)” (Ferreira e Nunes, 2010: 43). Deste

modo, percebe-se que a empregabilidade é uma questão que está marcada por dificuldades que acabam por ter impactos negativos nas transições juvenis. Por esse mesmo motivo, trabalhar esta questão é essencial para as vidas dos/as jovens nos dias que correm atualmente. Assim, dada a situação atual de crise económica e laboral no país, tornou-se essencial construir projetos e atividades que combatam esta tendência para o desemprego juvenil e possam munir o público jovem de competências que lhes permitam vencer nesta “batalha”.

Ao longo do estágio foi possível perceber que

“(…) existe uma preocupação por parte deste espaço em preparar a população jovem para o mercado de trabalho, tentando fornecer as ferramentas para que essa transição seja efetuada com sucesso”

(Nota de Terreno dia 3/10/2012)

Neste sentido, o PAFT desenvolve seminários, *workshops* e outros eventos orientados para esta questão, tais como as Feiras Francas, que apoiam o acesso e o sucesso para o mundo laboral por parte dos/as jovens. Estas são atividades que chamam ao interesse deste público, tal como foi possível perceber ao longo do estágio pela adesão que tiveram e pela avaliação que foi sendo feita em vários momentos do percurso.

De um modo mais concreto, por se ter verificado que existe bastante procura deste tipo de eventos por parte do público jovem, apostou-se na planificação de atividades ligadas a este tema. Assim, *workshops* como “Gestão da Carreira Criativa”, bem como atividades concretas como as edições mensais das Feiras Francas foram apostas que tiveram um *feedback* bastante positivo. O mesmo não se pode dizer do primeiro *workshop* que se tentou desenvolver inserido numa valência de um SE que explora as questões da empregabilidade juvenil: o *workshop* “Empregabilidade e técnicas de procura de emprego”. Inicialmente, havia uma forte crença de que iria ser um sucesso dadas as condições de emprego que prevalecem nas camadas mais jovens. Contudo, percebeu-se que o ponto de partida para trabalhar esta questão foi inadequado, pois a adesão não foi a suficiente para concretizar o *workshop*. Chegou-se à conclusão de que este formato não resultava e que, para intervir com as juventudes abordando as questões da empregabilidade e apoiá-las na entrada para o mundo do trabalho, possivelmente uma formação que abordasse formas de procurar emprego de um modo muito abrangente não iria resultar. No

entanto, este contratempo teve o seu impacto positivo, pois funcionou como um impulso para pensar a questão de outro modo. Neste sentido, optou-se por pensar outro caminho:

“Talvez não fosse má ideia tentar um *workshop* mais orientado para a empregabilidade noutros moldes diferentes do “Empregabilidade e Técnicas de Procura de Emprego”, algo mais direcionado e específico para um determinado público que frequente o PAFT: os artistas, por exemplo. Criar um workshop com uma aplicação prática às carreiras dos/as criativos/as que conhecem este espaço talvez fosse um bom caminho”

(Nota de Terreno dia 1/2/2013)

Considerou-se, então, a possibilidade de tentar levar a cabo um *workshop* mais focado num público que já conhecesse e frequentasse o espaço, seguindo a lógica das Feiras Francas. Um *workshop* menos vago e com uma aplicação prática mais evidente à carreira criativa em termos profissionais. Talvez iniciar a intervenção nas questões da empregabilidade com o foco num público mais restrito tivesse mais sucesso do que tentar dinamizar uma formação demasiado abrangente como o “Empregabilidade e Técnicas de Procura de Emprego”, que não tinha uma aplicação prática concreta em termos de construção de uma carreira profissional. Posteriormente, verificou-se que este seria o caminho correto a seguir, pois o *workshop* de “Gestão da Carreira Criativa” foi um sucesso e teve bastante adesão.

Isto leva a crer que, antes de um SE começar a pensar inicialmente em incluir todos os públicos nas atividades que desenvolve, por vezes é fundamental dar um passo atrás e focar a intervenção em temas e públicos mais específicos, de modo a começar, a partir daí, a expandir a oferta, indo de encontro à procura que se vai percebendo.

A questão da Empregabilidade é também trabalhada pelas Feiras Francas, que são o evento desenvolvido no PAFT que tem mais adesão. A sua vertente de apoio à entrada dos/as jovens artistas no mercado de trabalho cativa as pessoas que nelas participam e que as visitam. É um evento que também viu o seu início de um modo mais focado, na medida em que existe uma temática diferente em cada mês, para assim poder-se apelar a diferentes públicos em cada edição. Porém, atualmente, verifica-se que as Feiras Francas estão mais abrangentes, visto que são aceites candidaturas de projetos desenvolvidos por pessoas de diferentes faixas etárias, e que por vezes se enquadram noutros temas que não o da respetiva edição. Deste modo, as Feiras Francas são um evento que chega já a uma grande parte da população e apoia os/as seus/suas participantes, ajudando não só a divulgar trabalhos de jovens, mas também ao dar a oportunidade de estes/as começarem a vender os

seus produtos e assim continuar a desenvolver o seu projeto e a entrar com ele para o mercado de trabalho. Esta é uma grande iniciativa do PAFT no que toca às questões da empregabilidade, pois permite que, de forma gratuita, novos profissionais comecem a consolidar a sua carreira.

Entende-se, assim, que o SE necessitará de se focar no desenvolvimento deste tipo de atividades, gradualmente abrangendo o outro tipo de jovens além dos/as artistas e criadores/as, na medida em que são eventos que atraem visitantes e trabalham uma temática bastante atual. Um SE num equipamento como o PAFT deverá, então, continuar a investir no trabalho sobre esta questão, procurando melhorar estas atividades e pensar em novas, no sentido de intervir com a população jovem e fazer algo pelo seu futuro neste campo. Assim, é possível explorar esta vertente do SE, auscultando as vontades dos/as jovens e indo de encontro às mesmas, trabalhando para continuar a dar um apoio significativo nesta questão da entrada no mercado de trabalho.

2.2. Empreendedorismo: um possível caminho a explorar

Perante a importância da planificação de atividades por parte do SE para apoiar os/as jovens na sua entrada para o mercado de trabalho, levanta-se aqui uma temática que também merece ser explorada e ter o seu lugar de destaque. Tendo em conta a adesão às atividades voltadas para a empregabilidade e dada a crise que se sente atualmente nesta esfera, percebe-se que um dos caminhos que o SE deverá apostar é o da promoção do Empreendedorismo entre este público. Torna-se, assim, pertinente começar por explicitar a noção de empreendedorismo. Em primeiro lugar, importa salientar que, hoje em dia, este conceito tem vindo a

“(…) conquistar um lugar de crescente relevo no debate público sobre o futuro das políticas económicas para a competitividade, no contexto global da economia do conhecimento e da sociedade da informação. Empreender é fundamentalmente encarar a realidade como um conjunto de oportunidades de mudança e de inovação, assumindo o desejo e mobilizando a energia necessária para a sua transformação”

(Pereira, Ferreira & Figueiredo, 2007:9).

O interesse deste tema para o SE surge, numa primeira instância, quando me foi dada a oportunidade de assistir ao seminário “Ser Empreendedor(a) – Atitude e

Competência”. Este, desde a sua primeira sessão, contou com uma grande adesão por parte de jovens adultos/as em diferentes situações profissionais. Esse público manifestou ativamente o seu interesse pela existência da possibilidade da criação do próprio emprego e pela aprendizagem sobre a atitude empreendedora a adotar para vencer neste mundo tão competitivo que é o do emprego. Este seminário, no geral, revelou ainda que muitos/as jovens procuram um caminho alternativo ao do trabalho por conta de outrem. Isto acontece pois

“(…) há pouca oferta de emprego nos dias de hoje e é necessário começar a pensar em opções que levem à criação de uma carreira. É preciso pensar no que se gosta e, em todos os nossos interesses, ver que podemos fazer mais a partir deles. Isto porque, na atualidade, um curso superior já não é garantia de nada em muitos casos e há que pensar “fora da caixa” e ser-se original. No fundo, ser-se empreendedor(a)”

(Nota de Terreno de dia 25/10/2012)

Outro fator que indica o interesse dos/as jovens por esta temática, e a sua pertinência para o SE, passa pelo aumento de participantes que se percebia a cada sessão que ia decorrendo. Concretamente, o seminário terminou com praticamente o dobro das inscrições com que contava no seu início. Isto revela que cada vez mais as juventudes procuram um caminho alternativo para ter sucesso no mundo laboral.

Atualmente “Considera-se muito restritiva a associação decorrente entre empreendedorismo e a criação de empresas.” (Pereira, Ferreira e Figueiredo, 2007:18). No entanto, ainda que este seminário esteve muito voltado para essa visão, houve algumas sessões em que se falou de como ser empreendedor ao trabalhar por conta de outrem. Assim, o SE pode e deve explorar ambas as vertentes para chegar aos interesses de um público mais abrangente.

Mais uma vez importa realçar o papel do evento Feiras Francas nesta temática. Esta atividade acaba por se enquadrar nesta lógica pois, de certo modo, incentiva ao espírito empreendedor. Através de um questionário realizado aos/às participantes de uma das edições, foi possível verificar que a maioria dos projetos ali apresentados eram fruto da procura de uma alternativa ao desemprego:

“Dá para ver que o projeto costuma ser um caminho alternativo ao da falta de emprego e/ou da formação académica para construir uma carreira profissional de sucesso. Vemos que as pessoas, cada vez mais, valorizam os seus hobbies e tentam transformá-los numa

carreira, também quando a formação de origem não lhes dá a resposta que necessitam a nível profissional”

(Nota de Terreno de dia 15/12/2012)

Assim, muitos/as dos/as inquiridos/as afirmaram que estavam desempregados/as e que os seus estudos de origem e/ou empregos passados nada tinham a ver com o projeto que apresentavam naquela edição das Feiras Francas. Assim, sentiram a necessidade de procurar outros caminhos e transformar os seus passatempos em caminhos profissionais, ou pelo menos tentar, de modo a combater o desemprego que se atravessava nas suas vidas.

O empreendedorismo apresenta-se, então, como um caminho que deve ser considerado pelas juventudes no que toca à busca de emprego ou à criação do próprio. Isto porque

“(…) uma das principais mudanças operadas no final do século passado foi o fim do conceito de emprego para toda a vida. (...) aquilo que se constata é uma cada vez maior abertura à mobilidade profissional e às trocas de emprego, implicando um reconhecimento e valorização de novas capacidades profissionais como a flexibilidade, a mobilidade, o demonstrar iniciativa, a disponibilidade e vontade para assumir responsabilidades, o ser capaz de trabalhar em equipa”

(Pereira, Ferreira e Figueiredo, 2007: 13)

Depreende-se, assim, que os/as jovens devem, então, começar a ser atores da sua própria formação e do seu próprio emprego no sentido de inovar e criar a sua empresa e/ou cativar eventuais entidades empregadoras. Nesse sentido, cabe ao SE apostar em iniciativas que promovam a aquisição de capacidades e competências-chave, tais como planear, organizar, comunicar, adaptar-se a mudanças, trabalhar em equipa, ser-se flexível, dinâmico/a, proactivo/a e ter iniciativa. O empreendedorismo revela-se, assim, como uma questão que o PAFT poderá trabalhar no âmbito do seu SE, dado que complementa a sua principal função: apoiar a entrada dos/as jovens no mercado de trabalho.

2.3. Contextos Educativos Não-Formais: uma vertente constituinte do serviço educativo

Como já tive várias oportunidades de referir, o PAFT tem uma variada oferta de atividades direcionadas aos mais diversos públicos. No entanto, as que mais se evidenciaram ao longo de todo o percurso foram os *workshops*. Tive a oportunidade de participar na planificação e concretização de *workshops* integrados nas mais diversas temáticas ao longo de todo o percurso. Neste sentido, torna-se pertinente perceber como é que estas atividades de educação não-formal podem ter o seu potencial educativo desenvolvido no âmbito de um SE num espaço como o PAFT.

No sentido de caraterizar contextos não-formais, importa começar por distingui-los dos de educação formal, que aparece frequentemente associada à escola. Interessa, assim, em primeira instância, diferenciá-los de acordo com as finalidades educativas de cada um. Deste modo, verifica-se que, no caso dos contextos formais, "(...)são as aprendizagens relacionadas com a função da Escola, enquanto espaço educacional vocacionado para promover a apropriação de um dado património cultural, circunscrito a um conjunto de opções curriculares prévias, que constitui a sua principal finalidade" (Cosme e Trindade, 2007:23). Já nos contextos não-formais, o que justifica a sua existência e importância são as experiências pessoais e sociais e as vivências significativas que lá tomam lugar e a partir das quais ocorrem as aprendizagens (Cosme e Trindade, 2007).

Neste sentido, ainda segundo Ariana Cosme e Rui Trindade (2007), as funções de ambos os contextos também acabam por ser diferentes. Enquanto os contextos de educação formal objetivam formular aprendizagens, nos não-formais, como já referi, estas podem surgir, mas não são a principal finalidade. Acontecem, sim, a partir de propostas e interações desenvolvidas no âmbito dos espaços nos quais esses contextos se estruturam.

Para um espaço como o PAFT, pretende-se que o SE desenvolva atividades de cariz não-formal, na medida em que

"(...) atendendo à diversidade de situações e de locais, à natureza voluntária da adesão dos seus membros, às estruturas menos hierárquicas e centralizadas, à preferência por pedagogias mais activas e participativas, entre outros aspectos, as configurações estruturais dos contextos de educação não-escolar parecem traduzir uma outra natureza e dinâmica de interacção com o campo da acção dos jovens"

(Palhares, 2008: 113).

Isto traz vantagens como a de permitir chegar ao público jovem de uma forma mais eficiente do que se fossem estruturadas atividades educativas de caráter formal. O facto de se pensar em temas que apelem ao interesse das juventudes, aliado à natureza voluntária da atividade acaba por cativar a atenção das mesmas e leva-las a participar na “vida” do PAFT. As vantagens neste tipo de formato recaem também no ambiente criado durante os *workshops*, que permite vivências que levem a aprendizagens significativas por parte das pessoas que participam, pois a sua “Estrutura menos rígida, menos hierarquizada e centralizada, menos perene, configura uma matriz mais fluida, mais desconexa e mais dispersa e, correlativamente, menos constrangedora e impositiva sobre as dinâmicas da acção.” (Palhares, 2008: 113).

Em termos práticos, os *workshops* dinamizados no PAFT

“abrange várias temáticas, mas geralmente giram à volta de áreas como fotografia, design, arquitectura, cinema, pintura, escultura, dança e teatro.(...) Estes workshops são conduzidos por profissionais ligados às áreas temáticas a que se referem, e os grupos de participantes andam à volta de 10 pessoas, em casos raros podendo ultrapassar, mas raramente chegando às 20. Isto vai criar um ambiente mais pessoal e familiar entre os/as participantes, que possibilitará uma melhor troca de experiências e aprendizagens”

(Nota de Terreno dia 3/10/2012).

Ao planificar *workshops* para desenvolver no PAFT, consideraram-se as áreas de interesse que foram indicadas pelos/as inquiridas na fase de diagnóstico e nas que foram apuradas ao longo do percurso de um modo menos formal. Isto nunca esquecendo a vertente da aplicação prática na vida quotidiana, como é o caso dos *workshops* alusivos à empregabilidade. Estruturaram-se sessões teórico-práticas, com uma articulação entre ambas as vertentes, no sentido de cativar os interesses dos/as participantes e criar um melhor ambiente de comunicação e interação, o que pode potenciar aprendizagens por parte dos/as participantes que, embora não seja a principal finalidade, é sempre positivo que estas aconteçam.

Num edifício como o PAFT, os eventos inseridos numa lógica de educação não-formal, tais como os *workshops*, devem estar presentes no SE, pois o seu potencial educativo e o facto de serem conduzidos de um modo diferente do formato escolar permitem uma aproximação ao público jovem. São atividades educativas na medida em que abordam temáticas de interesse para a população e para o quotidiano, permitindo construir aprendizagens sobre as mesmas. Neste sentido, cabe ao SE tirar o melhor partido

deste formato e trabalhá-lo de modo a corresponder às suas valências e às áreas de interesse dos/as Jovens, tendo em conta as condições da realidade em que se vive a nível económico, cultural, educativo e artístico.

2.4. Património e História: a importância do valor cultural do Palácio das Artes – Fábrica de Talentos

Importa, finalmente, não esquecer que o SE deve estar ligado à história do edifício a que se refere. Tendo em conta que o PAFT é um espaço com um forte valor cultural, histórico e patrimonial, é importante que o SE não deixe passar esta questão em branco.

O edifício onde se instala o PAFT foi construído no Séc. XIII e desde então não parou de se transformar e adaptar à realidade correspondente às várias épocas em que “viveu”. Torna-se essencial, nos dias de hoje, não deixar esquecer o passado, pelo que o SE tem aqui o papel de dar a conhecer à população a história que aquele imponente edifício tem para contar.

Ainda que uma das ideias centrais iniciais no estágio passasse por esta questão, constrangimentos institucionais impediram que esta vertente fosse trabalhada em termos de visitas ao local. No entanto, ao tentar-se dinamizar *workshops* como o “Viagem ao Passado!” e o “Safari Fotográfico Pela Cidade do Porto”, o objetivo seria que os/as participantes descobrissem a “vida” do edifício e a dessem a conhecer à comunidade. Outro evento que se destaca nesta valência é, mais uma vez, as Feiras Francas, que reavivam a memória da época em que o espaço foi o convento de S. Domingos, pois começou aí a tradição de se realizar naquela zona uma feira franca mensal. Deste modo, recupera-se uma tradição, adaptando as Feiras Francas aos dias de hoje, nunca deixando essa atividade cair no esquecimento. Ainda houve a oportunidade de dar a conhecer a história do PAFT a um grupo de jovens do ensino secundário, numa visita de estudo ao local, o que também contribuiu para divulgar o edifício e as suas origens entre as camadas mais jovens da comunidade.

Cabe também ao SE, além de tratar temáticas atuais, fazer uma mediação entre o passado e o presente através de atividades pensadas nesse sentido, ate porque este tipo de espaços que contam uma história são vistos, geralmente, como “[guardiões] de memória colectiva objectivada no património material e imaterial” (Magalhães, 2005:83). Desta forma, é importante aproximar a população jovem desse passado para que este não seja

dado ao esquecimento, pois “Os acontecimentos passados inscrevem as suas marcas no espaço físico, social, cultural (...). São esses vestígios que tornam possível revisitar o passado e constituir cadeias temporais, que estruturam a percepção e a memória (...)” (Felgueiras, 2005: 89). Assim, interessa que o SE desenvolva o interesse dos/as visitantes, nomeadamente da juventude, por estas questões de preservação de património, divulgação de história, reavivamento de memórias e fomentação do sentimento de pertença.

Parte V - Avaliação e Monitorização do Processo de Intervenção

A partir do momento em que o presente relatório dá conta de um processo de intervenção desenvolvido no âmbito do mestrado, há uma etapa de extrema importância, que atravessa toda a ação e da qual se tem que dar conta. Trata-se da avaliação e monitorização levada a cabo durante todo o percurso de estágio. Quando um processo de intervenção é desenvolvido e concretizado, é essencial que esta etapa faça parte do mesmo. Neste sentido, importa clarificar esta noção de avaliação antes de passar a refletir sobre a avaliação desenvolvida concretamente no estágio.

Capítulo 1. Breve exploração do conceito de avaliação

Embora muitas vezes a avaliação seja uma etapa que é suscetível a um esquecimento aquando do desenvolvimento de projetos de investigação e de intervenção, esta “é tida actualmente como um dos momentos essenciais a considerar nas novas conceptualizações da investigação e implementação de programas sociais, em particular nas que privilegiam uma dinâmica de Investigação-Ação” (Monteiro, 2000: 137). Assim, na época em que se começou a tentar definir este conceito, as propostas recaíam sobre uma avaliação com o propósito de medir e comparar os resultados obtidos num projeto com os esperados. Era uma ideia muito limitativa de avaliação que não abarcava todo o seu potencial de se assumir como uma etapa vantajosa e essencial a qualquer projecto. Este conceito foi-se reformulando ao longo do tempo e, hoje em dia, considera-se que a avaliação “(...) não é apenas importante numa função de balanço da acção desenvolvida, apoiando juízos acerca do mérito e valor das estratégias implementadas face aos resultados esperados” (Monteiro, 2000:138).

Existem, então, diferentes usos e aplicações para a avaliação, que vão depender das diferentes realidades em que ela acontece. No que toca a programas, projetos e processos de intervenção a nível social, as definições de avaliação assumem um elemento mais prático. Isto traduz-se, ainda segundo Alcides Monteiro (2000), numa avaliação com objetivos como estabelecer o grau de pertinência, eficácia e eficiência do programa em questão, determinar as razões dos sucessos e dos fracassos, facilitar os processos de decisão com vista a melhorar e/ou a modificar a intervenção e recensear outras consequências ou efeitos imprevistos. No entanto, existem diferentes práticas avaliativas, embora com objetivos que, à partida, são comuns. No sentido de fazer a distinção entre elas,

o autor refere que, embora não haja um consenso acerca da classificação das mesmas, é costume que algumas formas de avaliar se destaquem das outras. Assim, realçam-se duas delas, que serão pertinentes para, mais à frente, caracterizar o processo de avaliação levado a cabo no estágio.

O primeiro tipo de prática avaliativa a focar depende do grau de proximidade e de participação que o/a avaliador/a tem com o contexto. Segundo este parâmetro, a avaliação pode ser externa ou Interna. A primeira, também designada por hétéro-avaliação, acontece quando “(...) é levada a cabo por pessoas que não participam diretamente na atividade avaliada realizada por pessoas com competência técnica e científica, reforçando uma capacidade de visão globalizante do programa e da acção” (Monteiro, 2000:141). Esta forma de avaliar pode levar ao risco de se desenvolverem conflitos entre as equipas de avaliação e de intervenção e ao de se cair numa avaliação demasiado teórica. Já a avaliação interna é “(...) executada por pessoas que integram as organizações ou grupos avaliados e/ou estreitamente associadas à acção que é objecto do processo avaliativo” (Monteiro, 2000:141). É um tipo de avaliação que parte de dentro da instituição, por pessoas que estão a par dos acontecimentos da mesma e que, por isso, têm um olhar diferente de ver a realidade, pois estão mais próximos e implicados na mesma. A segunda prática avaliativa caracteriza-se de acordo com o momento do projeto em que a avaliação do mesmo é feita. Pode ser *Ex-ante*, Formativa ou *Ex-post*. De um modo mais detalhado, a avaliação *Ex-ante* diz respeito a uma avaliação aplicada apenas no início da intervenção. Funciona como avaliação diagnóstica e procura apurar as necessidades, beneficiários/as da intervenção e recursos disponíveis. É descritiva e de planificação. A avaliação *Ex-post* corresponde precisamente ao inverso da anterior. É uma avaliação sumativa, aplicada no final do projeto e procura perceber se os resultados obtidos estão de acordo ou não com os esperados. Por fim, a avaliação Formativa é aquela que ocorre durante todo o processo. Esta interessa-se pela eficácia e eficiência do projeto e pela metodologia desenvolvida no mesmo. Dá-se importância à formação de competências e procura-se que os resultados e conclusões obtidos ao longo do processo sejam integrados na ação.

Capítulo 2. O processo de avaliação desenvolvido ao longo do estágio

Torna-se, então, pertinente, partir para a clarificação do processo de avaliação que foi desenvolvido no âmbito do estágio no sentido de poder ser caracterizado à luz destas práticas avaliativas. Assim, numa primeira etapa do estágio, foi realizada uma investigação de aproximação ao contexto, que funcionou como diagnóstico, no sentido de perceber a relação existente entre diversos grupos de pessoas (Comunidade, Equipas do PAFT e da FJ e escolas) e o espaço no qual iria ser desenvolvido o estágio. Optou-se por avaliar potencialidades do local, evitando limitar a avaliação à procura de falhas no contexto. Esta avaliação foi realizada através de um inquérito por questionário, que permitia perceber a opinião dos sujeitos acerca do seria pertinente desenvolver no PAFT no âmbito de um SE. Tentou-se abranger públicos diferentes, assim como dar-lhes a oportunidade de manifestarem as suas opiniões sobre o que gostariam de ver desenvolvido naquele local e como considerariam interessante divulgar o espaço ao público jovem. Esta avaliação de diagnóstico foi essencial para começar a conhecer a realidade onde futuramente se iria intervir e perceber qual o melhor caminho para começar a entrar nela.

Durante o desenrolar do processo de intervenção também foi levada a cabo uma avaliação constante da mesma, com a finalidade de perceber se o caminho que se estava a seguir era o mais correto, dada a realidade do local, ou se seria necessário alterar a forma como se estava a intervir. De um modo geral, as notas de terreno, associadas à observação participante, foram ferramentas incrivelmente úteis para poder adotar uma postura crítica sobre os acontecimentos quotidianos do PAFT e perceber, através da reflexão sobre os mesmos, se a ação estava a ser desenvolvida corretamente. Estas, com o seu carácter descritivo e de reflexão, dão conta de aspetos que podiam ser esquecidos se não fossem registados. Assim, funcionam como “(...) a mediação entre aquilo que se passa no terreno e a existência do investigador fora do terreno” (Neves, 1998: 180) e revelam-se como elementos essenciais para orientar a intervenção e melhorá-la no sentido de ser o mais adequada possível à realidade.

Foi ainda realizada uma avaliação via questionário no final dos *workshops* que foram desenvolvidos, no sentido de apurar se esta vertente estava a ir de encontro aos interesses dos/as participantes, bem como de auscultar as suas propostas para futuros eventos desta natureza. A avaliação dos *workshops* foi essencial na medida em que orientou esta ação para corresponder às expectativas do público. Isto porque se procura

“(…) com o exercício de uma avaliação aprender com a experiência bem como integrar em acções futuras os conhecimentos adquiridos ao longo do processo já desenvolvido”. (Monteiro, 2000:138). Também nas Feiras Francas foi aplicado um inquérito por questionário para dar conta do impacto concreto que estas têm nos/as seus/suas participantes, ou seja, perceber se realmente este evento faz sentido para a população ou se deveria ser repensado. A partir desta avaliação percebeu-se que as Feiras Francas são um dos eventos com mais força no PAFT e constituem um apoio fundamental para os/as jovens criadores, apoiando-os em termos de empregabilidade. Outro ponto importante a focar é o facto de terem ocorrido reuniões periódicas com a supervisora local, que funcionaram como uma avaliação do percurso e constituíram momentos de reflexão crítica sobre as ações, pois ao fazer um ponto de situação do estágio, percebeu-se o que estava a resultar e o que teria de ser alterado.

Por fim, num momento final do estágio, foi conduzida uma entrevista semidiretiva à supervisora local, no sentido de apurar a sua opinião acerca do trabalho desenvolvido ao longo do percurso. De certo modo, serviu para avaliar se a ação correspondeu às suas expectativas e se o trabalho foi de encontro ao que o PAFT pretende enquanto equipamento da FJ. Foi ainda essencial para perceber o caminho percorrido foi o mais indicado e para discutir o que é que, dali para a frente, pode continuar a ser dinamizado e o que terá de se repensar. Constituiu-se, então, como um balanço final em conjunto, com troca de opiniões e experiências acerca do processo. De certo modo, funcionou como um ponto de situação no final do estágio e não como um momento de avaliação conclusivo da intervenção, pois esta irá prevalecer agora a cargo do PAFT. Nesse sentido, foi importante perceber o que seria interessante continuar a desenvolver e o que teria de ser reformulado.

2.1. Caracterização do processo de avaliação desenvolvido

Partindo para uma caracterização deste percurso avaliativo tomando como referência os modos de caracterização da avaliação referidos acima, posso afirmar que, relativamente à implicação do/a avaliador/a, a avaliação levada a cabo durante o percurso foi essencialmente interna, talvez à exceção do momento inicial de diagnóstico. Isto porque, numa primeira fase, eu e a minha colega de estágio ainda não estávamos “dentro” da instituição nem fazíamos parte da equipa, sendo que só estávamos a conhecer o futuro contexto de estágio. Assim, este diagnóstico constituiu uma avaliação exterior à realidade, para a conhecer e dela fazer parte quando o estágio propriamente dito se iniciasse. Já a

partir do momento inicial, todos os outros decorridos ao longo do processo foram de caráter interno, pois partiram das estagiárias, que integravam já a equipa do PAFT e encontrávamo-nos implicadas nas atividades em questão. No que toca ao parâmetro referente ao momento em que a avaliação foi desenvolvida, esta assume claramente um carácter formativo, pois ocorreu desde o primeiro momento do contacto com a instituição até ao dia da saída do contexto enquanto estagiárias. Foi fundamental avaliar desta forma, pois possibilitou uma monitorização do processo de estágio à medida que este decorria, desenvolvendo competências e alterando o rumo da intervenção sempre que fosse necessário. Este tipo de monitorização permitiu que, muitas vezes, em casos concretos, se alterasse o percurso da ação por se perceber que esta não iria resultar nos termos que estava estruturada. Um caso concreto é o do primeiro *workshop* de empregabilidade, que não teve adesão, sobre o qual se discutiu e refletiu, possibilitando o delineamento de uma nova estratégia para trabalhar essa vertente do SE, que levou ao sucesso das atividades seguintes. Uma avaliação formativa leva também a que a intervenção seja orientada de acordo com os interesses das pessoas. Isto é, não serve apenas para identificar fragilidades no projeto, mas também potencialidades. Ao avaliar um dos *workshops*, foi possível perceber que se estava perante um tema bastante apreciado pelos/as participantes, que manifestaram a vontade de o ver mais desenvolvido noutra sessão. Isto serviu para que se conseguisse ir de encontro aos interesses dos/as formandos/as e planificasse um segundo *workshop* de aprofundamento da temática em questão.

Segundo Pedro Rodrigues (1994), ainda é possível caracterizar a avaliação, de um modo geral, como objetivista, subjetivista ou crítica. No caso da postura objetivista, esta “(...) parte do princípio de que a realidade social é idêntica à realidade física, estável e reversível, constituída por fenómenos que se repetem e que são independentes da vontade dos sujeitos e das suas opiniões e representações” (Rodrigues, 1994: 96). Este tipo de avaliação explica os acontecimentos em termos de causalidade linear, sendo que o sujeito assume a posição de objeto e a avaliação é algo que se aplica sobre o contexto. Já na postura subjetiva cai por terra a separação entre os mundos natural e social, pois “Postula-se em contrapartida a complexidade e irreversibilidade das situações, construídas pelos sujeitos a partir de interesses e valores diversos e em conflito, pelo que apenas compreensíveis em função das suas intenções e do modo como interpretam as situações” (Rodrigues, 1994: 98). Aqui o conhecimento é subjetivo e o/a avaliador/a adota uma postura interna e participativa. Procura-se compreender os fenómenos em vez de lhes atribuir uma causalidade e contempla-se uma articulação entre teoria e prática. O indivíduo

é visto como sujeito. Finalmente, na postura crítica, “(...) os comportamentos e acções sociais não são tomados como completamente dependentes dos sujeitos e da suas intenções e representações. Os indivíduos estão inseridos socialmente e são objeto de influências e determinações sociais externas. São simultaneamente sujeitos e objetos das situações sociais e as interpretações que delas fazem, se bem que contribuam para as determinar, são suficientes para as explicar, uma vez que as próprias condições e instituições sociais impõem ao modo de as perceber e de encarar a sua transformação.” (Rodrigues, 1994: 99-100). Aqui existe reflexão e crítica sobre as ações e os sujeitos estão em pé de igualdade com o/a avaliador/a.

Pode considerar-se que, de um modo geral, a postura crítica é aquela onde a avaliação levada a cabo no estágio mais se enquadra. É de salientar que não existem limites rígidos entre as três perspetivas, pelo que, em alguns aspetos, é possível que um processo de avaliação tenha características de todas elas. Neste caso concreto, percebe-se a adoção de uma postura crítica, embora possa ter características da subjetiva. Isto porque sempre se levou em consideração os indivíduos como sujeitos, valorizando o seu papel no contexto e incluindo-os no processo. Existe, como tem vindo a ser referido, a preocupação de tomar em consideração que os contextos e a comunidade se influenciam mutuamente, pelo que não podem ser dissociados nem considerados de forma independente. Foi importante adotar uma postura dentro do perfil do “amigo crítico”, trabalhada por Carlinda Leite (2002), cujas características passam pela promoção de um trabalho cooperativo, estabelecimento de um clima propício ao desenvolvimento, onde haja partilha de ideias e de experiências. Isto esteve presente pois sempre se tentou promover a cooperação entre equipa do PAFT e comunidade, entre outros públicos, para que fosse possível uma articulação e uma maior proximidade entre cada elemento. Deste modo, a discussão de ideias, sugestões e experiências também se tornou possível, tal como também já foi referido. A componente de reflexão crítica também esteve sempre presente e esse aspeto foi essencial para ir adaptando a intervenção à realidade, pois, tal como nos diz Alcides Monteiro (2000), “a avaliação nos projectos de intervenção deverá ser igualmente considerada como o elo de ligação entre a acção já desencadeada e a perspetivação de acções futuras, num processo colectivo de aprendizagem contínua e na procura de uma optimização quantitativa e qualitativa das intervenções.” (p. 138).

Em suma, é de destacar o papel fulcral desta etapa, que deve acompanhar todo o processo de intervenção na organização e orientação das ações, uma vez que “esse acompanhamento destina-se a induzir mecanismos de reflexão que permitam aos próprios

actores reavaliarem a acção e introduzirem as mudanças que se vão justificando” (Leite, Gomes & Fernandes, 2001:52). Assim, foi importante avaliar todo o processo de intervenção para que as ações fizessem sentido, pois uma monitorização constante da intervenção é fundamental para que a intervenção seja bem encaminhada e adequada ao espaço onde esta a ser aplicada.

Considerações Finais

Após a apresentação e reflexão sobre todo o processo de estágio desenvolvido no âmbito do Mestrado em CE, chega-se ao momento de refletir sobre em que medida o trabalho desenvolvido engloba as questões da mediação socioeducativa e da profissionalidade em CE. Neste sentido, faz-se seguidamente uma reflexão sobre ambos os temas e de que modo contribuem para a construção do perfil profissional dos/as trabalhadores da área das CE.

A Mediação socioeducativa: que papel desempenhou no estágio?

Durante a licenciatura e o mestrado em CE, a questão da mediação foi sempre uma questão muito discutida e abordada na medida em que se trata de uma parte fundamental da prática do/a mediador/a socioeducativo/a e da formação. Deste modo sendo então de extrema relevância para a profissionalidade dos/as Licenciados/as em CE. Neste sentido, tendo em conta que o presente relatório se refere a um estágio profissionalizante em CE, a mediação tornou-se um aspeto de presença essencial ao estágio.

Antes de mais, no sentido de explicitar o modo como o processo teve lugar na prática, interessa fazer uma breve abordagem inicial ao conceito. Assim, a mediação, num primeiro momento,

“(...) nasce como uma modalidade de resolução de conflitos entre uma ou mais partes, onde terá que existir um elemento que ajudaria na sua resolução, desenvolvendo-se dentro de contextos de conflitos latentes ou declarados, em que se tornaria necessário chegar a um acordo”

(Oliveira & Galego, 2005:21).

A mediação pode ser vista, portanto, como um processo de gestão de conflitos com a participação de um terceiro elemento imparcial: o/a mediador/a. Cabe a este elemento estudar o conflito, ouvir as partes e conduzir a conversa entre elas, tentando, através da promoção do diálogo, tentar com que resolvam o conflito e cheguem a um acordo. No entanto, esta não é a única vertente da mediação. Este processo pode ser levado a cabo em várias situações e pode assumir diferentes significados e características de acordo com o contexto em que é praticada. Deste modo, afirma-se que a mediação pode ser utilizada sempre que seja possível ocorrer um processo de negociação. Com isto quer-se dizer que,

sempre que haja a necessidade de tomar decisões, chegar a consensos ou estabelecer condições em determinada ocasião, a mediação é um processo que pode estar presente e auxiliar a gestão dessas situações. Nesta lógica, pode ser utilizada “(...) em todas as situações em que os vários intervenientes procuram chegar a um acordo (...)” (Oliveira & Galego 2005:22). É, em suma, um processo que serve como intermediário entre duas ou mais partes para que se tente chegar a um consenso sobre determinado assunto.

Partindo para exemplos concretos, a mediação esteve presente em várias vertentes do estágio. Ao longo de todo o percurso foi concretizado um processo de mediação no âmbito da planificação de *workshops*. Esta ocorreu entre a equipa do PAFT, levada a cabo pelas estagiárias, e as entidades ou os/as profissionais responsáveis pelas formações e foi um processo essencial para que se acordassem as condições favoráveis a ambas as partes no sentido de conseguir desenvolver as atividades. Houve também mediação de conhecimentos, bem como entre o público jovem e o PAFT, na medida em que, ao dar a conhecer a história do edifício a um público que visitava o espaço pela primeira vez, aconteceu aqui uma troca de conhecimentos e uma aproximação deste público ao local, visível pela manifestação de interesse em participar em atividades lá desenvolvidas. Assim, também foi possível fazer uma mediação entre o conhecimento sobre um tempo passado e a época atual relativamente ao edifício. Isto possibilitou a criação de um momento bastante rico em termos de conhecimento cultural e aproximação ao espaço para o público em questão. Já as Feiras Francas são um evento que faz a mediação entre vários públicos, isto é, ajudam o trabalho dos/as jovens artistas a chegar à comunidade, com o objetivo de, através da divulgação, apoiar a entrada destes/as jovens no mercado de trabalho. Por fim, também a mediação na sua vertente de gestão de conflitos teve o seu lugar no estágio, mais concretamente na conferência levada a cabo pelas estagiárias sobre o tema, para um grupo de jovens que nunca tinha contactado com o processo.

Perante esta aplicação prática da mediação, pode-se concluir que esta se apresentou como um processo relevante para todo o percurso, pois, sendo uma prática associada aos profissionais em CE, permitiu realçar a componente humana do estágio, já que a sua ferramenta principal é a comunicação. Isto implica que se auscultem opiniões, pontos de vista e se tente promover o diálogo para chegar a um consenso, pois, “[p]or meio do diálogo, as pessoas podem atingir uma maior clareza sobre as suas próprias idéias, bem como sobre as idéias dos outros” (Littlejohn & Domineci, 1999:212). Foi, assim, importante incluir a mediação neste percurso, pois permite um maior contacto com os públicos, uma maior articulação com o saber e a promoção de comunicação,

responsabilidade e capacidade de conduzir a chegada a um acordo. Neste sentido, a mediação será uma componente essencial do SE, que deverá estar pronto para ser o intermediário entre públicos, no que toca a processos de tomada de decisão, de gestão conflitos e de conhecimentos na sua vertente educativa.

Contributo do estágio para construir a profissionalidade em Ciências da Educação

Atualmente, ao contrário do que vinha a acontecer noutros tempos, tem-se verificado um grande progresso em Portugal na divulgação e afirmação das CE, que sempre foram uma área pouco conhecida no mundo profissional. Neste sentido, tornou-se essencial que o estágio tivesse também a finalidade de contribuir para a construção da profissionalidade neste âmbito.

A tentativa da construção de um SE é algo que parece ser ainda pouco explorado pelas CE. No entanto, para um edifício como o PAFT pode ser extremamente proveitosa a integração de um/a licenciado/a em CE na equipa no sentido de desempenhar essa função. Ora está previsto que um/a profissional das CE detenha competências que, entre outras, passam pela mediação, pela organização, planificação, gestão e avaliação de atividades, projetos educativos, curriculares, socioculturais e de dispositivos de educação formal e não formal, assim como pelo acompanhamento de programas de intervenção e de desenvolvimento local. Como já foi possível verificar, um SE requer que os/as seus/suas profissionais sejam capazes de ter organização, de planificar de atividades e projetos, avaliar os mesmos, interagir com a comunidade, bem como delinear estratégias para ir de encontro às necessidades e/ou expectativas de um grupo de pessoas. É necessário estar-se próximo da realidade, da comunidade e das interações entre estas e o espaço físico em questão.

Perante estas exigências de um SE, um/a profissional das CE traz uma vantagem para este espaço a vários níveis. Em primeira instância, porque uma das competências-chave do/a profissional em CE é a capacidade de trabalhar em equipa. Deste modo, a sua integração de na equipa do PAFT é importante, pois permite, através da articulação com profissionais de outras áreas, trabalhar perante numa multiplicidade de visões sobre uma mesma realidade, discutir diferentes pontos de vista e assim desenvolver-se uma linha de ação em conjunto, que vai resultar numa intervenção mais rica, construída com o

contributo de todos/as profissionais. Por outro lado, para um/a licenciado/a em CE, “ a tarefa de construção do saber, é precisamente ir buscar junto daqueles que sabem, o discurso de que são portadores” (Berger, 1992:26), ou seja, existe uma grande proximidade com as pessoas aquando da investigação e/ou da intervenção, entendendo todos os indivíduos como sujeitos detentores de conhecimento. Assim, o/a licenciado/a em CE entende os sujeitos como participantes de todo o seu trabalho e a comunidade como mais que uma entidade singular e estanque no espaço e no tempo. Existe, então, o pressuposto de que “(...) a comunidade é um espaço de vida social onde se configuram de forma constante múltiplas e complexas relações e interacções sociais entre indivíduos e colectivos que vivem e convivem com laços de solidariedade e intercâmbio de significados específicos do seu território(...) (Gómez, Freitas & Callejas, 2007: 135). Isto é uma postura essencial a adotar no âmbito de um SE, pois terá de haver uma procura de corresponder aos interesses e necessidades da comunidade envolvente. Para isso, é preciso chegar-se a ela, auscultar o que tem a dizer, no sentido de orientar a ação para que esta aproximar a comunidade ao PAFT, através deste trabalho de mediação, cuja relevância foi discutida anteriormente. Trata-se de profissionais que não se distanciam da realidade, procurando antes participar e estar implicados/as nela e entender os indivíduos como sujeitos participantes de todas as etapas dos processos de investigação e/ou intervenção. Pratica-se o ideal de trabalhar com os sujeitos, ao invés de trabalhar sobre eles. Salienta-se ainda uma componente de reflexividade crítica sobre os acontecimentos e as ações, que trazem vantagens para este tipo de contextos, pois orientam a ação para o caminho mais favorável a tomar.

Em termos concretos, durante o estágio, procurou-se ter proximidade com os vários grupos de indivíduos que se relacionam com o PAFT, tais como estagiários/as, elementos das equipas do PAFT e da FJ, comunidade envolvente, entre muitos outros, o que tornou o trabalho mais rico devido às opiniões que foi possível auscultar, assim como as sugestões para atividades a realizar no âmbito do SE. Através desta proximidade com os sujeitos, percebeu-se o que estava a correr bem e o que necessitava de reformulações. Foi necessário readaptar a linha de intervenção, até porque sempre esteve presente a percepção de que a realidade e as interações no âmbito da qual se estabelecem é uma esfera que esta em constante transformação e, por conseguinte, as necessidades, interesses e sugestões também se vão alterando, pelo que a intervenção tem de ser adaptada. Questionar e reformular a prática é outra das competências do/a profissional das CE, que se revela ser de extrema utilidade num contexto como este. Para um SE, é também importante que os/as

profissionais estejam implicados/as no contexto, para melhor perceberem as suas dinâmicas e trabalharem sobre elas, o que constitui outra característica inerente ao/à profissional das CE.

Neste sentido, e enquanto licenciada em CE, o estágio trouxe-me a oportunidade de explorar e aplicar à realidade do SE este tipo de competências práticas desenvolvidas durante o percurso académico, assim como possibilitou o desenvolvimento de outras a nível pessoal e profissional. Assim, os contributos passam pela preparação e construção de instrumentos de investigação e avaliação, assim como a adaptação dos mesmos às pessoas a que se destinam, como é exemplo a entrevista e os inquéritos por questionário utilizados. Houve a aquisição de competências de pesquisa, síntese e análise reflexiva e crítica sobre acontecimentos quotidianos. A planificação e a gestão de eventos de formação não-formal, como são exemplo os *workshops*, também foram trabalhadas durante os 7 meses que durou o percurso de estágio. Este permitiu-me ainda tomar conhecimento de novas áreas artísticas e melhorar as competências de mediação e divulgação de eventos, bem como a dinamização de eventos formativos. A um nível mais pessoal realço contributos como a melhoria das competências de comunicação, tanto a nível de reuniões como em apresentações públicas. O estágio também contribuiu para a aquisição de competências ao nível da organização, criatividade, inovação, observação e improviso.

Concluindo, o estágio, de um modo geral, foi uma experiência deveras positiva, que permitiu construir a identidade profissional a nível pessoal num contexto prático enquanto profissional das CE. Dado o modo como decorreu o estágio e todas as suas características, considera-se que os SE são um contexto pertinente para integração destes/as profissionais, por todas as vantagens que têm vindo a ser apresentadas. Deste modo, percebe-se que o estágio acabou por levar à confirmação de um contexto onde os profissionais das CE podem ter um lugar de sucesso, pois existem as condições para desempenhar o seu trabalho e continuar a construir e a afirmar a sua profissionalidade.

Referências Bibliográficas

Almeida, Sidalina & Rocha, Cristina (2010). O Sistema de Aprendizagem e as Transições de Jovens da Escola ao Mundo do Trabalho: A Relação Com o Saber: formas e temporalidades identitárias. *Educação, Sociedade & Culturas* (nº 31), pp. 83-103.

Alves, Natália (1998). Escola e trabalho: atitudes, projectos e trajectórias. In Manuel Villaverde Cabral & José Machado Pais (Coords.), *Jovens Portugueses de Hoje* (pp. 53-133). Oeiras: Celta Editora.

Ascensão, Alfredo (2012). Edifício Douro: Palácio das Artes – Fábrica de Talentos. In Porto Vivo, SRU (Eds.), *Eixo Mouzinho/Flores: Território do recolhimento e do mercadejar*. (p. 54) Porto: Porto vivo, SRU.

Berger, Guy (1992). A Investigação em Educação: Modelos socio-epistemológicos e inserção institucional. *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação* (nº 3/4), pp. 23-26.

Berger, Guy (2009). A Educação em Educação: Modelos socioepistemológicos e inserção institucional. *Educação, Sociedade & Culturas* (nº28), pp. 175-192.

Bourdieu, Pierre (1984). La jeunesse n'est qu'un mot. In Pierre Beurdieu, *Questions de sociologie*. (pp 143-154) Paris: Minuit.

Bourdieu, Pierre (2004). *Para Uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.

Bronfenbrenner, Urie (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Cairns, David (2011). Youth, Precarity and the Future: Undergraduate housing transitions in Portugal during the economic crisis. *Sociologia, Problemas e Práticas* (n.º 66), pp. 9-25.

Costa, Alexandra Sá (2002). *Políticas de juventude: Regulação e/ou emancipação*. Dissertação de Mestrado. FPCEUP, Porto, Portugal.

Felgueiras, Margarida Louro (2005). Materialidade da cultura escolar: A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *Pro-Posições* (nº1), pp. 87-102.

Ferreira, Vítor Sérgio & Nunes, Cátia (2010). Transições para a idade adulta. In José Machado Pais & Vítor Sérgio Ferreira (Orgs.), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa* (pp 39-67). Lisboa: ICS.

Fonseca, Laura (2001). *Culturas Juvenis, Percursos Femininos: experiências e subjectividades na educação de raparigas*. Oeiras: Celta Editora.

Geraldes, Maria (2012). Edifício Douro: Palácio das Artes – Fábrica de Talentos in Porto Vivo, SRU (Eds.), *Eixo Mouzinho/Flores: Território do recolhimento e do Mercadejar* (p. 55). Porto: Porto vivo, SRU.

Gomez, José; Freitas, Orlando & Callejas, Germán (2007). *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local: Perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*. Porto: Profedições.

Harding, Sandra (1991). *Whose Science? Whose Knowledge?: Thinking from women's lives*. Ithaca: Cornell University Press.

Leite, Carlinda (2002). *A Figura do “Amigo Crítico” no Assessoramento/Desenvolvimento de Escolas Curricularmente Inteligentes: Actas do 5º Congresso da SPCE* (pp.95-100).

Leite, Carlinda; Gomes, Lúcia & Fernandes, Preciosa (2001). *Projectos curriculares de escola e Turma: conceber, gerir e avaliar*. Porto: Asa Editores II, S.A..

Littlejohn, Stephen & Domenici, Kathy (1999). Objectivos e métodos de Comunicação na Mediação. In Dora Fried Schnitman & Stephen Littlejohn (Org.). *Novos Paradigmas em Mediação* (pp. 209-223). Porto Alegre: Artmed.

Magalhães, Dulce (1994). Classes Sociais e Trajectórias Intergeracionais. *Sociologia*, I série (nº4), pp.173-217.

Magalhães, Fernando (2005). *Museus, Património e Identidade: Ritualidade, Educação, Conservação, Pesquisa, Exposição*. Porto: Profedições.

Marandino, Martha (2005). Museus de Ciências como espaços de educação. In Betânia Figueiredo & Diana Vidal (Orgs.), *Museus: dos gabinetes de curiosidades ao Museu Moderno* (pp 165 – 175). Belo Horizonte: Ed. Argumentum. CNPq.

Matos, Manuel (2009). Da Intervenção Comunitária à Mediação Comunitária. *Educação, Sociedade & Culturas* (nº 29), pp. 175-189.

Menezes, Isabel (2010). *Intervenção Comunitária: Uma Perspectiva Psicológica*. Porto: Legis Editora.

Monteiro, Alcides (2000). A Avaliação em Projectos de Intervenção Social: Reflexões a partir de uma prática. *Sociologia, Problemas e Práticas: Metodologias de Avaliação*, (nº 22), pp. 137-154.

Neves, Tiago (1998). Etnografia das Drogas no Bairro do Cerco do Porto. *Antropológicas* (nº Especial), pp. 179-183.

Nunes, João Sedas (1998). Perfis sociais Juvenis. In Manuel Villaverde Cabral & José Machado Pais (Coords.). *Jovens Portugueses de Hoje* (pp.1-51). Oeiras: Celta Editora.

Oliveira, Ana & Galego, Carla (2005). *A mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. Lisboa: ACIME.

Pais, José Machado (1993). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Pais, José Machado (2010). Cursos de Vida, padronizações e disritmias. In José Machado Pais & Vítor Sérgio Ferreira (Orgs.), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao espelho da Europa* (pp 19-35). Lisboa: ICS.

Palhares, José Augusto (2008). Os Sítios de Educação e Socialização Juvenis: Experiências e representações num contexto não-escolar. *Educação, Sociedade & Culturas* (nº 27), pp. 109-130.

Pappámikail, Lia (2010). Juventude(s), autonomia e Sociologia. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, pág. 395-410.

Pereira, Miguel Mata; Ferreira, José Soares & Figueiredo, Ilda Oliveira (2007). *Guião "Promoção do Empreendedorismo na Escola"*. Lisboa: ME-Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Porto Vivo, SRU (Eds.) (2010). *Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto Património Mundial*. Porto: Porto Vivo, SRU.

Quivy, Raymond & Campenhoudt, LucVan (2008). *Manual de Investigação em Ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rodrigues, Pedro (1994). As Três Lógicas da Avaliação de Dispositivos Educativos”. In Albano Estrela & Pedro Rodrigues (Coords.) *Para uma Fundamentação da Avaliação em Educação* (pp. 93-109). Lisboa: Colibri.

Santos, Boaventura de Sousa (1998). *Um discurso sobre as ciências*. Porto : Edições Afrontamento.

Silva, Germano (2007). Um sítio com História. *Fábrica de Talentos: Revista da Fundação da Juventude* (nº0), pp.18-21.

Silva, Sofia Marques (2008). *Exuberâncias e (trans)figurações de si numa casa da juventude: Etnografia de fragilidades e de estratégias juvenis para o reconhecimento e para a dignidade*. Tese de Doutoramento. FPCEUP, Porto, Portugal.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Exemplo de uma Nota de Terreno

Nota de Terreno - dia 29 de Março de 2012, 5ªfeira

Hoje foi o dia da minha segunda visita ao contexto de estágio. Fiquei com a Proposta do Serviço Educativo no PAFT, mas entretanto aconteceram algumas alterações. Acontece que, devido a algumas dificuldades na entrada de uma colega de mestrado, a JT, no seu contexto de estágio, surgiu a oportunidade de a integrar no mesmo contexto de estágio que eu. Honestamente, é algo que eu até agradeço, pois um Serviço Educativo dificilmente é construído de raiz por uma pessoa apenas. Além disso, a meu ver, eu e a JT damo-nos muito bem e trabalhamos bastante bem juntas, pelo que será interessante articularmos os nossos estágios de Mestrado.

Então, sendo esta a minha segunda visita, era a primeira visita da JT. Chegámos à Fundação da Juventude, subimos ao segundo andar e encontramos-nos com a Dra. SC, que nos levou a visitar o PAFT.

Foi algo novo para mim, na medida em que só tinha visto o edifício por fora quando passei por ele ao ir embora no dia da primeira reunião. Descemos a Rua das Flores até ao Largo de S. Domingos e assim pudemos perceber melhor, agora à luz do dia, como é o edifício e o movimento desta zona.

Assim, com a Dra. SC, ficámos a conhecer um pouco das dinâmicas interiores e exteriores do edifício, observando o seu movimento. No exterior, percebi que o edifício é algo que completa a paisagem, ao mesmo tempo que dela se destaca. É muito grandioso, muito imponente. É um edifício que respira história e que cativa a atenção dos/as turistas, que param para fotografá-lo de vários ângulos. Ainda no exterior, podemos ver alguns/algumas jovens, não muitos/as, que estão ali de passagem, por volta dos seus 20 anos, que vestem de uma forma bastante alternativa, colorida, extravagante, num estilo que normalmente é associado aos/às artistas plásticos/as e/ou visuais.

Entrámos no PAFT, subimos um elevador e logo a seguir descemos umas escadas num corredor demasiado escuro. Entrámos num gabinete com seis mesas compridas dispostas aos pares, que assumi serem postos de trabalho, onde estavam dois jovens, o J e o RL. Este último apresentou-se como sendo o gestor de eventos do PAFT e disse-nos que era ali, naquele espaço, que iríamos trabalhar. Tivemos a oportunidade de pedir emprestada uma capa com informação escrita sobre a história do edifício, para levarmos para casa e fotocopiar, pois possivelmente continha informação útil que poderíamos utilizar para a construção do Serviço Educativo.

Seguidamente, fomos fazer uma breve visita pelo espaço, acompanhadas do RL, que se prontificou a acompanhar-nos e a fazer-nos sentir mais familiarizadas com aquele local.

Assim, relativamente ao interior do Palácio das Artes, existem muitas escadas de acesso aos vários pisos, mas tenho de assumir que a escadaria principal é talvez a característica que mais se destaca em todo o espaço. Trata-se de uma escadaria em pedra, com um aspeto antigo, e que constitui, sem dúvida, um ponto forte deste local.

As salas eram de vários tamanhos, mas todas espaçosas e cheias de potencial para se dinamizar o mais diverso tipo de atividades. No entanto, a meu ver, as paredes interiores, por serem todas brancas, atribuem um ar demasiado sério ao Palácio, o que fica bem num edifício deste tipo, com esta história e desta imponência, mas, a meu ver, confere-lhe um ar demasiado austero para um local onde se cultiva a arte. Reparei ainda que o espaço era um pouco frio, talvez por ser de pedra, ou talvez por ter as salas vazias. Vi a caixa forte daquilo que outrora foi o Banco de Portugal e achei fantástica a forma como este edifício pode ir contando a sua própria história a quem o visita. Ainda no interior, circulavam trabalhadores/as, estagiários/as e jovens criadores/as que estão nas Residências Artísticas (espaços do PAFT onde os/as jovens podem estar a desenvolver os seus projetos, durante um determinado período de tempo e sem custos, no sentido de os/as apoiar na sua entrada no mercado de trabalho).

No final da visita, fomos convidadas a aparecer no próximo sábado na Feira Franca, o tal evento mensal onde se promove a empregabilidade juvenil e se apoiam e divulgam jovens artistas para que comecem a consolidar a sua carreira. Pareceu-me uma proposta interessante, dado que tenciono focar-me nesta vertente aquando do desenvolvimento do serviço educativo.

Assim, à saída, eu e a JT permanecemos um pouco no exterior a observar o movimento nesta zona. No largo, pude ver estudantes. Estudantes trajados, possivelmente pertencentes à ESAP (Escola Superior Artística do Porto), que fica nesse mesmo largo em frente ao PAFT. Realmente, a localização desta Escola Superior é um ponto positivo, pois poderá estar aqui uma boa parceria para as atividades que viermos a realizar quando iniciarmos oficialmente o estágio. À volta, existem espaços aparentemente direcionados para os/as turistas, tais como Oporto Tourist Apartment e a loja Portugalidades, que vende artigos alusivos a Portugal, certamente com o intuito de atrair turistas que queiram comprar recordações da sua visita ao nosso país.

Trata-se de uma rua moderadamente movimentada, mas este movimento deve-se a pessoas que cruzam o largo de um modo apressado, pessoas cuja grande maioria passa e nem olha para o edifício. Talvez por não lhes chamar à atenção, talvez por já estar misturado com a “paisagem”, que tantos dias cruzam para ir e voltar do trabalho e/ou das aulas. Existem ainda cafés e confeitarias, sem grande movimento aparente. Apesar de tudo, o movimento de automóveis é o que mais se destaca. Percebe-se que este é mais um espaço de passagem do que de visita.

Não fiquei com a impressão de que este edifício com uma presença tão forte exerça essa mesma força na população residente. Talvez seja necessário chamar a atenção das pessoas ao que se passa lá dentro, despertar a curiosidade, fazer com que o edifício tome uma maior importância nas suas vidas. Chamar juventudes, dinamizar iniciativas para apoiar à empregabilidade do público jovem, dar uma nova vida a este espaço. Não só interior, mas fundamentalmente exterior. Até porque se as pessoas não vão ter ao Palácio, terá de ser o Palácio a mostrar-se às pessoas

APÊNDICE II

Questionários de Diagnóstico

Inquérito por Questionário
(Comunidade Envolvente)

1- Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

2- Idade: _____

3- Tem conhecimento do trabalho desenvolvido pela instituição da Fundação da Juventude?

Sim ☐ Não ☐

4- Tem conhecimento do Edifício que fica no largo de S. Domingos que se intitula hoje de Palácio das Artes – Fábrica de Talentos?

Sim ☐ Não ☐

5- Se sim, conhece alguma atividade dinamizada pelo mesmo?

Sim ☐ Quais? _____

Não ☐

6- O que seria interessante dinamizar no Palácio das Artes? O que poderia cativar a atenção no sentido de atrair mais visitantes?

7- Na sua opinião, quais as áreas que gostaria de ver exploradas pelo Palácio das Artes e que vão de encontro aos interesses do público jovem?

Desporto ☐ Música ☐ Pintura ☐ História ☐ Literatura ☐

Novas Tecnologias ☐ Jogos interativos ☐

Outras Quais? _____

8- Tem conhecimento da história do Edifício onde hoje se encontra instalado o Palácio das Artes?

Sim ☐ Não ☐

9- Como considera importante dar a conhecer aos visitantes essa mesma história, uma vez que este está classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela Unesco?

- Divulgação na Internet ☐
- Divulgação nas escolas ☐
- Visitas ao edifício ☐
- Atividades no edifício ☐
- Outros ☐ Quais? _____

10- Como é que a comunidade pode ter um papel ativo na dinamização de atividades no edifício?

11- De que forma o edifício Palácio das Artes poderia atrair a atenção e interesse dos turistas em plena zona histórica do Porto?

Visitas guiadas pelo edifício ☐ Folhetos Informativos ☐
Atividades que envolvam a comunidade ☐ Exposições ☐
Internet ☐

Outros? ☐ Quais? _____

Inquérito por Questionário
(Fundação da Juventude)

12- Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

13- Idade: _____

14- Quais as iniciativas que habitualmente ocorrem no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos?

15- A que públicos, na sua opinião, essas iniciativas se destinam maioritariamente?

- Crianças ☐
- Jovens ☐
- Adultos ☐
- Idosos ☐
- Turistas ☐
- Outros ☐ Quais? _____

16- Considera relevante a existência de um serviço educativo no mesmo edifício?

Sim ☐ Não ☐

17- Se sim, o que seria interessante dinamizar no Palácio das Artes? O que poderia cativar a atenção no sentido de atrair mais visitantes?

18- Na sua opinião, quais as áreas que gostaria de ver exploradas pelo serviço educativo e que vão de encontro aos interesses do público jovem?

Desporto ☐ Música ☐ Pintura ☐ História ☐ Literatura ☐

Novas Tecnologias ☐ Jogos Interativos ☐

Outras ☐ Quais? _____

19-Como considera importante dar a conhecer aos visitantes essa mesma história, uma vez que este está classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela Unesco?

- Divulgação na Internet ☐
- Divulgação nas escolas ☐
- Visitas ao edifício ☐
- Atividades no edifício ☐
- Outros ☐ Quais? _____

20-De que forma a Fundação da Juventude, através do Palácio das Artes poderia atrair a atenção e interesse dos turistas em plena zona histórica do Porto?

Visitas guiadas pelo edifício ☐ Folhetos Informativos ☐
Atividades dinâmicas ☐ Exposições ☐
Internet ☐

Outros? ☐ Quais? _____

Inquérito por Questionário
(Palácio das Artes – Fábrica de Talentos)

21- Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

22- Idade: _____

23- A que públicos, na sua opinião, essas iniciativas se destinam maioritariamente?

- Crianças ☐
- Jovens ☐
- Adultos ☐
- Idosos ☐
- Turistas ☐
- Outros ☐ Quais? _____

24- Qual a sua perceção da afluência de público jovem neste espaço?

25- Considera relevante a existência de um serviço educativo no mesmo edifício?

Sim ☐ Não ☐

26- Se sim, o que seria interessante dinamizar no Palácio das Artes? O que poderia cativar a atenção no sentido de atrair mais visitantes?

27- Na sua opinião, quais as áreas que gostaria de ver exploradas pelo serviço educativo e que vão de encontro aos interesses do público jovem?

Desporto ☐ Música ☐ Pintura ☐ História ☐ Literatura ☐
Novas Tecnologias ☐ Jogos interativos ☐
Outras ☐ Quais? _____

28- Como considera importante dar a conhecer aos visitantes essa mesma história, uma vez que este está classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela Unesco?

- Divulgação na Internet ☐
- Divulgação nas escolas ☐
- Visitas ao edifício ☐
- Atividades no edifício ☐
- Outros ☐ Quais? _____

29- De que forma a Fundação da Juventude, através do Palácio das Artes poderia atrair a atenção e interesse dos turistas em plena zona histórica do Porto?

Visitas guiadas pelo edifício ☐ Folhetos Informativos ☐
Atividades dinâmicas ☐ Exposições ☐
Internet ☐

Outros? ☐ Quais? _____

Inquérito por Questionário
(Escola)

30- Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

31- Anos de docência/experiência: _____

32- Tem conhecimento do Edifício que fica no largo de S. Domingos que se intitula hoje de Palácio das Artes – Fábrica de Talentos?

Sim ☐ Não ☐

33- Se sim, conhece alguma atividade dinamizada pelo mesmo?

Sim ☐ Quais? _____

Não ☐

34- O que seria interessante dinamizar no Palácio das Artes? O que poderia cativar a atenção no sentido de se tornar pertinente a visita da comunidade escolar?

35- Considera relevante a existência de um serviço educativo no mesmo edifício?

Sim ☐ Não ☐

36- Na sua opinião, quais as áreas que gostaria de ver exploradas pelo Palácio das Artes?

Desporto ☐ Música ☐ Pintura ☐ História ☐ Literatura ☐

Novas Tecnologias ☐ Jogos interativos ☐

Outras ☐ Quais? _____

37- Tem conhecimento da história do Edifício onde hoje se encontra instalado o Palácio das Artes?

Sim ☐ Não ☐

38- Como considera importante dar a conhecer aos visitantes essa mesma história, uma vez que este está classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela Unesco?

- Divulgação na Internet ☐
- Divulgação nas escolas ☐
- Visitas ao edifício ☐
- Atividades no edifício ☐
- Outros ☐ Quais? _____

39- Qual o papel que os/as jovens poderiam exercer na dinamização de um espaço como o Palácio das Artes?

40- Acharia possível uma cooperação entre a Fundação da Juventude e a Comunidade Escolar?

Sim ☐

De que forma?

Não ☐

APÊNDICE III

Cartaz e Ficha de Inscrição para o *Workshop* “Empregabilidade e Técnicas de Procura de Emprego”



Objetivos:

- Promover a reflexão e o debate sobre a empregabilidade entre os jovens;
- Dar a conhecer técnicas de procura de emprego eficazes e atuais;
- Desenvolver competências pessoais necessárias à procura de emprego.

Alexandra Sofia Babo

ALUNOS *que* **SABEM**
grupo PESSOASQUE SABEM MAIS

Alexandra Sofia Babo licenciou-se em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, em 2005 e fez uma pós-graduação em Neuropsicologia em 2006. Possui um curso de especialização na área da mediação de conflitos.

Iniciou a sua atividade profissional como colaboradora em projetos de investigação na mesma faculdade e na empresa CEGOC e, em 2007, passou a exercer funções de Técnica Superior de Psicologia na Santa Casa da Misericórdia de Paredes, intervindo junto de populações de risco e famílias disfuncionais. Entre 2009 e 2011 esteve colocada no Agrupamento de Escolas de Paredes, onde trabalhou em conjunto com Andreia Cabral no desenvolvimento e na implementação do projeto TEIP, nomeadamente no âmbito da formação e no acompanhamento de pais e educadores.

Atualmente, exerce psicologia clínica e é colaboradora da Prevenção Rodoviária Portuguesa. Formadora com CAP

Duração 30 de novembro de 2012

Horário pós-laboral 18h às 20h

Valor 15 euros (não reembolsável)

Local Fundação da Juventude - Rua das Flores n.º69 Porto

Data limite de inscrições até 28 de Novembro

Número mínimo de inscrições 10 participantes

Contactos palaciodasartes@fjuventude.pt ou apinheiro@fjuventude.pt
telefone 22 202 23 80 ou fax 22 339 35 44



23 anos **fundação da juventude**

Para mais informações sobre conteúdos visite:

www.fjuventude.pt

FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____

Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____

Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar:

3. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efectuado até 48h antes do início da formação, através de:

- ☐ Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- ☐ Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- ☐ Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

APÊNDICE IV

Cartaz e Ficha de Inscrição para o *Workshop* “Gestão da Carreira Criativa”



Neste workshop teórico-prático direccionado para artistas e empreendedores criativos apostamos na criação de capacidade e recursos que permitem o desenvolvimento de uma carreira sustentável. Os participantes aprendem a gerir a sua carreira artística, ficando munidos de ferramentas para conseguir desenvolver e concretizar as suas ideias. Serão abordadas e trabalhadas questões-chave desde planeamento, apresentação, marketing, auto-promoção, financiamento e aspectos legais. Iremos também fomentar a pro-actividade dos participantes, identificar soluções criativas para tornar os próprios projectos sustentáveis e promover o empreendedorismo.

Público-alvo: Jovens estudantes na área das artes; Criativos activos que se queiram promover e gerir a sua carreira; Artistas plásticos, designers, ilustradores, fotógrafos, freelancers, actores, músicos, dançarinos, escritores, etc.

Inês Bento Coelho

Artista plástica, designer freelance, gestora de projectos, e fotógrafa, está envolvida em projectos de exposições, webdesign, design e curadoria. Nasceu em Lisboa, e estudou Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Em 2008 mudou-se para Cambridge, UK, ao abrigo do programa Leonardo Da Vinci: estagiou e trabalhou em St Barnabas Press como assistente de gravura e de estúdio. Em 2009 esteve em Los Angeles ao abrigo do programa INOV-ART, estagiando em McGroarty Arts Center (ONG) no âmbito de administração das artes, fotografia, curadoria, e webdesign. Durante a sua estadia de 9 meses em Los Angeles frequentou cursos e seminários no Center for Cultural Innovation, no Center for Non Profit Management e no GYST - Getting Your S*t Together, instituições não governamentais que se dedicam ao desenvolvimento de carreiras artísticas.

Data	25, 26, 27 e 28 de Março 2013
Horário	Pós-laboral das 18h30 às 22h30
Duração	16 horas (4 sessões)
Valor	60€/participante (não reembolsável)
Local	Fundação da Juventude, Porto
Data limite de inscrições	2 dias úteis antes do workshop
Número mínimo de inscrições	10 participantes
Contactos	Alexandra Pinheiro > apinheiro@fjuventude.pt / palaciadasartes@fjuventude.pt Telefone 22 202 23 80 / Telemóvel 961 797 295



23 anos
fundação da juventude
www.fjuventude.pt
t f in

FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____

Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____

Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar:

3. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efectuado até 48h antes do início da formação, através de:

- Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

APÊNDICE V

Ficha de Avaliação de *Workshops*

Avaliação do workshop “Comande o seu Cérebro”

As seguintes questões servem para compreender as suas impressões sobre a qualidade e o impacto desta formação. Neste sentido, solicitamos a sua colaboração no preenchimento deste pequeno questionário, cujos dados serão tratados de forma confidencial e apenas para os efeitos acima mencionados.

1- Assinale o valor correspondente à sua opinião relativamente aos pontos abaixo referidos.

	1 (Muito insatisfeito/a)	2	3	4	5 (Muito Satisfeito/a)
Rigor e qualidade da formação					
Interesse da Formação para a vida quotidiana					
Interesse da formação para a vida profissional					
Qualidade da dinamização organizada pela formadora					
Espaço onde se realizou a formação					
Duração da Formação					

2- Como tomou conhecimento deste workshop?

Site da Fundação da Juventude ☐

E-mail de divulgação do workshop ☐

Redes Sociais ☐

Outras ☐

Quais? _____

3- Este workshop...

Ficou abaixo das minhas expectativas ☐

Correspondeu às minhas expectativas ☐

Superou as minhas expectativas ☐

4- Assinale 2 aspetos que considere positivos e 2 aspetos que considere negativos desta formação.

Positivos

1- _____

2- _____

Negativos

1- _____

2- _____

5- Indique outros temas que gostaria de ver abordados em futuros workshops

Muito Obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE VI

Cartaz e Ficha de Inscrição para o Workshop “Viagem ao Passado!”



VIAGEM AO PASSADO !!!!!

SE TENS MAIS DE 16 ANOS VEM PARTICIPAR
NA RECRIAÇÃO DA HISTÓRIA DO PALÁCIO
DAS ARTES - FÁBRICA DE TALENTOS,
DESCOBRINDO O LARGO DE S. DOMINGOS NO
SÉCULO XIII!

WORKSHOP DE TEATRO E CRIAÇÃO DE UM PEQUENO ESPETÁCULO

- São 18 sessões a iniciar a partir de dia **01 de Fevereiro** nas Instalações da Fundação da Juventude, até dia **23 de Março**, dia em que será apresentado o espetáculo (dia das comemorações dos centros históricos).
- Possibilidade de escolha entre **dois** horários: 3ª feira e 6ª feira das 18h30 às 20h30 ou das 21h00 às 23h00.
- Faz já a tua inscrição preenchendo e enviando a ficha respetiva.
- **Preço:** 72€ por pessoa (18 sessões)
- **Formadora** Eva Fernandes:

Licenciada em comunicação Social, é atriz profissional desde 1994. Trabalhou nas companhias Teatro das Beiras, Cendrev, Teatro do Noroeste, Cultural Kids, Pé de Vento, Panmixia, TEP e Art'Imagem. Com os seguintes encenadores: José Carretas, Gil Salgueiro Nave; Castro Guedes; Mário Barradas, José Leitão, Pedro Wilson, João Luis, Isabel Bilou, Rui Sena. Trabalhou autores como Gil Vicente, Carlo Goldoni, José Sanchis Sinisterra, Lope de Rueda, Marivaux, Sean O'Casey, Gregory Motton, Manuel Martinez Mediero, Tennessee Williams, Álvaro Magalhães, José Carretas, Christine Blondel, Molière, Berthold Brecht, Camilo Castelo Branco, Henrik Ibsen. Participou como atriz numa série na T.V Galega ("Fios"); em várias curtas metragens; como figurante em filme de Margarida Gil.

Fez formações com Junior Sampaio, Alexander Kelly, Jorge Alonso, Guilherme Heras, Iwan Brioc.

Fez assistência de encenação; tradução de pequenos textos; já realizou vários trabalhos no Museu Municipal de Esposende, para a Comunidade de Inserção Social de Esposende, com grupos de mulheres com problemas de alcoolismo (coordenação de Oficina de Teatro; coordenação de Oficina de Escrita; criação de Espetáculo);

Também neste museu realizou oficinas de Expressão Dramática com grupos de crianças e jovens.

Trabalhou com grupos de Teatro Amador do Concelho de Stª Maria da feira: oficina e criação de espetáculo (e criação de textos)

Faz parte do Programa de Itinerâncias da Direcção Geral do Livro, desde 2001.

Faz trabalho de animação no Museu do Carro Elétrico.

GARANTE JÁ A TUA VAGA!!



 fundação
da juventude

Contactos para inscrições e/ou informações adicionais: palaciodashartes@fjuventude.pt ou apinheiro@fjuventude.pt

Telefone: 22 202 23 80

Telemóvel: 961 797 295

FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____

Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar:

3. Horário pretendido:

Terças feiras e sextas feiras das 18h30 às 20h30 ☐

Terças feiras e sextas feiras das 21h00 às 23h00 ☐

4. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efectuado até 48h antes do início da formação, através de:

- Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

APÊNDICE VII

Cartaz e Ficha de Inscrição para o *Workshop* “Comande o seu Cérebro”



A programação neurolinguística (PNL) é considerada a nova tecnologia do sucesso. A PNL reprograma o cérebro de forma a que cada pessoa desenvolva as suas capacidades e atinja a excelência. Neste workshop terá a oportunidade de ver como a PNL consegue modificar comportamentos de uma forma rápida e eficaz: perder um medo ou uma fobia, ter acesso a emoções positivas em qualquer momento (calma, confiança, etc.), desenvolver crenças potenciadoras, estimular a imaginação e criatividade e livrar-se de compulsões. Neste workshop traga os seus medos, as suas fobias, as suas crenças limitadoras, as suas compulsões para serem ultrapassadas, fazendo com que se torne uma pessoa mais confiante e segura de si.

Ana Paula Silva

Licenciada em Educação Social, com pós graduação em reabilitação e inserção social pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Nos últimos 6 anos tem vindo a trabalhar apenas na área da formação com funções de mediadora de cursos EFA, coordenadora pedagógica de cursos de aprendizagem e formadora nas áreas de geriatria, acção educativa, animação sociocultural, gestão de conflitos, gestão de tempo, comunicação interpessoal, coaching e PNL. Certificada pela International Coaching Community em Coaching. Certificada em coaching por valores pelo Dr. Simon Dolan. Certificada pela The International Association for NLP em Practitioner de Programação Neurolinguística (PNL)

2ª Data	23 Fevereiro 2013 (Sábado), das 9h00 às 13h00
1ª Data	26 Fevereiro 2013 (Terça), das 14h30 às 18h30
Duração	4 horas
Valor	15€/participante (não reembolsável)
Local	Fundação da Juventude, Porto
Data limite de inscrições	2 dias úteis antes do workshop
Número mínimo de inscrições	10 participantes
Contactos	Alexandra Pinheiro > apinheiro@fjuventude.pt / palaciadasartes@fjuventude.pt Telefone 22 202 23 80 / Telemóvel 961 797 295



23 anos
fundação da juventude
www.fjuventude.pt
t f y

FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____

Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar:

3. Opção de Horário:

Dia 23 de Fevereiro das 09h00 às 13h00 ☐

Dia 26 de Fevereiro das 14h30 às 18h30 ☐

4. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efetuado até 48h antes do início da formação, através de:

- Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

APÊNDICE VIII

Cartaz e Ficha de Inscrição para a Oficina de Escultura “Reciclarte & Style”



Esta oficina tem objectivos de carácter informativo e formativo, coexistindo uma estreita relação entre o conhecimento e a aprendizagem dos processos plásticos com acompanhamento particular a cada participante. Fornecida a teoria, deverá ser dada prova do conhecimento dos/as participantes por via plástica, prática e teórica. Toda a prática ocupará 4 sessões que passam pela experiência laboratorial e, seguidamente, com desenvolvimento de alguns exercícios.

Destinatários: 13 aos 20 anos de idade.

Material necessário: Os participantes deverão trazer caixas de cartão que já não utilizem, para a oficina.

Fábio Dias

Fábio Dias é um jovem artista plástico, natural de Paços de Ferreira, licenciado pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Atualmente, fez 14 exposições de arte no Centro Histórico do Porto, cidade que o acolheu desde o início da sua carreira artística. Utiliza no seu trabalho faiança, porcelana, vidro, cartão e materiais recicláveis. Na escultura deparamos com várias alusões ao mundo do consumo, aos desejos e à gastronomia universal, através de sensações e desejos, ou outros motivos artísticos. Na cidade do Porto, trabalhou também como curador de eventos artísticos com vários artistas e colaborou com galeristas portuenses e associações culturais.

Data	8, 15, 22 e 29 de Março 2013 (Sextas-feiras)
Horário	Das 15h às 18h
Valor	22,5€/participante (não reembolsável)
Local	Fundação da Juventude, Porto
Data limite de inscrições	2 dias úteis antes do workshop
Número mínimo de inscrições	10 participantes
Contactos	Alexandra Pinheiro > apinheiro@fjuventude.pt / palaciodasartes@fjuventude.pt Telefone 22 202 23 80 / Telemóvel 961 797 295



FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____

Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar:

3. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efetuado até 48h antes do início da formação, através de:

- Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

APÊNDICE IX

Cartaz e Ficha de Inscrição para a Oficina “Safari Fotográfico pela Cidade do Porto”



Pretende-se com esta ação de formação transmitir aos participantes o conhecimento necessário para a boa captação de imagens fotográficas e o bom uso das câmaras fotográficas e dispositivos móveis bem como aprofundar conhecimentos na área da fotografia digital ao longo de um percurso fotográfico pela zona histórica da cidade do Porto.

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Iniciação à fotografia (5h); Safari fotográfico ou prática fotográfica (3h); Criação de portfólio digital para seleção, seriação de imagens a expor/projetar e inauguração (4h).

Público-alvo: Maiores de 15 anos de idade

Nota: cada participante deverá ter câmara fotográfica digital e computador com software de tratamento de imagem.

Rita Almendra

Reside no Porto onde iniciou um ciclo de estudos no campo das artes e fotografia. É pós graduada em Arte e Educação e desenvolve trabalho com crianças e adultos nas áreas lúdico-expressivas e de ensino pela imagem, em regimes de ensino formal e não formal. Como artista encara o seu olhar como uma extensão da lente, colocando a ação no tempo presente da objetiva, e é nesse instantâneo que separa objetos e momentos da sua própria história, desafiando-lhes assim os significados.

Datas	25, 26 e 27 de Março 2013
Horário	Das 10h às 14h ou das 14h às 18h
Valor	50 euros (não reembolsável)
Local	Fundação da Juventude, Porto
Data limite de inscrições	2 dias úteis antes do workshop
Número mínimo de inscrições	10 participantes (mínimo)
Contactos	Alexandra Pinheiro – apinheiro@fjuventude.pt Telefone 22 202 23 80 / Telemóvel 961 797 295



23
anos
**fundação
da juventude**
www.fjuventude.pt
t f i

FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____

Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar:

3. Opção de Horário:

10h às 14h ☐

14h às 18h ☐

4. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efetuado até 48h antes do início da formação, através de:

- Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

APÊNDICE X

**Plano Inicial, Cartaz e Ficha de Inscrição para o *Workshop*
“Vamo-nos Entender!”**

Workshop “Vamo-nos entender!- Mediação de conflitos em Contexto Escolar”

Descrição:

Este workshop consiste numa abordagem teórico-prática do conceito de mediação e sua aplicação prática no contexto escolar. Pretende capacitar os/as jovens de forma a resolverem os seus conflitos através do diálogo, da comunicação e do respeito pelos interesses de ambas as partes. Utilizando como estratégia a simulação de algumas situações onde a mediação se revela como uma possibilidade de método de resolução de conflitos, pretendemos possibilitar aos participantes uma postura ativa enquanto mediadores/as.

Conteúdos:

- **O Conflito** - contribui de forma decisiva para o crescimento e amadurecimento dos indivíduos. A presença do conflito pode funcionar como um potenciador da necessidade de submissão a um processo de mediação;
- **A Negociação** - processo de gestão de conflitos, onde as partes tentam chegar a um acordo, através da comunicação recíproca, não abandonando simplesmente a relação que estabelecem entre elas;
- **O Processo de Mediação** – definido, em termos gerais, como a intervenção, numa negociação ou num conflito, de um terceiro elemento neutro e imparcial aceite pelos outros dois elementos;
- **Mediação Escolar** - a mediação educativa no nosso País começou a surgir na década de noventa trazendo consigo importantes contribuições para o início do estabelecimento deste processo em contextos educacionais. Esta deve permitir a todos os atores da comunidade educativa, encarar os conflitos entre pares como algo natural, positivo e potenciador de mudança.

Duração: 1 sessão (3 horas)

Destinatários: Jovens a partir dos 15 anos de idade

Data e Horário: 13 de Abril, das 10h00 às 13h00

Número mínimo e máximo de participantes: 10 mínimo e máximo de 15

Preço: 10€

Formadoras: Daniela Silva e Joana Trancoso

Nota biográfica:

As formadoras são Licenciadas em Ciências da Educação e encontram-se no último ano do Mestrado na mesma área no domínio de Juventudes, Educação e Cidadania. Na sua formação adquiriram conhecimento aprofundado na área da Mediação Sócio - educativa, nomeadamente no âmbito da mediação de conflitos e em contexto escolar. Possuem experiência na conceção, organização e desenvolvimento de atividades destinadas a diferentes públicos, com especial foco na área da Juventude.

“Vamos-nos Entender!”

Workshop de Mediação de Conflitos em Contexto Escolar

Este workshop consiste numa abordagem teórico-prática do conceito de mediação e sua aplicação prática no contexto escolar. Pretende capacitar os/as jovens de forma a resolverem os seus conflitos através do diálogo, da comunicação e do respeito pelos interesses de ambas as partes.

Data: 13/04/2013

Hora: das 10h00 às 13h00



Formadoras: Daniela Silva e Joana Trancoso

As formadoras são Licenciadas em Ciências da Educação e encontram-se no último ano do Mestrado na mesma área no domínio de Juventudes, Educação e Cidadania. Na sua formação adquiriram conhecimento aprofundado na área da Mediação Sócio - educativa, nomeadamente no âmbito da mediação de conflitos e em contexto escolar. Possuem experiência na conceção, organização e desenvolvimento de atividades destinadas a diferentes públicos, com especial foco na área da Juventude.

Destinatários: Jovens a partir dos 15 anos de idade

Número mínimo e máximo de participantes: 10 mínimo e máximo de 15

Preço: 10€

Data limite de Pagamento: 11 de Abril de 2013

Contatos para inscrições e/ou informações adicionais:
palaciadajuventude@juventude.pt ou
apoiamento@juventude.pt

Teléfono: 22 202 23 80
Teléfono: 961 797 295



II Juventude

FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____

Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar:

3. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efetuado até 48h antes do início da formação, através de:

- Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

APÊNDICE XI

Ficha de Avaliação do Workshop “Vamo-nos Entender!”

Avaliação do workshop “Comande o seu Cérebro”

As seguintes questões servem para compreender as suas impressões sobre a qualidade e o impacto desta formação. Neste sentido, solicitamos a sua colaboração no preenchimento deste pequeno questionário, cujos dados serão tratados de forma confidencial e apenas para os efeitos acima mencionados.

1. Assinale o valor correspondente à sua opinião relativamente aos pontos abaixo referidos.

	1 (Muito insatisfeito/a)	2	3	4	5 (Muito Satisfeito/a)
Rigor e qualidade da formação					
Interesse da Formação para a vida quotidiana					
Interesse da formação para a vida profissional					
Qualidade da dinamização organizada pela formadora					
Espaço onde se realizou a formação					
Duração da Formação					

2-Esta sessão...

Ficou abaixo das minhas expectativas

Correspondeu às minhas expectativas

Superou as minhas expectativas

3- Assinale 2 aspetos que considere positivos e 2 aspetos que considere negativos desta formação.

Positivos

3- _____

4- _____

Negativos

3- _____

4- _____

4- Apóes esta sessão qual a sua opinião acerca do conflito?

5- Em que outros contextos podemos encontrar conflitos?

6-Já tinha conhecimento acerca do processo de mediação?

Sim ☐
Não ☐

Se sim, como?

7-Que mudanças faria no contexto escolar no sentido de gerir melhor os conflitos entre os diferentes elementos da comunidade escolar?

8- Indique outros temas que gostaria de ver abordados em futuros workshops

Muito Obrigada pela sua colaboração!

APÊNDICE XII

Cartaz Informativo das Exposições Gratuitas a Decorrer no PAFT



22 | Fundação
da Juventude

Entrem e Descubram Exposições Gratuitas

- **"As Gordas" de Patrícia Almeida**
(até ao dia 19 de Outubro)
- **"Ilustrações de Maria de los dilemas", mais conhecida como Ista. LosDilemas**
(até dia 27 de Outubro)
- **"Cidade e Arquitetura" - Programa de Bolsas de Investigação na área da cidade e da Arquitetura**
(Desde dia 12 às 19h30m até dia 27 de Outubro)

Palácio das Artes - Fábrica de Talentos

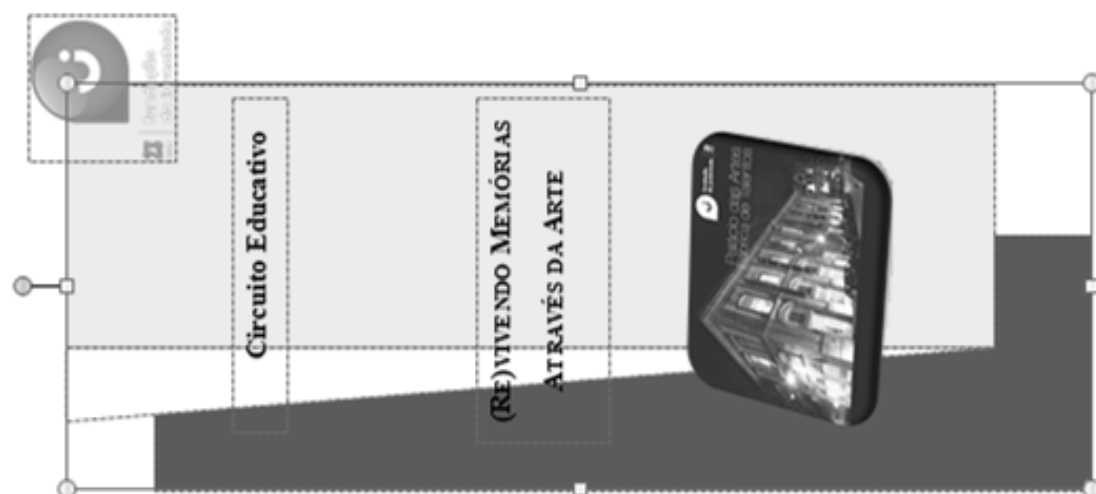
Telefone: +351 222 022 022

Email: palci@palciartes.fabricadetalentos.pt

Site: www.fabricadetalentos.pt

APÊNDICE XIII

Brochuras Relativas ao Circuito de Visitas ao PAFT



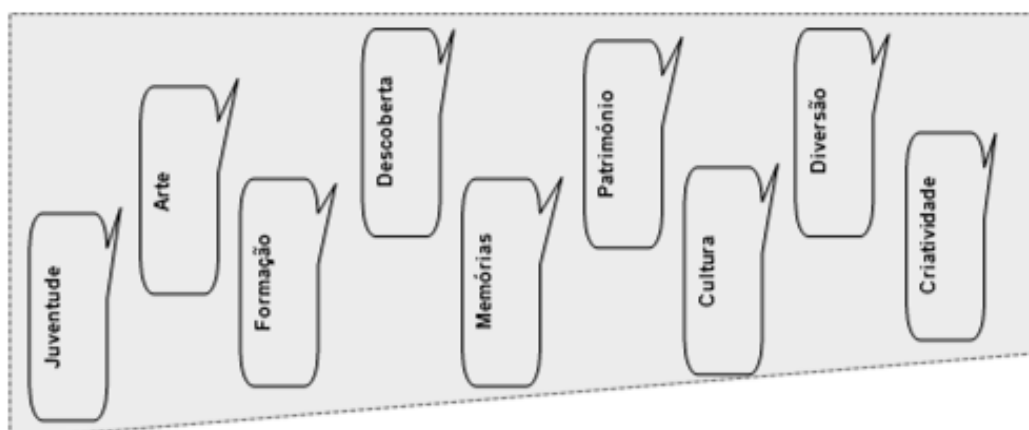
Palácio das Artes — Fábrica de Talentos

Endereço: Largo de S. Domingos, 16-22-4050 Porto

Telefone: 22 202 38 76 / 22 202 23 80

Telefaxes:

Horário de funcionamento: Todos os dias das 9h30 às 19h00.



Passando na memória e descobrindo o futuro.

Este Circuito Educativo tem como objetivo primordial trazer para os alunos as questões da educação local, ligadas com a cultura e a arte. Aprende-se, então, sobre a educação a outro nível, criando um momento de formação, que permite aos jovens uma aproximação dinâmica e interativa ao passado repleto de descobertas relativas a toda a história que o edifício encerra em si.

O património constrói-se como uma referência aos acontecimentos passados, dando identidade ao presente.

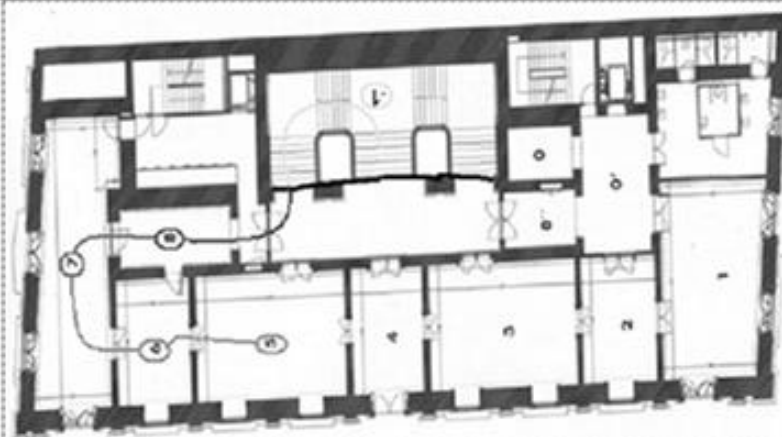
Os movimentos de cultura não podem deixar de estar associados a acontecimentos passados de uma certa forma, pensar dinâmicas antigas do futuro.

Assim, é importante embelezar nesta viagem, que nos leva a conhecer diversas etapas deste local ao longo da História, de modo a manter as memórias e as presentes na vida dos jovens, que contactam com o passado, à medida que vão transformando saberes a partir da comunicação entre os seus conhecimentos e os deste edifício.

Um E edifício que se transforma.



Entre e Descubre. Viaja Conhecendo no tempo.



Atrave-te a entrar nesta viagem pela história do Edifício Douro!

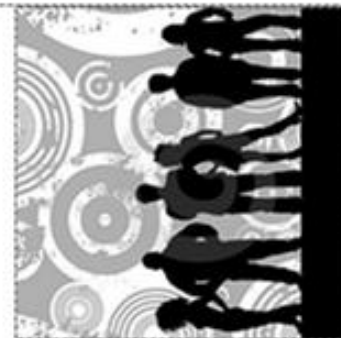
Vem descobrir como é ser-se jovem em vários marcos no tempo!

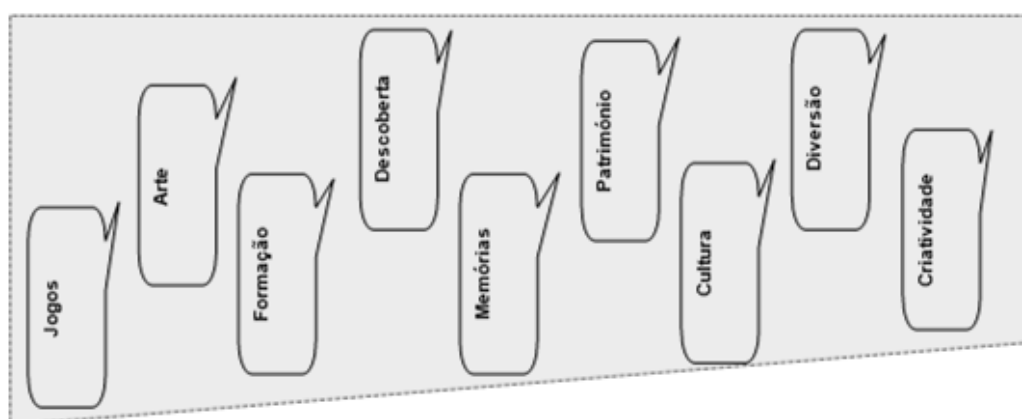
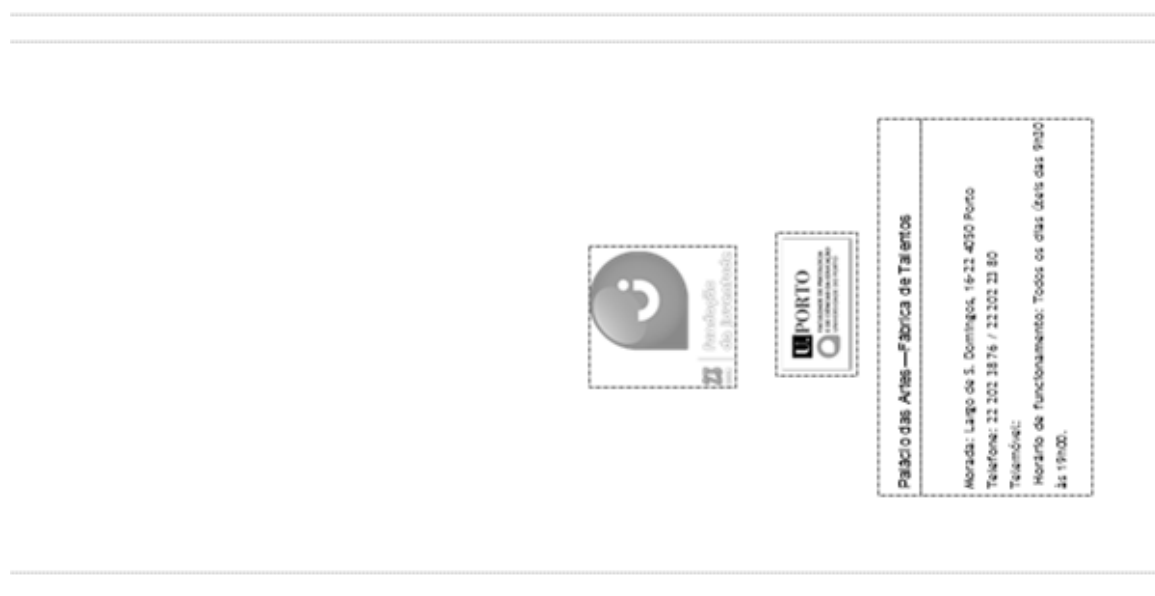
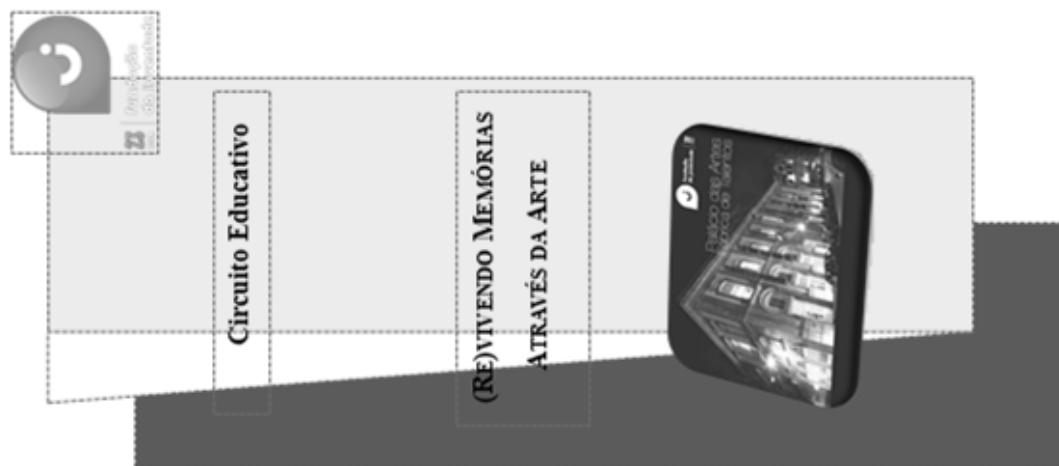
Descobre como se passava para a vida adulta em campos como a intimidade e o emprego!

Entra! Diverte-te! Experimenta! Descobre!

Traz os teus amigos!

Responde às perguntas que o Edifício tem para te colocar e habilita-te a ganhar um prémio!





Passeando nas memórias. descobrimo o futuro

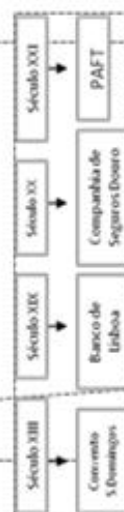
Este Circuito Educativo tem como objetivo primordial trazer para debate as questões da educação interligadas com a cultura e a arte. Pretende-se, então, levar a educação a outro nível, criando um momento de formação, que permita às crianças um aprofundamento dinâmico e interativo ao passado repleto de descobertas relativas a toda a história que o edifício encerra em si.

O património constitui-se como uma referência aos acontecimentos passados, dando identidade ao presente.

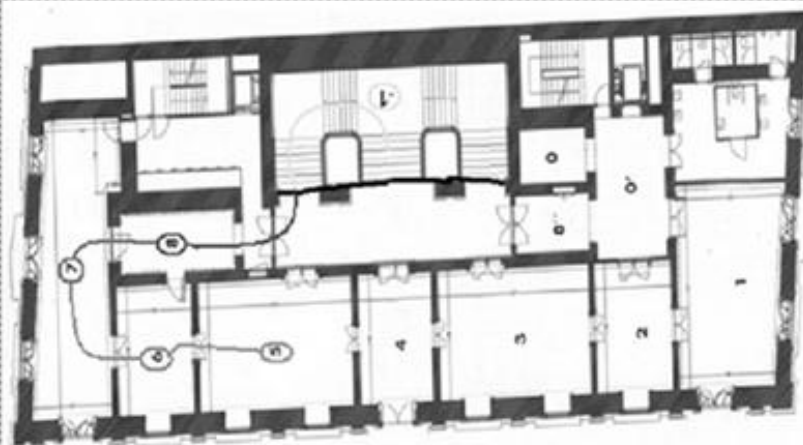
Os movimentos de cultura não podem deixar de estar associados a acontecimentos passado para, de certa forma, pensar dinâmicas artísticas do futuro.

Assim, é importante embarcar nesta viagem, que nos leva a conhecer diversas etapas deste local ao longo da História, de modo a manter as memórias acessas e presentes na vida da população, que contactam com o passado, à medida que vão transformando saberes a partir da comunicação entre os seus conhecimentos e os deste edifício.

Um Edifício que se transforma



Entra e Descobre. Viaja Comtempo no tempo.



Areve-te a entrar nesta viagem pela história do Edifício Douro!

Vem brincar como no tempo dos Reis!

Descobre os jogos que os teus pais e avós jogavam quando eram da tua idade!

Entra! Diverte-te! Experimenta! Descobre!

Traz os teus amigos!

Responde às perguntas que o Edifício tem para te colocar e habilita-te a ganhar um prémio!



APÊNDICE XIV

Plano do Circuito de Visitas ao PAFT

A ideia é ter um circuito simples permanente, que dê a conhecer a história do edifício com imagens e textos que contem a vida do edifício, desde que nasceu até à atualidade. Esta visita será livre e sem marcação.

Pontualmente poderão ocorrer visitas temáticas onde, além do que constitui a visita simples, também estarão presentes atividades relacionadas com a temática a explorar.

Apresentamos, na página seguinte, dois circuitos: um para crianças, que fala da evolução do jogo e ocupação dos tempos livres ao longo tempo e um para jovens, que trata das questões da transição para a vida adulta, nomeadamente nas vertentes da intimidade e do emprego.

Sala	Crianças	Jovens	Geral
-1 (Escadaria)	<p>Perguntas sugestivas cuja resposta pode ser encontrada ao longo do percurso:</p> <p>“Queres viajar no tempo e brincar connosco?”</p> <p>“Sabias que tipo de jogos existiam no século XIII?”</p> <p>“Onde era o banco de Portugal no Século XIX?”</p> <p>“Sabias que estás a pisar o século XIII, XIX, XX e XXI?”</p> <p>“Sabes há quanto tempo vive este edifício?”</p>	<p>Perguntas sugestivas cuja resposta pode ser encontrada ao longo do percurso.</p> <p>“Queres viajar no tempo?”</p> <p>“Sabias que a noção de juventude não existia no século XIII?”</p> <p>“Como é que o/a jovem existe ao longo do tempo?”</p> <p>“Onde era o banco de Portugal no Século XIX?”</p> <p>“Sabias que estás a pisar o século XIII, XIX, XX e XXI?”</p> <p>“Onde podes encontrar criatividade e inovação?”</p> <p>“Este edifício respira há 800 anos. E a juventude?”</p> <p>“Júlio Diniz está por aí. Encontra-o.”</p> <p>“Como se transforma a passagem para a vida adulta ao longo do tempo?”</p>	<p>Cartaz informativo alusivo ao circuito, assim como elementos decorativos (fotografias de cada época e/ou de cada sala do circuito) alusivos a cada uma das épocas retratadas.</p> <p>Entrega de um folheto informativo sobre o circuito de visita (realizado por nós e que também será utilizado como meio de divulgação) e de um quiz para os/as participantes irem procurando as respostas e/ou pistas ao longo do circuito e responder no final de todas as atividades.</p> <p>Perguntas a definir.</p>
Sala 7 (Metade)-Convento	<p>Exposição de jogos da época (xadrez, dados, cartas).</p> <p>Explicar que as brincadeiras de criança eram iguais às dos adultos.</p>	<p>É dado aos/às jovens um conjunto de expressões que podem ou não marcar a transição para a vida adulta nessa época. Cabe aos/às participantes organizar numa tabela aquelas que acham mais adequadas a cada género.</p>	<p>Exposição das roupas usadas na época (Parceria com Modatex)</p>
Sala 8 - Banco	<p>Fios tipo “lasers” para os/as participantes passarem sem lhes tocar. (esta atividade está inserida, como foi dito anteriormente, num circuito de visita pontual e com marcação, pelo que não será permanente,</p>	<p>Fios tipo “lasers” para os/as participantes passarem sem lhes tocar. Caso toquem, será acionado um sininho. Terá de voltar para trás e conseguir passar sem fazer barulho.</p> <p>Ao chegar ao final,</p>	

	<p>dando espaço a outros eventos/exposições). Caso toquem, será acionado um sininho. Terá de voltar para trás e conseguir passar sem fazer barulho. Ao chegar ao final, cada criança recebe um recorte de uma fábula de La Fontaine em banda desenhada ou texto (que estará desordenada e dividida em recortes que representam vários momentos da história). Quando todo o grupo terminar o desafio, ser-lhes-á pedido que montem a história (por exemplo, ordenando os vários momentos da história com fita cola num quadro/estirador) e explica-se que contar histórias era a forma de diversão.</p>	<p>recebem cartões com números que correspondem à resposta a várias questões do quiz relacionadas com a transição para a vida adulta e intimidade.</p> <p>(estes “cartões” serão produzidos por nós, estagiárias do Serviço Educativo. Dado o carácter pontual da visita, nós mesmas podemos encarregar-nos de acompanhar os/as visitantes)</p>	
Sala 6/7 - Seguradora	<p>Metade da sala 7: inícios do século XX (jogos tradicionais):</p> <p>Jogo do pião (no chão ou numa superfície no chão para não correr o risco de danificar o mesmo) (quem consegue estar mais tempo com o pião a rodar)</p> <p>Desenhar o jogo da macaca no chão (fita cola de cor, também numa superfície que proteja o chão)</p> <p>Sala 6: Finais do século XX:</p> <p>Identifica a personagem! – identificar personagens</p>	<p>Exposição de excertos de filmes que retratem a juventude nos anos 30. (possibilidade de parceria com arquivos da RTP ou da cinemateca portuguesa)</p> <p>Jogo da música: colocam-se à disposição (num computador com auscultadores) excertos de vários géneros musicais que estão relacionados com as culturas juvenis. O objetivo é que os/as participantes identifiquem os movimentos juvenis com base nos género musicais que ouvem.</p> <p>Jogo da roupa: várias peças de roupa</p>	

	<p>de desenhos animados, que estarão retratadas em imagens que serão colocadas dentro de uma caixa e cada visitante irá retirar uma imagem e tentará identifica-la.</p> <p>Construção em legos – constroem qualquer coisa que tenham visto ao longo da visita</p> <p>(Se possível, seria interessante ter a parceria da empresa Lego para termos acesso a alguns conjuntos de blocos de construção para usarmos no circuito)</p>	<p>alusivas a vários movimentos juvenis estão amontoadas a um canto da sala. (parceria com alguma empresa têxtil (Modatex é uma hipótese)). Cabe a cada participante/grupo terá de colocar cada peça no cesto correto.</p> <p>Exposição de informação escrita em pequenos cartazes, também produzidos por nós, relativas à transição, visto que é neste século que a juventude começa a ser destacada, daí a maior relevância ao grupo juventude.</p>	
Sala 5: PAFT	<p>Fotos de várias consolas de jogos de vídeo que eles têm de identificar (que estarão expostas ou projetadas na parede)</p>	<p>Período marcado por problemas na transição para a vida adulta (crise).</p> <p>Quadro/Tela onde os/as jovens tentam identificar, na sua opinião, os maiores problemas atuais que a juventude enfrenta na transição para a vida adulta e possíveis soluções para esses mesmos problemas.</p>	<p>Exposição dos jornais das feiras, fotografias das feiras e das tertúlias, workshops, etc. Folhetos informativos sobre o PAFT.</p>

Aspetos gerais:

Traduções dos textos que se encontram nos cartazes que estarão permanentes na exposição e que poderão ser traduzidos por nós.

Fita colorida indicando o trajeto a percorrer pelos/as visitantes

Música ambiente de cada época em cada uma das salas. (!) – Não sabemos se será possível

Imagens alusivas a cada etapa da vida do edifício e da juventude em cada época.

(possibilidade de parceria com alguma entidade que nos possa disponibilizar algumas fotografias do espaço em cada época, como por exemplo, bibliotecas)

Placas informativas com texto que retrate a história do edifício (texto produzido por nós)

Entrega do quiz para correção:

Totalidade de respostas certas: “medalha” de ouro (pin alusivo ao PAFT)

6 a 8: “medalha” de prata

3 a 5: “medalha” de bronze

Recursos:

Papel branco para impressões de texto/foto, Canetas/Marcadores, xadrez ; dados; baralhos de cartas; Papel de cenário; Cartolina; 1 Computador com auscultadores; Projetor; Jornais das feiras francas; Fotografias ; Folhetos do PAFT; Fotografias antigas do edifício e da vida da cidade; Fita colorida; Panfletos do circuito; “medalhas” – pins alusivos ao PAFT; Música; Roupas; Cestos/caixas; Fios; Guizos; Pião; Legos

Empresas que possam disponibilizar materiais:

- Modatex;
- Arquivos da RTP;
- Instituto Multimédia;
- lego;
- Cinemateca Portuguesa;
- A Vida Portuguesa (Loja de Jogos Tradicionais);

Custos da parte da Fundação da Juventude:

- Papel branco de impressão: 2*2,99€
- Marcadores: 2* 2,99€
- Cartolina: 40 folhas * 0,60€
- Fita Colorida: 2* 1,49€
- Fio de Lã: 1€
- Guizos: 10 → 3€
- Pins Personalizados (loja online – vendas@lojadospins.com): 100* 1,25€
- Pessoas do Serviço Educativo: preço/hora?

Total: 167,94€

Exemplo de texto de placa informativa (alvo de maior desenvolvimento. Pequenos cartazes em cartão para afixar na parede):

Sala 7 (metade) – Convento de S. Domingos

“O Edifício nasce no século XIII em 1245, com a finalidade de ser um convento da ordem Dominicana”

“Local de reuniões entre elementos da burguesia”

“Espaço de comércio, caracterizado pelas Feiras Francas, realizadas no primeiro dia do mês, desde 1451”

“As feiras francas realizaram-se durante 111 anos”

“Este edifício foi vítima de 4 incêndios, que o destruíram, ficando apenas a fachada de pé”

Sala 8 – Banco de Portugal

“Em 1825, século XIX, instala-se o Banco de Portugal, na altura Banco de Lisboa neste local.”

“Foi então adaptado às necessidades do banco”

“A Caixa forte e os cofres que podemos encontrar ao longo do espaço são elementos que remontam a esta época”

Sala 7 (metade) e sala 6 – Companhia de Seguros Douro

“A Companhia de Seguros Douro instala-se no local no século XX (1934)”

“Surge daqui o nome do edifício: Edifício Douro”

“Pode ser encontrada uma placa alusiva a esta época do edifício à entrada da sala 1”

Sala 5 – PAFT

“Em 2001 (século XXI), a Fundação da Juventude adquire o edifício que foi alvo de mais uma remodelação.”

“Tentou-se preservar alguns elementos alusivos a cada época, de modo a conservar as memórias e o património.”

“Agora, enquanto Palácio das Artes – Fábrica de Talentos, destina-se ao apoio de jovens artistas. Criou-se então um polo de desenvolvimento cultural, social e económico.”

“situa-se numa zona histórica do Porto classificada de Património urbanístico da humanidade pela UNESCO.”

Quiz

O quiz é entregue no início da visita para que possam ir jogando e preenchendo o mesmo. Ou seja, algumas respostas ao quiz são o resultado dos jogos que encontram ao longo do circuito.

Exemplo de possíveis questões:

Quiz (crianças):

1- Quando é que nasceu este Palácio?

2- O que é que este Palácio já foi no passado? Podes escolher mais que uma opção.

Discoteca ☐ Convento ☐ Banco ☐ Shopping ☐ Café ☐ Companhia de Seguros ☐

3- Quais os jogos que foram mostrados na sala do Convento?

4- Qual a ordem da história que descobriste?

5- Identifica a Personagem:

1-

2-

3-

4-

6- Qual é o meu nome?

Fotografias

Nome

1

A

2
3
4
5

B
C
D
E

- 7- O que se faz agora neste Palácio?
- 8- Diz uma atividade que aconteça aqui no presente?
- 9- O que são as Feiras Francas?
- 10- Qual foi o número da última Feira Franca?

Quiz (Jovens):

1- Em que ano foi construído este edifício?

2- Ordena as etapas da sua vida:

Palácio das Artes – Fábrica de Talentos (PAFT)

Banco de Lisboa

Companhia de Seguros Douro

Convento de São Domingos

3- O Edifício Douro encontra-se numa zona caracterizada como Património
_____ pela UNESCO.

4- Responde as seguintes perguntas com os números que conseguiste ganhar neste desafio:

- Em que século o Banco de Lisboa se alojou aqui?

- Com que idade era normal e desejável casar nesta época?

- Em média quantos filhos tinham os casais deste século?

- Com que idade se ingressava no mercado de trabalho?

5- Coloca a expressão de acordo com o género que pensas que se refere:

Género Feminino	Género Masculino

6- Que estilo musical consegues identificar?

1-

2-

3-

4-

5-

7- Que roupas correspondem às seguintes culturas juvenis?

Punks –

Góticos –

Rastafari –

Hip Hop –

Dreds –

Hipies –

Metaleiros-

8- Em que ano nasceu o PAFT?

9- Que atividades se desenvolvem aqui?

10- O que é uma tertúlia? Quantas já existiram aqui?